

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Roberta Braga Chaves

INFORMAÇÃO EM PROFUNDIDADE E INSERÇÃO POPULAR NA TELEVISÃO
PÚBLICA:

a participação dos cidadãos no programa Caminhos da Reportagem – TV Brasil

Juiz de Fora
Fevereiro de 2015

Roberta Braga Chaves

**INFORMAÇÃO EM PROFUNDIDADE E INSERÇÃO POPULAR NA TELEVISÃO
PÚBLICA:**

a participação dos cidadãos no programa Caminhos da Reportagem – TV Brasil

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, área de concentração Comunicação e Sociedade, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Prof.^a Dra. Iluska Coutinho

Juiz de Fora

Fevereiro de 2015

Braga Chaves, Roberta.

INFORMAÇÃO EM PROFUNDIDADE E INSERÇÃO POPULAR NA TELEVISÃO PÚBLICA: A PARTICIPAÇÃO DOS CIDADÃOS NO PROGRAMA CAMINHOS DA REPORTAGEM - TV BRASIL / Roberta Braga Chaves. -- 2015.

143 p.

Orientadora: Iluska Maria da Silva Coutinho

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2015.

1. TV Pública. 2. TV Brasil. 3. Caminhos da Reportagem. 4. Democratização da Comunicação. 5. Cidadania. I. Coutinho, Iluska Maria da Silva, orient. II. Título.

Roberta Braga Chaves

Informação em profundidade e inserção popular na televisão pública: a participação dos cidadãos no programa Caminhos da Reportagem - TV Brasil

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Área de concentração Comunicação e Sociedade,
linha de pesquisa Comunicação e Identidades
Orientadora: Prof.^a Dra. Iluska Coutinho (UFJF)

Aprovada pela banca composta pelos seguintes membros:

Prof.^a Dra. Iluska Maria da Silva Coutinho (UFJF) – Orientador

Prof. Dr. Murilo César Ramos (UnB) – convidado

Prof. Dr. Paulo Roberto Figueira Leal (UFJF) – convidado

Conceito Obtido: -----

Juiz de Fora, _____ de _____ de 20 ____.

Ao Gustavo, meu amor, companheiro e grande incentivador. Seu apoio, carinho e compreensão foram fundamentais na busca por mais essa conquista. Amo você.

AGRADECIMENTOS

Meu maior agradecimento, neste momento, não poderia deixar de ser para Deus, quem me deu a vida e a capacidade de chegar até aqui, bem como Jesus e meus mentores espirituais, sempre me guiando e me enchendo de luz.

À minha amada família, em especial à minha mãe e ao meu pai, que sempre me incentivaram, acreditaram na minha capacidade e conduziram meus passos até onde puderam, sempre com amor e carinho. Meu muito obrigada a eles e ao meu irmão Renan, meu primeiro companheiro!

Ao Gustavo, mais uma vez, obrigada por me compreender e sempre me amar, mesmo nos momentos mais difíceis. Quando eu achava que não tinha mais forças, você me mostrou que eu podia muito mais.

Aos meus grandes amigos, que dividiram comigo as dores e as delícias da vida pessoal e acadêmica, sempre me apoiando e me mostrando que eu não estava sozinha, me fazendo rir e deixando minha vida mais colorida. Em especial aos queridos Allan, Allana, Isis, Jhonatan, Latika, Luiza e Nara (em ordem alfabética, porque amizade sem uma pitada de ciúmes não teria graça), obrigada por fazerem parte da minha vida!

À minha querida orientadora Iluska, que é uma grande amiga e uma verdadeira mãe, com quem sempre pude contar! Você me ensinou tanto nesses quase cinco anos de convivência, que nem posso aqui enumerar. Sei que ainda tenho muito o que aprender com você, e esteja certa que você não vai se livrar de mim tão cedo! Obrigada por me adotar, por me entender e me ensinar tanto, sempre com muito carinho e amizade.

Aos professores Paulo Roberto e Murilo, por terem sido fundamentais nessa etapa, me dando grandes contribuições na qualificação e aceitando agora, participar também da minha defesa. Obrigada por dividirem um pouco do conhecimento de vocês comigo.

Aos colegas, professores e funcionários do PPGCom, agradeço pelas ajudas, muito valiosas, e pela oportunidade de aprender um pouco com cada um.

Às jornalistas da TV Brasil Cintia, Carina, Ana Maria e Débora, agradeço pela grande disponibilidade em me ajudar, respondendo às minhas entrevistas com carinho e seriedade. Vocês enriqueceram muito meu trabalho e eu só tenho a agradecer.

Ao meu filho de quatro patas, Elétron, que sempre foi minha companhia constante e incansável. Meus dias, noites e madrugadas em frente ao computador seriam tristes sem seu calor esquentando meus pés, ou seu rabo abanando para mim, querendo brincar.

Enfim, agradeço a todos que de alguma forma fizeram parte dessa minha caminhada até aqui. Sei que sozinha jamais conseguiria nada, e acho bom que seja assim.

RESUMO

Estudar a TV Pública brasileira e a forma como ela promove a participação cidadã pode contribuir para uma sociedade mais justa e democrática, uma vez que o acesso à informação e à comunicação é um direito de todo cidadão, garantido por lei. Para tal, o intuito dessa dissertação é verificar de que forma o programa Caminhos da Reportagem, exibido pela TV Brasil, viabiliza a inserção do cidadão comum em seus programas, principalmente por meio das entrevistas. O Caminhos da Reportagem é um programa telejornalístico semanal que exhibe grandes reportagens, com uma duração média de 52 minutos. Como metodologia, o trabalho está baseado na análise de conteúdo e seu recorte empírico abarca 12 edições do programa, selecionadas dentro de um recorte macro de um ano. As análises realizadas contaram com uma parte quantitativa e outra qualitativa, sempre procurando destacar o papel de cada entrevistado presente. Em sua parte teórica, o trabalho busca abordar as relações existentes entre a mídia e a construção de identidade dos cidadãos, dando especial atenção ao papel da televisão na sociedade brasileira. Além disso, buscou-se também entender a importância de uma TV pública de qualidade para a democratização da comunicação.

Palavras-chave: TV Pública; TV Brasil; Caminhos da Reportagem; Democratização da comunicação; cidadania.

ABSTRACT

Studying the Brazilian Public TV and how it promotes citizen participation is important for a fairer and more democratic society, since the access to information and communication is a human right, guaranteed by law. Therefore, this dissertation aims to verify how the “Caminhos da Reportagem” programme, produced by TV Brasil, enables the ordinary people participation in their programmes, mainly by interviews. “Caminhos da Reportagem” is a weekly programme of in-depth reporting, with an average of 52 minutes. The methodology is based on content analysis and the empirical framework includes 12 editions of the programme, selected within one year. The analysis was quantitative and qualitative, always seeking to highlight the role of each interviewee. In the theoretical part, the study approaches the relations between the media and the identity constructions of the citizens, giving attention to the role of television in Brazilian society. In addition, we sought to understand the importance of a good public television in the communication democratization

Keywords: Public TV ; TV Brasil ; Caminhos da Reportagem; The democratization of communication ; citizenship.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 INFORMAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO: TELESPECTADORES-CIDADÃOS E VÍNCULOS IDENTITÁRIOS	19
2.1 AS IDENTIDADES NA VIDA CONTEMPORÂNEA E SUAS RELAÇÕES COM A MÍDIA	20
2.2 O PAPEL DA TELEVISÃO BRASILEIRA NOS PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE	23
2.3 PERCEPÇÃO DOS SUJEITOS: QUEM SOU EU E QUEM É O OUTRO	26
2.4 PROGRAMAS INFORMATIVOS: INFORMAÇÃO, CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS E INSERÇÃO DO CIDADÃO	28
2.5 INSERÇÃO E IDENTIFICAÇÃO VIRTUAIS: CONTRIBUIÇÕES DA INTERNET E DAS REDES SOCIAIS	31
3 TELEVISÃO E TELEJORNALISMO PÚBLICOS	35
3.1 A TELEVISÃO PÚBLICA NO BRASIL E NO MUNDO	36
3.2 TELEJORNALISMO PÚBLICO: PARÂMETROS DE QUALIDADE E ISENÇÃO	41
3.3 TV BRASIL: CONSTITUIÇÃO DA TV PÚBLICA BRASILEIRA E SEU TELEJORNALISMO	43
3.4 A EXPERIÊNCIA DA TV CULTURA: O POVO NA TV A PARTIR DAS CONTRIBUIÇÕES DE JOÃO BATISTA DE ANDRADE	46
4 CAMINHOS DA REPORTAGEM: INFORMAÇÃO EM PROFUNDIDADE NA TV BRASIL	49
4.1 CAMINHOS DA REPORTAGEM VISTO DE DENTRO: OLHARES DE QUEM FAZ O PROGRAMA	53
4.2 ROTEIRO DA INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA AUDIOVISUAL: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA ANÁLISE DOS PROGRAMAS	55
5 CAMINHOS DA REPORTAGEM: QUEM TEM VOZ NAS HISTÓRIAS QUE CHEGAM AO TELESPECTADOR?	63

5.1 DESCRIÇÃO DOS PROGRAMAS SELECIONADOS: OS DONOS DAS PALAVRAS-----	63
5.1.1 Comportamento-----	64
5.1.2 Memória-----	79
5.1.3 Saúde-----	88
5.1.4 Cultura-----	98
5.1.5 Policial-----	105
5.1.6 Internacional-----	109
5.1.7 Esporte-----	115
5.2 ENTREVISTADOS, PERSONAGENS E PAPÉIS DESEMPENHADOS: ELEMENTOS DE DRAMAS COTIDIANOS-----	121
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: O PAPEL DOS CIDADÃOS NO CAMINHOS DA REPORTAGEM-----	131
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS-----	137
APÊNDICES -----	141
APÊNDICE A - TABELAS DE ANÁLISE -----	141
APÊNDICE B – ENTREVISTAS COM A EQUIPE DO CAMINHOS DA REPORTAGEM-----	141
ANEXOS -----	143

1 INTRODUÇÃO

Assistir televisão sempre foi um hábito comum aos brasileiros. Antigamente, muitas famílias se reuniam na sala para aquela, que mais parecia uma cerimônia. Com o passar do tempo, os hábitos foram mudando, a forma de ver TV também, mas ainda assim, ela sempre resistiu e permaneceu nos lares. Hoje, além de ser comum cada um assistir o que quer em seus próprios quartos, as telas estão cada vez mais híbridas. Os conteúdos antes só possibilitados via telinha, hoje estão disponíveis também em tablets e smartphones.

Ainda assim, a televisão permanece muito importante para os brasileiros, muito assistida e às vezes, a única fonte de informação para alguns. Além de informar, ela também diverte e entretém, fazendo parte do dia-a-dia dos cidadãos. Essa ampla participação dá à TV um “poder” que deve estar sob constante vigilância de acadêmicos, profissionais da área e da sociedade como um todo, especialmente pela ausência de um sistema de regulação no Brasil, para evitar que ela privilegie apenas os interesses de seus financiadores e exclua de sua programação o cidadão comum.

Desde algum tempo, discussões acerca de temas como “Direito à comunicação” e “Democratização da comunicação” estão ficando cada vez mais comuns, o que quase inevitavelmente, leva à uma reflexão sobre o tipo de comunicação que tem sido praticada no Brasil. Portanto, é preciso avançar na busca pela compreensão das reais necessidades desse setor e assim, estabelecer mudanças que atendam à demanda cultural e social do país.

Existem várias formas de se melhorar e democratizar a comunicação, com muitos caminhos a serem seguidos. Em meio a tantas possibilidades, a televisão ganha destaque por ser, como dito, o meio de comunicação que atinge o maior número de brasileiros¹. Assim, uma programação televisiva plural, que inclua todos os cidadãos e que seja para eles um meio de acesso à informação, educação, cultura e entretenimento de qualidade é extremamente importante para que se cumpra essa demanda, que muito além de uma necessidade, é um direito.

Informação e conteúdo de qualidade podem, potencialmente, dar mais autonomia ao cidadão, ajudando-o a desenvolver um pensamento crítico, a se sentir inserido em sua comunidade e assim, contribuir para a sua melhoria, em busca de uma sociedade mais justa e democrática. Nesse contexto, o papel da TV Pública se faz muito importante, pois ela por

¹ Esses dados estão presentes na Pesquisa Brasileira de Mídia de 2014, disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/download/PesquisaBrasileiradeMidia2014.pdf>

princípio não falaria para consumidores, na medida em que não é financiada por empresas privadas, que visam o lucro. Ou seja, ela pode falar para os cidadãos e veicular conteúdos que promovam a cidadania.

Procurando refletir, em nível macro, sobre todas essas questões, o objetivo principal dessa dissertação é, a partir de um recorte empírico, avaliar o programa “Caminhos da Reportagem”, da TV Brasil, a fim de perceber e entender o papel dado aos cidadãos em sua narrativa. Para tanto, além das análises que se fazem necessárias, o trabalho procurou aporte teórico em autores que trabalham a questão das Identidades e também naqueles que dedicaram-se em estudar a Televisão Pública e seu papel junto à sociedade.

Os estudos sobre esse tema me acompanham desde a graduação, onde, na iniciação científica, tive a oportunidade de integrar o então grupo de pesquisa “Jornalismo, Imagem e Representação” (atualmente Laboratório de Jornalismo e Narrativas Audiovisuais) e trabalhar como bolsista em um projeto de avaliação do telejornalismo da TV Brasil. Estudando especificamente seu principal telejornal, o Repórter Brasil, meus interesses acadêmicos e pessoais foram me levando para área cujo principal destaque recaia sobre as fontes ouvidas pelos repórteres e assim, escolhi trabalhar em minha monografia o papel daquelas classificadas como populares, dentro desse telejornal.

Ao entrar para o mestrado, percebi que esse tema ainda estava longe de ser esgotado e assim, escolhemos trabalhar com o “Caminhos da Reportagem”, que por ser um programa de grandes reportagens, com mais tempo de produção e edição, possibilita um outro olhar em relação às suas fontes.

Para a realização do trabalho proposto, a principal metodologia utilizada foi a análise de conteúdo, buscando abarcar tanto dados quantitativos, como o tempo de fala de cada entrevistado, quanto dados qualitativos, como o papel desempenhado por deles dentro da narrativa. Ao todo, foram analisadas 12 edições do programa Caminhos da Reportagem, cada uma delas com um tempo médio de 52 minutos. É importante salientar que a parte qualitativa, em especial, foi baseada na teoria da Dramaturgia do Telejornalismo, de Iluska Coutinho.

O trabalho que segue está dividido em seis capítulos, incluindo introdução e conclusão. O segundo capítulo, intitulado “Informação e identificação: as identidades dos telespectadores-cidadãos dentro e fora das telas”, buscou a partir dos estudos de teóricos como Stuart Hall, Homi Bhabha, Martín-Barbero, Dominique Wolton, dentre outros, entender como se dá o processo de identificação dos cidadãos e da sociedade com si mesmos e com o meio em que vivem. Além disso, ele também abordou a relação existente entre essas identidades e a mídia, refletindo sobre a influência que esta exerce na sociedade e dando

especial destaque à televisão, por ser nosso objeto de estudo e por ser um dos meios de comunicação mais difundidos no Brasil. Dessa forma, o capítulo se relaciona diretamente como o tema dessa dissertação, uma vez que entendemos que uma comunicação inclusiva pode possibilitar o processo de identidade dos cidadãos e fazer com que eles se sintam parte integrante do meio em que vivem.

No capítulo três, “Televisão e telejornalismo públicos” procuramos tratar mais aprofundadamente a importância da televisão na vida dos cidadãos, destacando suas potencialidades e deveres perante a sociedade. Assim, destacamos o papel da TV Pública no processo de democratização da mídia e inclusão dos cidadãos. Para tal, traçamos um breve histórico da televisão no Brasil e no mundo, procurando explicar como se deu o surgimento da televisão pública aqui. Posteriormente, abordamos a importância de um telejornalismo público de qualidade, livre de interesses econômicos, mais isento e plural. Falamos ainda sobre o surgimento da TV Brasil, seu sistema de financiamento, promessas e programas telejornalísticos. Dessa forma, o capítulo serviu de base para sabermos quais compromissos com o público o “Caminhos da Reportagem” deveria buscar e o que deveríamos esperar de um programa telejornalístico veiculado por uma televisão pública.

O quarto capítulo, “Caminhos da Reportagem: informação em profundidade na TV Brasil”, apresentou com mais detalhes o programa escolhido como objeto empírico dessa dissertação, falando um pouco das características das grandes reportagens e dos episódios disponibilizados no site, explicando a escolha dos 12 vídeos que foram analisados. Nele, também apresentamos a visão de alguns profissionais que trabalham na produção do programa, possibilitando um entendimento maior sobre os processos pelos quais o “Caminhos da Reportagem” passa em sua construção até chegar ao seu público. O capítulo ainda incluiu a explicação do desenho metodológico da etapa empírica, de seleção e análise dos vídeos, descrevendo os pontos colhidos na parte quantitativa da pesquisa e os embasamentos teóricos para a parte qualitativa.

O capítulo cinco “Caminhos da Reportagem: quem conta as histórias que chegam ao telespectador?”, é o capítulo empírico do trabalho, onde tem-se a descrição dos vídeos, salientando a contribuição de cada entrevistado presente nas 12 edições selecionadas. As análises mostram o tempo de fala de cada fonte ouvida, sua classificação, faz uma breve descrição de seus relatos e posteriormente, fala de seu papel dentro da narrativa. Dividido em uma parte quantitativa e outra qualitativa, esse capítulo buscou levantar elementos que nos possibilitassem refletir sobre as perguntas feitas ao longo do trabalho.

Nas conclusões, sexto e último capítulo da dissertação, retomamos todos os principais

pontos até então trabalhados nos capítulos teóricos e, nos baseando principalmente naqueles dados possibilitados pela parte empírica, pudemos apresentar os resultados. Por hora, adiantamos aqui que tais resultados não são de fato conclusões últimas e definitivas, e sim considerações acerca de um tema que nos é muito caro e que merece e precisa ainda ser bastante estudado.

Muito mais que perceber como o “Caminhos da Reportagem” aborda os cidadãos presentes em seus programas, essa pesquisa possibilitou que eu tivesse contato com vários Brasis, várias realidades. Por muitas vezes me peguei rindo ou chorando, concordando ou não com os relatos e percebi que muito daquilo que vi e ouvi, eu nunca tinha assistido em outro programa, de emissoras comerciais. Foi ali, frente à cada história contada, que essa pesquisa fez mais sentido, se tornou real e eu percebi a importância do que cada um tem a dizer, no exercício do direito à comunicação, especialmente na televisão pública.

2 INFORMAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO: TELESPECTADORES-CIDADÃOS E VÍNCULOS IDENTITÁRIOS

Vivemos em sociedade, somos seres sociais e sociáveis. Seja em casa, na rua, na vila, na cidade ou no planeta, sempre há algo que nos liga aos outros. Um gosto, uma lembrança ou uma sensação, tudo que é comum contribui para que nos sintamos inseridos, lembrados, pertencentes ao mundo.

Em locais mais próximos, como dentro de casa ou em outros ambientes familiares, essa identificação ocorre mais facilmente, de maneira mais clara e objetiva. Mas quando partirmos para além de nossas fronteiras pessoais, estar ligado com o mundo requer algo mais, um meio. A partir daí, os livros, filmes, programas de rádio e TV, dentre vários outros meios, têm um papel fundamental: fazem essa ligação usando seus recursos, cores, sons, imagens e discursos.

Mas como se dá essa relação? Como o discurso é construído? Como ele atinge as pessoas? Na verdade, há de se observar que na mídia, nada é feito por acaso e muitas vezes, as relações e os sentidos por trás do que é passado são mais complexos que as aparências demonstram à primeira vista.

Neste capítulo, serão abordadas as relações existentes entre a mídia e identidade, considerando os conceitos mais utilizados principalmente na sociedade pós-moderna. De maneira mais abrangente, entendemos que a mídia busca criar um estreitamento com seu público, a fim de que este se identifique com o que lhe é oferecido e a partir daí, sejam estabelecidos laços que aos poucos, no processo de decodificação da mensagem, façam sentido na vida de cada um e na sociedade como um todo.

Sobre essa conexão entre as pessoas e a mídia, Muniz Sodré considera que haja ali uma relação mútua, onde cada vez mais, a mídia referencia o homem, que a usa para dar sustentação à cultura e outras expressões de seu cotidiano, muitas vezes, compreendendo o mundo com base no que é mostrado e introjetado, principalmente via TV. Dessa forma, mais que ideologia, a mídia acabaria criando subjetividades (SODRÉ, 2006).

Quando nos referimos à mídia, remetemos à sua matriz epistemológica – *media* – que é o meio por onde a mensagem é transmitida. Ou seja, a princípio, mídia seriam todos os meios de comunicação, de qualquer natureza. Mas para o presente trabalho, que tem como objeto de estudo um programa informativo de televisão, na maioria das vezes a referida mídia será principalmente a televisiva, mais especificamente os telejornais e demais programas do

gênero.

Do mesmo modo, o termo “identidade” também é muito abrangente e utilizado em várias áreas de conhecimento e assim, apresenta diferentes versões na psicologia, filosofia, antropologia ou sociologia. Aqui, ele será utilizado com base nos conceitos mais modernos, associado e fundamentado nos Estudos Culturais².

2.1 AS IDENTIDADES NA VIDA CONTEMPORÂNEA E SUAS RELAÇÕES COM A MÍDIA

O termo identidade é muito amplo, porque é mobilizado em várias áreas de estudo e cada uma acaba por interpretar seu sentido de forma mais condizente com seus estudos. Isso não quer dizer que exista um sentido mais correto que o outro, mas sim mais apropriado e condizente com proposta ou abordagem apresentada em cada caso.

Para os estudos propostos nesse trabalho, o conceito de identidade trabalhado estará atrelado à sua face mais contemporânea. Pode-se afirmar que a partir dos anos 70, em que sociedade experimentava transformações em vários aspectos, os estudos acerca das questões sociais também foram sendo modificados. A partir dos acontecimentos de maio de 1968³ a sociedade tornou-se mais entrelaçada, multicultural.

As primeiras concepções de identidade remetiam a algo singular, de um sujeito único. A partir das transformações que foram ocorrendo, o sujeito deixou de ser unificado para ser mais plural, polissêmico e móvel. Hoje, acredita-se que é possível pertencer a vários grupos distintos, identificar-se com mais de uma cultura. Pode-se afirmar que esses novos processos de identificação redefinem o sujeito contemporâneo e assim, as identidades nacionais (HALL, 2004)

Os estudos acerca do processo de construção de identidade já renderam muitas discussões, teses e dissertações no meio acadêmico, tamanha é a relevância de se conhecer

² Estudos culturais é um campo acadêmico da teoria crítica e crítica literária inicialmente introduzido por acadêmicos britânicos nos anos de 1960, como Raymond Williams, apontado como um dos criadores desta disciplina, e pelo historiador E. P. Thompson. Posteriormente, esse campo foi adotado por estudiosos em todo mundo. Os Estudos Culturais são caracterizados especificamente por sua natureza interdisciplinar e por sua transitoriedade, articulando em seu interior diversas disciplinas, como a economia política, a comunicação, a sociologia, a teoria social, a teoria literária, a teoria dos meios de comunicação, o cinema, a antropologia cultural, a filosofia e a investigação das diferentes culturas que emergem dos mais diversos corpos sociais.

³ Em Maio de 1968 (mais conhecido como Maio de 68) uma greve geral se instalou na França e rapidamente adquiriu significados e proporções revolucionárias. Alguns filósofos e historiadores afirmaram que essa rebelião foi o acontecimento revolucionário mais importante do século XX porque não se deveu a uma camada restrita da população, como trabalhadores ou minorias, mas a uma insurreição popular que superou barreiras étnicas, culturais, de idade e de classe.

uma determinada sociedade e como se deu sua história.

Stuart Hall defende que a identidade nunca é algo singular, ela é construída a partir de discursos e ideias que podem ser, inclusive, antagônicas. “As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação.” (HALL, 2000, p.108). Hall afirma ainda que mesmo no âmbito pessoal, as pessoas reconhecem a si próprias de maneiras diferentes ao longo da vida.

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”. (HALL, 2004, p. 13).

De acordo com Hall, pode-se afirmar ainda que as formas de identificação de cada um não são fixas, pelo contrário, podem sofrer alterações o tempo todo, que levam a várias direções distintas, em um processo que envolve negociações.

uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença. (HALL, 2004, p. 21)

Esta relação do sujeito com o espaço ‘interior’ e ‘exterior’ pode ser identificada como uma identidade do *sujeito sociológico*, diferente do *sujeito pós-moderno*, que pode apresentar mais de uma identidade, devido às transformações decorrentes de suas interações com os espaços que geram os processos de fragmentação (HALL, 2000). Como resultado dessas interações e intervenções da estrutura global, o ‘sujeito fragmentado’ inicia um processo de identidade cultural e como forma de resgatar a ação do indivíduo, produz manifestações culturais que tentam restaurar a ideia de sujeitos como agentes.

As muitas identidades existentes em cada sujeito podem fazer, portanto, com que as fronteiras espaciais e culturais se tornem menos palpáveis e perceptíveis. Homi Bhabha, refletindo acerca dessas fronteiras, pondera que nem sempre as diferenças são bem definidas, tampouco há um consenso capaz de reduzir o que somos e pertencemos a algo singular.

Os embates de fronteira acerca da diferença cultural têm tanta possibilidade de serem consensuais quanto conflituosos; podem confundir nossas definições de tradição e modernidade, realinhar as fronteiras habituais entre o público e o privado, o alto e o baixo, assim como desafiar as expectativas normativas de desenvolvimento e progresso. (BHABHA, 1998, p. 21).

Canclini vem corroborar com essa questão, refletindo que as identidades podem ser consideradas também como algo proveniente dos discursos, construídas, mas que não é apenas isso que as define. “Em certo sentido, é útil detectar que as identidades são produtos de narrativas e performances. Mas, pelo entusiasmo pós-moderno para esta ficcionalização dos sujeitos, o caráter construído de identidades não se justifica do mesmo modo em contextos lúdicos ou de risco”⁴ (CANCLINI, 2004, p.149).

Relacionando a discussão sobre identidades ao tema da comunicação na contemporaneidade, pode-se afirmar que a mídia possui papel importante e fundamental no processo de identificação dos cidadãos. É através dela, principalmente, que eles têm contato com o mundo, que podem ter conhecimento sobre tudo que lhes é comum e que lhes agrada. A mídia poderia permitir, ainda que potencialmente, aos indivíduos experimentar a sensação de presença no mundo, embora algumas vezes com enfoques distintos: consumidores, cidadãos.

Para Muniz Sodré, as mídias eletrônicas, como a televisão, ao agirem culturalmente sobre as percepções das pessoas, trabalham também afetivamente suas formas de codificação do mundo. O autor compreende que, para entendermos essas relações afetivas, é preciso compreender como recebemos as mensagens segundo nossa subjetividade e particularidades. “É verdade que as mídias e a propaganda têm mostrado como estratégias racionais não espontâneas podem instrumentalizar o sensível manipulando os afetos. Na maioria das vezes, porém, tudo isso se passa em condições não apreensíveis pela consciência” (SODRÉ, 2006, p.11).

Há, sem dúvida, várias formas de se criar laços de pertencimento entre um cidadão e sua aldeia, sua cidade, seu país, e esses laços são formados ao longo dos anos, sendo influenciados pela história, costumes e cultura, seja esta de caráter local ou mais abrangente, como a nacional. Como a sociedade está em constante transformação, as formas de identificação também podem sofrer mudanças com o tempo, alterando de forma gradativa, a visão que cada cidadão e uma comunidade têm de si mesmos, e/ou mesmo as formas de perceber(se) via mídia.

Mas, como são demarcados os fatores que definem os laços de uma cidade? Toda comunidade é múltipla, com pessoas, histórias e pontos de vista diferentes, não havendo assim uma única possibilidade de identificação. Homi Bhabha considera que as nações "tais

⁴ Texto em tradução livre do espanhol. Original: “En un sentido, es útil detectar que las identidades son producto de las narraciones y actuaciones. Pero el entusiasmo posmoderno por esta ficcionalización de los sujetos, por el carácter construido de las identidades, no se justifica del mismo modo en contextos lúdicos o de riesgo” (CANCLINI, 2004, p.149).

como as narrativas, perdem suas origens nos mitos do tempo e efetivam plenamente seus horizontes apenas nos olhos da mente" (BHABHA, 1990, p.1). A mídia informativa, então, tem papel decisivo nessa escolha. É a partir dela que cidade será representada, e as escolhas e formas de fazer essa narrativa ocorrem em todas as etapas do processo de construção de uma notícia ou reportagem que vai ao ar.

A identidade torna-se uma “celebração móvel”, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (...) à medida que os sistemas de significação se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiantes de identidades possíveis (HALL: 1999, p.13 apud COUTINHO: 2006, p.3).

Com tantas formas diferentes de identificação, tão distintas e igualmente voláteis, como apreender a forma com que cada mensagem chega ao seu destino? Como entender o sentido que a identidade apresenta para cada cidadão? Qual o porquê de tantas teorias? As respostas são várias, mas para esse estudo, o maior interesse está em identificar e compreender como os cidadãos são representados na emissora pública de TV, ou seja qual a identidade popular construída nas narrativas de um programa de reportagens da emissora e qual o papel dados aos cidadãos nessas narrativas. Entende-se que dessa forma seria possível perceber uma forma de contato possível, de negociação entre a emissora e seu público.

Isso porque, além de apenas receber a mensagem transmitida pela mídia, os estudos mais modernos dão conta da capacidade que cada indivíduo ou sociedade tem de decodificar tal mensagem de acordo com sua cultura, gostos, vontades e até mesmo sua história e seu passado. Ou seja, o público não é apenas um receptor passivo e assim, não está totalmente à mercê dos processos de identificação impostos. “A comunicação se tornou para nós questão de mediações mais do que de meios, questão de cultura e portanto, não só de conhecimento mas de re-conhecimento” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p.93).

2.2 O PAPEL DA TELEVISÃO BRASILEIRA NOS PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE

Como meio de comunicação de massa, a televisão brasileira é alvo de muitas críticas, inclusive no meio acadêmico. Seu linguajar simplificado, seu grande espaço destinado ao entretenimento entre outros motivos, levam muitos a crer que a TV na verdade não traz ao cidadão nenhum tipo de cultura útil.

João Batista de Andrade, ao falar sobre o sistema de TV Brasileiro, faz a ele duras críticas, principalmente porque a produção de sua obra audiovisual ocorre sobretudo no período da ditadura militar. Ainda assim, o autor não nega que haja potencialmente um conteúdo cultural na TV:

(...) Criticar o sistema da TV brasileiro não deve implicar a negligência de seu conteúdo cultural e de sua qualidade, mas o questionamento de sua essência monopolista, caráter revestido, ele também, de um manto espesso de mitologia, mais uma vez calçado no próprio sucesso. É como se um desenvolvimento mais plural, com outras experiências, outras direções, outros interesses, significasse inexoravelmente uma piora de qualidade. (ANDRADE, 2002, p.123).

Ainda sobre as críticas direcionadas a televisão, Coutinho (2012) pondera que grande parte dos estudos sobre a TV não a analisam em toda sua complexidade. Ou seja, essa mídia nunca é analisada como um todo e sim através de fragmentos isolados. Nessa perspectiva dialoga com outro teórico, Dominique Wolton, que afirma ser a televisão um objeto difícil de analisar.

Sua integração natural à vida cotidiana reforça o sentimento de que é inútil refletir demais sobre ela: sua banalidade é um convite a esquecê-la (...). A segunda dificuldade, essencial, é o caráter contraditório de um objeto cujo consumo é essencialmente provado, mas que traduz uma atividade coletiva. (Wolton, 1996, p.45).

Uma das críticas mais comuns à televisão é a suposta imposição de ideias, que muitos chamam de manipulação. Essas ideias são de vários tipos, desde elementos corriqueiros e cotidianos até os de cunho político e ideológico. Segundo esse pensamento, o público seria apenas um receptor passivo de tudo que é passado na TV.

Sobre esse tema, Jésus Martin-Barbero (2003), traça um amplo panorama histórico sociológico da cultura na América Latina. O autor foca seu texto nas mediações da “cultura de massa”, e não apenas em lógicas de produção e recepção das mensagens, que considerariam mediação somente como recebimento ou recusa. Para Barbero, a mídia deve ser tomada no contexto das mediações, como parte integrante – mas determinante- delas. “Não há hegemonia nem contra hegemonia sem circulação cultural” (BARBERO, 2003, p. 38). Em outras palavras, segundo o autor, nem tudo pode ser considerado manipulação ou domínio, pois a ideia de hegemonia permite pensar a cultura popular como uma mistura negociada de intenções e contra-intenções.

Voltando a discussão para o objeto de estudo desse trabalho, o telejornal e programas informativos muitas vezes assumem o papel de mediador entre o público e o que está sendo

mostrado via TV, que por ser o meio de comunicação mais difundido no Brasil, estando presente na maioria dos lares, permite vínculo e ligação entre os telespectadores. Por mais distantes que eles estejam, essa ligação se dá uma vez que estão todos em frente à telinha, no mesmo horário, assistindo aos mesmos programas e compartilhando da mesma emoção, tornariam-se assim participantes de um mesmo território, audiovisual.

Dominique Wolton conceitua essa ligação como laço social: “(...)o espectador, ao assistir à televisão, agrega-se a esse público potencialmente imenso e anônimo que a assiste simultaneamente, estabelecendo assim, como ele, uma espécie de laço invisível” (WOLTON, 1996, p.124).

Além da forma como as pautas são escolhidas e produzidas, o modo como o telejornal insere seu público na TV também pode contribuir para uma aproximação e identificação. “Seja pela escolha das pautas, no cuidado com a linguagem utilizada, ou ainda por meio da inserção direta de personagens populares em cena, o fato é que os telejornais buscam construir uma relação de identificação, um vínculo com o público”(COUTINHO, 2009, p.4).

Fazendo referência às pesquisas realizadas na década de 1990 sobre recepção televisiva, Nilda Jacks (1993) ressalta o papel da televisão como importante meio de busca de identidades, responsável inclusive por alterações na forma de usufruir o dia-a-dia, pelas relações sociais e até por mascarar e negar conflitos, numa tentativa de unificar os estilos de vida, conteúdos sociais, culturais e religiosos.

Tratando-se especificamente da TV Brasileira, entretanto, ela é vista como importante agente integrador da cultura nacional e regional, com isso desempenhando uma importante função referencial, pois a identidade cultural só é reconhecível no coletivo. Os trabalhos comportamentais tendem a caracterizá-la como capaz de gerar gostos e influir diretamente em hábitos sociais, assim como na manutenção dos já existentes, mais do que pela criação de novos, sendo assim encarada como um elemento de função reguladora do sistema social, ao modo da tradição funcionalista. (JACKS, 1993, p.33)

Ver seus interesses representados na TV contribuiria significativamente para que o público tivesse uma relação de identificação com programa assistido. Porém, muito mais forte que ser representado é se ver na TV. Segundo Antônio Cláudio Brasil, “quase todas as matérias de jornalismo na TV sucumbem à eterna tentação de convocar “a voz do povo”, também conhecida como “a voz de Deus”” (BRASIL, 2002, p. 5). Quando o telespectador pode falar na TV, em rede nacional, ele se sente parte integrante daquela produção. Iluska Coutinho defende a inserção do “povo” no telejornal e compara o processo à fabricação de um

produto.

Além de, em tese, produzir um jornalismo mais participativo, com maior exercício da cidadania, a construção de laços de pertencimento de uma emissora de TV com seu público nos moldes da indústria cultural, é um processo que pode ser comparado, sem esforço, à fabricação de um produto. Construir uma imagem nacional e popular implica em investir no reconhecimento, por parte do telespectador, de alguma origem comum, de algo que traga para dentro de casa (via TV), o país onde se vive. O “povo”, nesse contexto, é retratado por meio de pequenas inserções de áudio+vídeo, nas chamadas sonoras, e se converte em audiência. (COUTINHO, 2009, p.7)

Seja através de filmes, novelas, documentários ou telejornais, a televisão brasileira, tão popular e difundida no país, possibilita, ainda em tempos de redes sociais, uma forte ligação entre os cidadãos e o mundo, entre a cultura local e a mundial, entre o real e o imaginário. Através dela, o público pode viver um pouco de tudo, ser um pouquinho de cada personagem, estar em cada lugar, sem precisar cruzar as fronteiras físicas que o separam da realidade. Ainda que através do “filtro” da TV e de seus interesses, ritmos e rotinas de produção/ edição, os telejornais, por sua vez, ligam os cidadãos às notícias, lugares, entrevistados e personagens de cada matéria e assim, podem permitir ou mesmo sugerir que eles se sintam parte daquilo, inseridos naquela realidade.

Essa exibição, contudo, precisa passar pelas mediações no processo de significação e construção de identidades. Como exposto anteriormente, o processo de identificação vai depender de cada pessoa, com suas histórias, gostos, culturas e memórias individuais. Cada um, ao seu modo, se sente parte do Brasil e do mundo através da TV.

2.3 PERCEPÇÃO DOS SUJEITOS: QUEM SOU EU E QUEM É O OUTRO

Para que um trabalho cuja proposta central é perceber em que medida o cidadão comum tem voz em um determinado programa telejornalístico, como é o caso do “Caminhos da Reportagem” fique bem fundamentado, é preciso refletir sobre alguns conceitos acerca de quem seria esse cidadão e como os jornalistas, e toda a “máquina” que produz as notícias o veem. Um dos possíveis diálogos nessa discussão seria com os estudos da Antropologia, que desde muito tempo se pergunta quem seria o “Outro” e qual seria a melhor forma de apreendê-lo.

Por sua vez, o jornalismo tem o dever de contribuir para a construção da cidadania e democracia, uma vez que ele tem o poder de fornecer aos cidadãos informações de que necessitam para entender e agir a respeito de tudo que acontece no cenário político e social.

Assim, o jornalista deve estar atento e escolher com cautela, dentre tantos fatos que acontecem diariamente, aquilo que as pessoas necessitam saber para lutar por sua liberdade. Essa escolha tem que ser verdadeiramente sincera, sem subordinações, e idealmente ser marcada pela independência e pluralismo, pelo contato com o outro.

Isso porque, tomando por base o pressuposto que o jornalismo deve ser isento e plural e assim, atingir todas as pessoas de maneira igualitária, apreender o Outro seria fundamental para que a produto final pudesse ser o mais democrático possível. Mas como conseguir enxergar e compreender os diversos grupos culturais e sociais para além de si mesmo (o dos repórteres e editores, por exemplo)?

O antropólogo Tzvetan Todorov, em “A conquista da América – a questão do outro”, reflete que o outro não necessariamente está distante de nós e que nós também podemos ser o outro. “Pode-se descobrir os outros em si mesmo, e perceber que não se é uma substância homogênea, e radicalmente diferente de tudo o que não é si mesmo; eu é um outro” (TODOROV, 1982, p.48).

Para atender às questões como interesse público e democracia, o jornalismo deve ser plural e para tanto, incorporar o Outro. Aqui, entende-se por Outro aqueles com quem a mídia estabelece distância relativa. Assim, este Outro não seria identificado com as fontes especializadas, políticos, autoridades pertencentes ao governo e tampouco, pessoas famosas. Nossa hipótese é que, como jornalistas não se veem como os Outros, sempre reservam um lugar especial para encaixá-los em suas matérias e reportagens.

Entendo que a perspectiva é dificultada pela própria característica do agente jornalista, formado prioritariamente junto às camadas médias e altas da população, carregando esse *habitus* de classe e as predisposições a ele inerentes, além da formação junto a um campo que, estruturalmente, afasta e desqualifica a alteridade. (LAGO, 2009,p.5-6).

Segundo Cláudia Lago, a dificuldade que o jornalista tem de inserir o Outro, que nesse caso seriam os populares, de maneira igualitária no telejornal estaria na sua própria formação e classe social, o que, segundo a autora, faria com que essas fontes fossem vistas de maneira muito distante, não pertencendo à realidade dos repórteres.

De certa forma, o trabalho de campo dos antropólogos se assemelha aos dos jornalistas, que buscam contar uma história através de relatos e entrevistas, a fim de compreender o que se passa. “Afinal, tudo é fundado em alteridade na Antropologia: pois só existe antropólogo quando há um nativo transformado em informante. E só há dados quando

há um processo de empatia correndo de lado a lado” (DA MATTA, 1978, p.32).

Apesar das algumas semelhanças, há também muitas diferenças entre o jornalismo e antropologia. Como constatou Lago, enquanto o antropólogo baseia-se principalmente na observação, o jornalista contemporaneamente tem como principal material a entrevista:

A Antropologia apega-se profundamente à observação, mas também ao discurso; o Jornalismo constrói suas narrativas tomando como base principalmente o discurso tecido pelos envolvidos, mas também observa. Ambos interferem nas relações que retratam, mas enquanto a Antropologia atualmente identifica como fator determinante de seu trabalho a subjetividade oriunda das relações do confronto/encontro, o Jornalismo apega-se à noção de que há uma objetividade possível no relacionamento com suas fontes (LAGO, 2009, p.10-11).

João Batista de Andrade resgata algumas tentativas de ouvir o Outro da maneira mais igualitária, principalmente em trabalhos realizados na TV Cultura, durante o período do Regime Militar.

(...) Era preciso repor as coisas no lugar, ouvir os afogados antes do teórico ou da autoridade em afogamentos. Feita a inversão, as autoridades passavam simplesmente a ter uma opinião, quando era o caso. E os especialistas podiam, se fosse o caso, contar com um espaço para tentar alguma explicação. O centro dramático da narrativa se deslocava para aquele que vivia- e sofria- o assunto tratado. Isso na TV era de uma estranheza só, até mesmo atemorizante, na agonia do início dos anos 1970, contrastando radicalmente com as doces imagens produzidas e difundidas nas TVs pelo regime militar (ANDRADE, 2001, p. 59)

A partir desse exemplo, percebe-se que é possível ter um olhar mais sensível sobre os entrevistados, em particular sobre os ditos populares. Mas esse processo sempre causa um estranhamento, uma vez que não é o procedimento padrão. O relato acima foi feito há cerca de 40 anos, e hoje vê-se que apesar das tentativas isoladas de uns poucos profissionais e programas televisivos, ainda é comum o jornalista ver o Outro de maneira completamente distante.

2.4 PROGRAMAS INFORMATIVOS: INFORMAÇÃO, CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS E INSERÇÃO DO CIDADÃO

Ao se falar sobre a potencial identificação do telespectador com o produto ofertado, consigo próprio e com sua comunidade, possibilitada pela mídia e pela televisão, faz-se necessário ter consciência da grande abrangência de gêneros, formatos e tipos de relação que

cada um desses produtos pode estabelecer com seu público. Dessa forma, torna-se interessante apontar brevemente algumas diferenças entre gêneros televisivos e seus modos de endereçamento⁵, bem como entender como o público se identifica com os produtos oferecidos pela televisão.

Primeiramente, ao classificar os programas em gêneros, onde existem algumas características específicas que os definem, também o telespectador, de certa forma, já pré-define o que esperar e como reagir.

Os gêneros são formas reconhecidas socialmente a partir das quais se classifica um produto midiático. Em geral, os programas individualmente pertencem a um gênero particular, como a ficção seriada ou o programa jornalístico, na TV, e é a partir desse gênero que ele é socialmente reconhecido. No caso da recepção televisiva, por exemplo, os gêneros permitem relacionar as formas televisivas com a elaboração cultural e discursiva do sentido(GOMES, 2011, p.33)

Dessa forma, os modos de identificação do telespectador com determinado programa, se darão também conforme o que cada um espera e já conhece de cada formato. Mesmo que tal identificação não se dê com o programa especificamente, pode dar-se com seu estilo, que pode remeter a memórias e lembranças, positivas ou não, de algum outro produto que siga os mesmos padrões de gênero, formato e até mesmo, de modo de endereçamento.

Um programa jornalístico televisivo, que é, em nível macro, o objeto de estudo desse trabalho, pode ser considerado um gênero específico, que necessita atender a algumas regras para se enquadrar como tal. Tais regras remeteriam àquelas de qualquer bom jornalismo, como compromisso com a verdade, seriedade, isenção e interesse público. Assim, os telejornais, programas de entrevista, documentários televisivos, o jornalismo temático e as grandes reportagens, seriam formatos possíveis dentro desse gênero.

Cada um desses formatos citados têm especificidades que já são, por prática, conhecidas pelo público e assim, geram expectativas quanto à maneira de passar a informação. Da mesma forma, cada programa, em específico, tem uma forma de se comunicar com seu público, seja por meio do texto, recursos visuais ou mesmo, da postura adotada pelo repórter, apresentador ou quem esteja em contato com o público mais diretamente. “Na nossa perspectiva, o conceito de modo de endereçamento tem sido apropriado para ajudar a pensar como um determinado programa se relaciona com sua audiência a partir da construção de um estilo, que o identifica e que o diferencia dos demais. (GOMES, p.33). A autora propõe uma

⁵“Modo de endereçamento é aquilo que é característico das formas e práticas comunicativas específicas de um programa, diz respeito ao modo como um programa específico tenta estabelecer uma forma particular de relação com sua audiência. (MORLEY; BRUNSDON, 1978)” (GOMES, p.33).

associação dos estudos de gêneros televisivos ao modo de endereçamento, a fim de entender mais a fundo as formas de recepção dos programas jornalísticos.

Trazendo essas reflexões ao nosso objeto de estudo específico, o Caminhos da Reportagem, e retomando um dos objetivos principais do trabalho, que é conhecer o espaço dado ao cidadão pelo programa, percebe-se que, muito mais que identificar as formas como o programa se relaciona com seu público, é preciso saber também a forma como o público se identifica com ele.

Se a mídia como um todo tem uma forte influência no processo de identificação do cidadão, a televisão por sua vez ocupa um lugar especial, destacando mais do que qualquer outro veículo. Mais de 97% dos lares brasileiros possuem televisão⁶, o que faz com ela seja a principal forma de entretenimento e de informação dos brasileiros. Ao assistir a um telejornal ou qualquer outro programa jornalístico, além de buscar informação, o telespectador também entra em contato com sua realidade e pode se sentir parte integrante dela.

Apesar dessa inclusão simbólica, seja pelas temáticas ou pelos territórios, o que se observa muitas vezes é que são poucos os que realmente têm o poder de falar na TV. Não apenas no sentido de aparecer e dizer alguma coisa, mas de proferir um discurso coerente e coeso, com sentido e relevância. A autora Elizabeth Bastos Duarte, em seu livro “Televisão – ensaios metodológicos”, afirma que haveria uma espécie de contrato comunicativo tácito, de maneira não consciente, entre quem profere o discurso e o grupo social que corresponderia ao compromisso dos primeiros, com a obediência a determinadas regras que lhe são impostas no que tange ao seu discurso.

Como em qualquer outro campo, o televisivo é controlado por um certo número de regras que definem as condições de sua colocação em jogo, impedindo mesmo que qualquer um tenha acesso ao discurso. Ninguém entra no processo comunicativo televisivo como enunciador se não satisfizer certas exigências e se não estiver qualificado para entrar no jogo: assim, poucos podem ser os enunciadores do discurso televisivo, embora não haja restrição para os enunciatários. (DUARTE, 2004, p.30)

É inegável a importância que a televisão, com seus vários gêneros e formatos, tem na formação cultural e no processo de identificação dos cidadãos com o mundo, de forma geral. Porém, mesmo que nosso objeto de estudo seja um programa televisivo, não se pode ignorar, atualmente, o papel que a internet também vem exercendo; cada vez mais sua presença nos

⁶ Dados referentes da última pesquisa divulgada pelo PNAD, referente a 2013. Fonte: <http://www.teleco.com.br/pnad.asp>

lares brasileiros e seu acesso por cada indivíduo, vem crescendo e ganhando muito espaço, principalmente pelo público mais jovem, que se conecta mais.

2.5 INSERÇÃO E IDENTIFICAÇÃO VIRTUAIS: CONTRIBUIÇÕES DA INTERNET E DAS REDES SOCIAIS

Hoje a internet vem se apresentando como um local que pode ser considerado democrático, onde o público poderia, segundo alguns autores, ser melhor representado que, por exemplo, na TV. Nesse novo espaço de pertencimento, o que antes era apenas audiência torna-se um agente.

os cidadãos veem assim reforçada a possibilidade de uma participação mais ativa em processos de deliberação, num quadro de interação que é agora muito diferente daquele proporcionado pelas tecnologias da comunicação mais convencionais (rádio e televisão, ou mesmo a imprensa), cujas características evidenciam fortes condicionalismos de unidirecionalidade (ESTEVEZ, 2007, p. 220)

Assim, mesmo reconhecendo que na televisão, a recepção não se dá passivamente, na internet as formas de participação se dariam de forma mais ativa, pois além de uma maior liberdade de escolher o que assistir/acessar, o público também se relacionaria com os produtos de formas diferentes, tendo mais liberdade quanto aos horários, sequências e até mesmo, interação direta com cada conteúdo.

Dentro do universo da internet, as redes sociais, que tem o público brasileiro⁷ como grande adepto, seriam um meio muito propício para a participação e interação do público não só com conteúdos exclusivamente virtuais, como também programas de televisão, uma vez que vários deles possuem contas nessas redes, como Twitter ou Facebook.

As redes sociais se tornaram hoje um local onde o jornalista tem a possibilidade de fazer acontecer essa democratização. “[...] em um mundo mais interligado, um jornalista deve ser um narrador para orientar os usuários, um intérprete para avaliar o que é realmente importante e um profissional que incentiva a participação e promove a ligação das comunidades com o meio” (PAVLIK, 2005 *in* LOPEZ, 2007, p. 115).

A interatividade do público com o jornalismo de maneira geral é algo que já pode ser observado até mesmo fora das redes sociais. Nos telejornais, por exemplo, é cada vez mais

⁷ Presidente da Google Américas, Margo Georgiadis diz que o Brasil é um grande adepto das redes sociais. “Considero o país a capital mundial da mídia social, são 12,5 horas por semana acessando as redes sociais que contam com a participação de 88% dos usuários de internet”. Fonte: <http://rio-negocios.com/pressroom/wp-content/uploads/2014/07/O-Globo-Rio-Caderno-Especial1.pdf>

comum vermos quadros onde o telespectador participa mandando vídeos, fotos e sugestões de pauta. Não participar desse processo seria como negar a possibilidade de direito à voz daqueles que têm muito a contribuir.

Entretanto, os media tem que ouvir e deixar a audiência participar mais. Porque essa participação não é algo irrelevante, mas uma tendência crescente que vai conseguir que os media, convertidos em tantos casos em centros de poder politizados e ideológicos que buscam seus interesses, não tenham mais remédio que contar com os leitores e aceitar suas sugestões (EDO, 2009, p.15).

Todo esse contato com a produção jornalística faz com que o público se sinta melhor valorizado, com mais espaço e voz. Além de informar, o jornalismo também tem o papel de contribuir para a formação de cidadãos.

Às vezes, as novas ferramentas encontradas pelo jornalismo para se difundir podem causar aos veículos uma super-exposição, uma vez que os internautas têm relativa liberdade para escreverem o que pensam sobre determinada matéria ou mesmo sobre o veículo em si. Porém, a participação do público também pode ser vantajosa, e a questão da super-exposição pode ser contornada com alguns cuidados na hora da postagem e manutenção da rede. “O processo produtivo que impulsiona a participação do público também está relacionado ao treinamento constante dado aos profissionais.[...] Experiências, como a do jornalismo ponte na redação, mostram que é possível capacitar o jornalista e, ainda, promover a interação de meios.” (QUADROS, 2009, p.14).

Apesar do acesso da população à TV ainda ser muito maior que à internet, cada vez mais brasileiros usam a web, seja como forma de informação, estudo ou entretenimento. Assim, disponibilizar mais conteúdos na rede não só funcionaria como forma de possibilitar a interação do público, como também uma maneira de mais pessoas terem contato com o material veiculado. Essa é uma das estratégias, por exemplo, da TV Brasil, até mesmo porque o sinal de transmissão da emissora não tem a qualidade técnica mais adequada e, além disso, não chega a todos os lugares do país.

O Caminhos da Reportagem, foco do estudo, possui uma página no facebook, atualmente com mais de 4 mil curtidas, o que não é muito se comparado a outros programas do gênero, veiculado por emissoras privadas, como é o caso do Profissão Repórter, que tem mais de 1,5 milhão de curtidas e do Globo Repórter, com quase 4 milhões, ambas da Rede Globo. Ainda assim, o número de curtidas da página do Caminhos da Reportagem é significativo perante sua audiência e possibilita aos internautas, além de assistir ao programa

via internet, curtir e comentar as publicações, expondo sua opinião. Além disso, em sua página na internet, dentro do site da TV Brasil, o programa disponibiliza todos os episódios antigos, o que também ajuda o internauta a assistir ao conteúdo de maneira mais livre, independente da grade horária da TV e da qualidade do sinal.

Portanto, além de viabilizar uma maior participação do público, a presença do Caminhos da Reportagem na internet também pode fazer com que mais pessoas tenham acesso ao seu conteúdo, ainda que tal acesso não se converta em audiência. Tal fato é de extrema relevância para uma televisão pública, como é o caso da TV Brasil, uma vez que seus objetivos vão além da audiência e devem buscar levar aos cidadãos informações plurais, isentas e de interesse público, das quais eles possam também fazer parte e com as quais se identifiquem, das mais variadas formas possíveis.

3- TELEVISÃO E TELEJORNALISMO PÚBLICOS

Muito mais que informar e entreter, a comunicação cumpre um importante e fundamental papel na vida do cidadão. Seja por meio do rádio, da TV, de jornais ou revistas, é também pela comunicação que se tem, potencialmente, a busca por uma sociedade mais justa e democrática. A mídia possibilita a circulação de valores, cultura e ideologias das mais diversas formas e assim, esses veículos também se tornam arenas onde as identidades podem ser construídas ou desfeitas.

Mesmo a mídia não tendo total domínio sobre seus receptores, uma vez que não se pode considerá-los passivos (MARTÍN-BARBERO, 2003), não dá para negar que um meio hegemônico como é a televisão exerce influências importantes em seus telespectadores, ainda que em graus diferentes, levando-se em conta a individualidade de cada um. O “poder” da TV, apesar de não ser propriamente coercitivo, acaba por criar alguns consensos, que podem ser culturais ou até mesmo políticos.

A própria cultura “intelectual” é hoje um grande fator delimitador de espaço e poder, onde aqueles que dominam um determinado discurso (habitus, na linguagem de BOURDIEU, 1996) acabam, por meio de suas próprias construções linguísticas, criando para si um lugar de destaque e conseqüentemente, contribuindo para a “exclusão” de outros.

Bourdieu também fala da predileção das linguagens eruditas pelo pensamento por pares, justificando que censura e recalque – relação de oposição entre palavras – remete à oposição entre grupos sociais. “Iguais em liberdade, os homens são desiguais na capacidade de utilizar autenticamente sua liberdade e somente uma 'elite' pode-se apropriar das possibilidades universalmente oferecidas de se ter acesso à liberdade de 'elite'”. (BOURDIEU, 1996, p.146).

Na verdade, em determinado momento essa censura passa a ser algo imperceptível, que já está introjetada. No caso da comunicação, por exemplo, os cidadãos comuns já estão “cientes” do seu papel e daqueles que estão sempre na mídia, deixando muitas vezes de questionar não só essas relações, como também o discurso desses “intelectuais”. Porém, nada disso é tão claramente perceptível e é justamente neste momento que, segundo Bourdieu, a censura torna-se perfeita.

Fazendo um paralelo com a questão do direito à informação e à comunicação, a troca de mercadorias, possibilitada pelo “Estado Mínimo”, também passou a permitir a troca de informação e conseqüentemente, a informação tornou-se mercadoria, o que até hoje é possível de se observar. Na grande maioria dos mídias, a informação, muito mais que um direito do

cidadão, é uma mercadoria, cuja finalidade acaba ficando reduzida ao lucro de poucos.

Dessa forma, com esses jogos de poder e interesses, sejam eles políticos ou econômicos, a informação de qualidade e isenta, acaba deixando de ser efetivamente um direito de todos. Ou seja, a comunicação deixa de ser um bem público, como deveria. “A esfera pública burguesa se rege e cai com o princípio do acesso a todos. Uma esfera pública, da qual certos grupos fossem *eo ipso* excluídos, não é apenas, digamos, incompleta: muito mais, ela nem sequer é uma esfera pública.” (HABERMAS, 2003, p.105).

Diante desse quadro, em que o cidadão muitas vezes fica excluído da participação ativa daquilo que é propagado pela mídia, tendo assim seus direitos à comunicação e à informação revogados, faz-se necessário buscar alternativas para que a mídia seja democratizada, podendo ser de fato um espaço para o debate igualitário de questões de interesse público, contribuindo assim, para a construção da cidadania.

3.1 A TELEVISÃO PÚBLICA NO BRASIL E NO MUNDO

Apesar de ser o meio de comunicação mais utilizado no país, a televisão privada não apresenta em sua programação, pelo menos não como a lei prevê, conteúdos que tenham um compromisso com a difusão cultural e formação da cidadania. Aqui, a programação baseia-se na lógica do mercado, sempre em busca de audiência. As emissoras de exploração comercial, como o próprio nome sugere, são financiadas principalmente pela publicidade e assim, trazem em seus conteúdos muito mais o incentivo ao consumo que a construção da cidadania.

(...) a lógica televisiva dificilmente se exime a uma teia de interesses e de estratégias que tendem a fazer da TV generalista um poderoso instrumento de conquista. Entendemos que um serviço público de televisão, para que efetivamente o seja, só tem vantagens em se libertar destas amarras e conquistar o seu espaço autônomo, entrosando-se de forma progressiva e consciente com as dinâmicas e as instituições sociais (PINTO, 2003, p.15)

A TV pública seria assim, potencialmente, uma alternativa para que esses direitos do cidadão à cultura e a conteúdos educativos nos canais televisivos saiam do papel para se tornar algo concreto, sem deixar o telespectador à mercê de interesses particulares, que mesmo não intencionalmente, acabam ferindo alguns princípios caros à uma comunicação de qualidade, como isenção e principalmente, interesse público. Contudo, é importante reiterar que, como diz o autor no trecho destacado acima, uma televisão pública só será de fato um diferencial positivo para o cidadão se for bem estruturada e afastar-se do alguns “vícios” da

televisão comercial.

Vale ressaltar que, no âmbito dessa dissertação, assumimos o conceito de público como tudo que pode ser acessado, visto ou ouvido por todos, sem restringir nenhuma parcela da sociedade, seja por região, cor, sexo ou classe social. Como serviço público, entende-se aquele que tem o Estado como responsável direto por sua prestação e desta forma, não está à mercê da arbitrariedade do mercado. Um serviço público assim deve ser universal, atender a todos, e acima de tudo, ter qualidade.

As diferenças existentes entre a regulamentação, o funcionamento e mesmo o papel e as práticas de TV's públicas e privadas na sociedade vai depender muito da história e da realidade de cada país, do processo de implantação da televisão em cada caso e de seu desenvolvimento ao longo dos anos. A partir daí, as particularidades vão surgindo e desenhando um cenário complexo, em que jogos de interesse econômico, político, monopólio e programas baixa ou alta qualidade se misturam às propostas de incentivo à educação e promoção da cidadania.

Assim, para tratar da TV de cada país, é necessária uma perspectiva mais interdisciplinar, que englobe mais que apenas a Comunicação em si. Cultura, Política e Economia estão atreladas a essa questão, fazendo com que em cada lugar, o processo comunicativo seja complexo e único. Ainda assim, é possível que existam influências de um país ou mercado audiovisual sobre o outro; a introdução da TV no Brasil, por exemplo, foi viabilizada a partir da vinda de técnicos de uma emissora americana (CBS). Contemporaneamente esses fluxos entre diferentes emissoras e produtores é potencializado com a globalização econômica.

A inglesa BBC (British Broadcasting Corporation) pode ser considerada a precursora do modelo de Televisão Pública mundial. Ela surgiu em 1922, tendo sido assumida pelo governo Britânico cinco anos depois. Durante a Segunda Guerra Mundial, por questões de segurança, a emissora teve suas transmissões interrompidas. A televisão, por ser um meio de comunicação de massa, era considerada perigosa e por isso, deveria ser controlada pelo poder público. No entanto, muitos acreditavam que, se bem utilizada, ela poderia ser um instrumento de democratização e foi dessa forma, Pública, que se organizaram as primeiras televisões na Europa (CARRATO, 2013).

Na contramão desse processo, nos Estados Unidos, não houve uma interferência do Estado nas transmissões de televisão que começavam a surgir, sendo que as discussões tinham um cunho mais tecnológico e assim, a televisão seguiu o modelo comercial já praticado então pelas emissoras de rádio. A Televisão Pública começou a surgir nos Estados Unidos a partir do

final dos anos 60, formada por uma organização que reúne emissoras como a PBS (Public Broadcasting System) e a CPB (Corporation for Public Broadcasting), quando a televisão comercial já estava completamente consolidada e era hegemônica no país. (CARRATO, 2013).

Ao falar-se em Televisão Pública, há uma série de dissensos que vão desde a participação Estatal e popular até, principalmente, sua forma de financiamento. Isso ocorre porque, muitas vezes, usa-se o termo Televisão Pública para designar uma Televisão Estatal, gerida e controlada pelo Estado e além disso, algumas emissoras públicas admitem financiamento misto, sendo sustentada, em partes, pela iniciativa privada. Assim, além de haver muitas maneiras de se entender a Televisão Pública, o “serviço público” também compreende mais de uma interpretação.

Para Martin-Barbero (2000), a mais clara caracterização de televisão pública é que essa, ao contrário da comercial, interpela mais ao cidadão que ao consumidor. Seu objetivo é contribuir na construção do espaço público enquanto cenário de comunicação e de diálogo entre os diversos atores sociais e as diferentes comunidades culturais. (FORT, 2005, p.100)

Segundo a Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), Serviço Público de Radiodifusão (SPR) é, potencialmente, a radiodifusão realizada, financiada e controlada pelo público e para o público. Não é comercial nem estatal; é isento de ingerência política e pressões de correntes comerciais. Por meio do SPR, os cidadãos e cidadãs recebem informação, educação e também entretenimento. Quando garantido com pluralismo, diversidade da programação, independência editorial, financiamento adequado, prestação de contas e transparência, o serviço público de radiodifusão pode servir de pedra angular da democracia. A Unesco diz ainda que o principal elemento é que o prestador de serviço público de radiodifusão, mesmo que seja estatal, deve ser não sectário, sem fins lucrativos, com competência para atender ao interesse público, em geral, à cobertura e aos mandatos nacionais. Muitas vezes, os serviços nacionais são complementados por serviços públicos de radiodifusão regionais e, sobretudo, em Estados federativos ou Estados com regiões autônomas ou serviços em diferentes idiomas (UNESCO, 2010, 0.37).

No Brasil, historicamente, o sistema de radiodifusão sempre foi guiado por interesses comerciais, muitas vezes, em detrimento daqueles de caráter público. Essa característica vem desde a consolidação do rádio no país e dessa forma, posteriormente, com a chegada da TV, essa tendência foi seguida.

Para Ortiz, foi no governo de Getúlio Vargas que a implementação do sistema de

radiodifusão, que deveria ser controlada pelo Estado, começou a ter um controle comercial. Para o autor, a partir daí iniciou-se uma “confusão histórica” entre o que seria interesse público e interesse privado:

Apesar de sua tendência centralizadora, tinha que compor com as forças sociais existentes (neste caso o capital privado, que possuía interesses concretos no setor de radiodifusão). Não deixa de ser sugestivo observar que a própria Rádio Nacional, encampada pelo governo Vargas, praticamente funcionava nos moldes de uma empresa privada. Seus programas (música popular, radioteatro, programas de auditório) em nada diferem dos outros levados ao ar pelas emissoras privadas. [...] quando se olha a porcentagem da programação dedicada aos chamados “programas culturais” observa-se que eles não ultrapassam 4,5%. Por outro lado, entre 1940 e 1946, o faturamento da emissora, graças à publicidade, é multiplicado por sete. Ao que tudo indica, a acomodação dos interesses privados e estatais se realiza no seio de uma mesma instituição sem maiores problemas (ORTIZ, 2006, p. 53).

A partir do exemplo do rádio, pode-se melhor compreender o surgimento da TV no Brasil já com esse caráter privado. Em 1950, a inauguração da TV Tupi, emissora do grupo Diários Associados, de Assis Chateaubriand, foi um empreendimento comercial. Depois, as outras emissoras que foram surgindo também seguiram esse padrão. Apenas muitos anos depois, quando a TV comercial já estava absoluta no Brasil e os telespectadores já estavam “ensinados” a compreender e gostar de seu formato, a TV pública foi aos poucos surgindo. “Quando a televisão já havia se consolidado como o mais importante instrumento da indústria cultural brasileira” (LEAL FILHO, 2000, p. 158).

Como parte de um empreendimento de caráter privado, os primeiros telejornais que surgiram no país também obedeciam ao mercado, ou melhor, com ele guardavam uma relação de dependência direta. A vinculação dos patrocinadores era significativa no que poderíamos considerar os primórdios do jornalismo na TV brasileira, e estava registrada inclusive nos nomes dos programas. Os textos veiculados nos primeiros telejornais na época, como Repórter Esso e posteriormente Mappin Movietone e Ultra Notícias, dependiam da aprovação de representantes dos patrocinadores.

Quando Armando Nogueira foi contratado pela TV Globo, o cenário do Ultra Notícias tinha um imenso botijão com o logomarca da Ultrágas e, na mesa dos apresentadores Hilton Gomes e Irene Ravache as miniaturas do produto do patrocinador. Com a ajuda de Walter Clark, então diretor da emissora, ele conseguiu eliminar o merchandising ostensivo e comprometedor para uma época em que o telejornalismo ainda não tinha credibilidade, bem como a intromissão do anunciante no script. (TEIXEIRA, TELA VIVA, p.16, junho de 2000).

As primeiras emissoras de TV públicas a surgirem no Brasil, a princípio foram

denominadas pela legislação como serviço de televisão educativa, destinado estritamente à divulgação de programas educacionais; deveriam assim transmitir aulas, conferências, palestras e debates. As tevês educativas nacionais eram proibidas por lei de veicular publicidade e sua programação deveria ser composta de cursos e programas educacionais. Por força do Decreto-Lei 239 de 28 de fevereiro de 1967:

Art. 13. A televisão educativa se destinará à divulgação de programas educacionais, mediante a transmissão de aulas, conferências, palestras e debates.

Parágrafo único. A televisão educativa não tem caráter comercial, sendo vedada a transmissão de qualquer propaganda, direta ou indiretamente, bem como o patrocínio dos programas transmitidos, mesmo que nenhuma propaganda seja feita através dos mesmos.

Art. 14. Somente poderão executar serviço de televisão educativa:

- a) a União;
- b) os Estados, Territórios e Municípios;
- c) as Universidades Brasileiras;
- d) as Fundações constituídas no Brasil, cujos Estatutos não contrariem o Código Brasileiro de Telecomunicações. (BRASIL, 1967)

Contudo, vale ressaltar que a TV é uma mídia bastante marcada pelo entretenimento. Transformar uma TV pública apenas em uma telescola ou exibir somente programas voltados para educação poderia torná-la desinteressante.

Desde então o Brasil vem enfrentando o desafio de ter uma TV pública de qualidade, independente financeiramente, mas que ao mesmo tempo tenha conteúdos interessantes que possam resultar em audiência. Sim, na TV pública a audiência também é importante, não para revertê-la em lucro, mas para que se possa saber se todo esforço em ter uma TV voltada ao cidadão está sendo válido, se os conteúdos estão sendo comunicados, por meio do contato com ao menos uma parcela da população.

Dar aos cidadãos a possibilidade de serem representados como tal, respeitando seus direitos e sem ver neles apenas audiência em potencial, seria portanto, muito mais que um diferencial, uma grande responsabilidade da Televisão Pública. Ela deve ser um espaço que tem como prioridade atender às necessidades dos cidadãos e sua comunidade.

Com esse histórico, percebe-se a dificuldade não apenas da implementação da TV pública no Brasil, mas também do entendimento de como seria a programação desse tipo de emissora. Também há grande dificuldade em compreender o que seria a qualidade esperada do telejornalismo veiculado por uma TV pública, na medida em que os parâmetros de audiência nesse tipo de emissora não seriam o objetivo final a atingir.

3.2 TELEJORNALISMO PÚBLICO: PARÂMETROS DE QUALIDADE E ISENÇÃO

Em tese, todo telejornal, tanto de uma emissora pública quanto de uma privada, deveria atuar como bem público, oferecer um serviço público. Esse compromisso é firmado não apenas nos discursos institucionais das emissoras, que alegam primar pelo interesse público, isenção e verdade, mas também está presente na Constituição Brasileira, que destina um espaço a procurar garantir que os meios de comunicação não sejam monopolizados e atendam aos direitos dos cidadãos. O Artigo 221 da Constituição Federal deixa claro o dever que as emissoras, tanto de rádio quanto de TV, têm de oferecer à população um serviço de utilidade pública:

Art. 221 A produção e a programação das emissoras de rádio e televisão atenderão aos seguintes princípios:

I – preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas;

II – promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente que objetive sua divulgação;

III – regionalização da produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei (Constituição Brasileira).

Uma análise preliminar da programação disponibilizada pelas emissoras privadas, e mesmo uma larga produção científica já constituída no campo, permite questionar o efetivo cumprimento do artigo pelos canais comerciais da televisão aberta brasileira. Assim como toda sua programação, também o telejornalismo nas emissoras públicas deveria conter mais assuntos de interesse público, inserir mais o cidadão, ser mais isento e não atender a nenhum interesse particular desta ou daquela parcela da sociedade. Espera-se, afinal, que o telejornal de uma TV pública seja mais democrático.

Os jornalistas do país aprenderam a fazer televisão moldados por um modelo que visa a audiência e o lucro, quase sempre baseados nos telejornais exibidos pela TV Globo, seguindo o chamado padrão globo de qualidade. Do mesmo modo, a população brasileira também aprendeu dessa maneira, estando acostumados a esse padrão. Como, de repente, mudar toda essa estrutura estabilizada há anos e fazer um jornalismo diferente, baseado em outros princípios, mas com qualidade e aceitação?

Afirmar o telejornalismo como uma construção, no entanto, e justamente por esta razão, não nos impede de reconhecer que ele se configura como uma instituição social de certo tipo nas sociedades ocidentais contemporâneas. No Brasil, em que o jornalismo supostamente reproduziria o modelo de jornalismo independente estadunidense, pensar o jornalismo como instituição social requer colocar em causa a relação entre jornalismo e a noção habermasiana de esfera pública, com suas implicações sobre a noção de debate público e vigilância pública; a perspectiva liberal sobre o papel democrático da mídia; a noção de quarto poder, em que está

implícita a autonomia da imprensa em relação ao governo, o direito à liberdade de expressão e o compromisso com o interesse público; o caráter público ou privado da empresa jornalística (GOMES, 2011, p.20)

Como já destacado, diferentemente da Europa, que tem uma TV de exploração não comercial, o Brasil segue as premissas do mercado televisivo americano, onde a TV é caracteristicamente privada. A implantação de uma rede de TV pública no Brasil, envolveria o re-aprendizado público do ato de assistir TV, colocando em destaque valores até então não questionados, pelo menos não pelo grande público.

Como a TV no Brasil nasceu privada, Bucci afirmou que falar de televisão no Brasil é falar de TV comercial, pois como as televisões abertas são gratuitas, toda formatação da programação televisiva é feita para servir de venda ao anunciante. (...) Em outros países europeus, o modelo é o mesmo (da BBC), pois a televisão nasceu pública e recentemente tem migrado à privatização. (...) Portanto, a televisão privada ganha hegemonia e estabelece regras, o que influencia diretamente a proposição de televisão pública (FORT, 2005, p. 88-89).

Conforme destacado pela autora, o modelo hegemônico da televisão brasileira é o privado e portanto, trazer para a população uma programação baseada em outros princípios e portanto, destoante do padrão comum, é um desafio, tanto para os profissionais envolvidos quanto para os telespectadores. Desafio esse que deve ser enfrentado em prol de uma democratização do acesso à informação de qualidade, capaz de formar cidadãos conscientes e críticos e principalmente, que seja inclusivo.

Se a TV Pública é um caminho para essa democratização da comunicação, os programas telejornalísticos seriam o principal palco de potenciais mudanças, com pautas diferenciadas, de maior interesse público, maior participação popular, inserção do cidadão, abrangência, não mostrando apenas os grandes centros, mas também o interior do país, independência política e financeira, possibilitando abordagens mais isentas.

É nesse conjunto de possibilidades positivas para a promoção da cidadania que ganha particular interesse a reflexão sobre a implantação do que é proposto como telejornalismo público, aquele produzido e veiculado por uma emissora de televisão também em processo de constituição, liberta da busca pelo lucro comercial e também da pressão governamental. Essa possibilidade ocorreria na TV Brasil, criada em dezembro de 2007.

3.3 TV BRASIL: CONSTITUIÇÃO DA TV PÚBLICA BRASILEIRA E SEU TELEJORNALISMO

Foi a partir das TV's educativas que surgiram os primeiros projetos de TV pública no Brasil. Apesar de não serem privadas, as TV's educativas não atendiam todas as necessidades dos cidadãos como o direito à voz, inclusão e informação de qualidade. Seu caráter era genuinamente pedagógico, ao menos em tese:

Era inegável que os cidadãos brasileiros precisavam e teriam, cada vez mais, necessidade de serviços educativos permanentes. A educação tradicional, com sua rígida concentração em termos de tempo e lugar, não era suficiente para atender à nova demanda. Mas se para os partidários da TV Educativa, ela era o local, por excelência, onde os trabalhos voltados para a educação a distância deviam se realizar, os proprietários das emissoras comerciais também enxergavam nesse filão um caminho para ampliar seus negócios. Tem início uma nova disputa, muito semelhante a que enfrentou Roquette-Pinto. Só que o principal adversário, agora, chama-se Roberto Marinho (CARRATO, 2013, p.156)

Com a aprovação da Medida Provisória 398 de 10 de outubro de 2007, posteriormente substituída pela Lei 11.652, de sete de abril de 2008, instituíram-se os princípios e objetivos de radiodifusão pública no país e foi constituída a Empresa Brasil de Comunicação (EBC), gestora da TV Brasil.

A EBC é uma empresa em forma de sociedade anônima de capital fechado, formada a partir da união dos patrimônios da Empresa Brasileira de Comunicação (Radiobrás) e da Associação de Comunicação Educativa Roquette Pinto (Acerp), gestora da TVE Rio. A empresa engloba atividades de televisão, rádio e internet, além de ser responsável pelo desenvolvimento de um sistema público de comunicação no país, e está vinculada à Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República.

O projeto da TV Brasil possui como modelo de gestão três conselhos: administrativo, financeiro e curador, além de uma diretoria executiva. Esses conselhos devem se regular entre si e regular também o funcionamento da empresa.

O Conselho Curador, mais especificamente, tem a proposta de representar a sociedade brasileira na fiscalização do cumprimento dos objetivos da empresa. Sua composição envolve 22 membros, 15 indicados pela sociedade, quatro pelo Governo, um pela Câmara, outro pelo Senado, além de um representante dos funcionários da emissora.

O financiamento da TV Brasil é garantido pelo repasse de verbas do governo federal. Esse sistema pode acabar levantando algumas questões, como a dependência da emissora ao governo. A esse respeito, Eugênio Bucci, que foi seu primeiro presidente, afirma que “Seja no

plano político (relações com o governo e o Estado), seja no plano econômico (relações com o mercado), a independência é indispensável para a realização de qualquer projeto de radiodifusão pública.” (BUCCI, 2010, p.6).

O sistema de financiamento da EBC está previsto por lei, cujos principais pontos encontram-se nos Art. 9º “sob a forma de sociedade anônima de capital fechado e terá seu capital representado por ações ordinárias nominativas, das quais pelo menos 51% (cinquenta e um por cento) serão de titularidade da União” e Art. 11:

Art. 11. Os recursos da EBC serão constituídos da receita proveniente:

- I - de dotações orçamentárias;
- II - da exploração dos serviços de radiodifusão pública de que trata esta Lei;
- III - no mínimo, de 75% (setenta e cinco por cento) da arrecadação da contribuição instituída no art. 32 desta Lei;
- IV - de prestação de serviços a entes públicos ou privados, da distribuição de conteúdo, modelos de programação, licenciamento de marcas e produtos e outras atividades inerentes à comunicação;
- V - de doações, legados, subvenções e outros recursos que lhe forem destinados por pessoas físicas ou jurídicas de direito público ou privado;
- VI - de apoio cultural de entidades de direito público e de direito privado, sob a forma de patrocínio de programas, eventos e projetos;
- VII - de publicidade institucional de entidades de direito público e de direito privado, vedada a veiculação de anúncios de produtos ou serviços;
- VIII - da distribuição da publicidade legal dos órgãos e entidades da administração pública federal, segundo o disposto no § 1º do art. 8º desta Lei;
- IX - de recursos obtidos nos sistemas instituídos pelas Leis n.º 8.313, de 23 de dezembro de 1991, [8.685, de 20 de julho de 1993](#), e 11.437, de 28 de dezembro de 2006;
- X - de recursos provenientes de acordos e convênios que realizar com entidades nacionais e internacionais, públicas ou privadas;
- XI - de rendimentos de aplicações financeiras que realizar;
- XII - de rendas provenientes de outras fontes, desde que não comprometam os princípios e objetivos da radiodifusão pública estabelecidos nesta Lei. (Lei n.º 11.652, de 7 de abril de 2008).

Constituída legalmente, no dia 2 de dezembro de 2007, a TV Brasil começou a veicular sua programação, buscando, segundo o site da TV na internet, ser uma TV pública independente e democrática, dando oportunidade àqueles que não têm voz na TV comercial.

A TV Brasil busca oferecer ao telespectador programação diferenciada e privilegia conteúdos nacionais e regionais em suas diferentes faixas: infantil, jornalismo, documentários, debates, programas culturais e entretenimento. A programação inclui

conteúdos próprios, coproduções, contribuições de produção independente e da produção regional (www.tvbrasil.org.br).

Além da TV Brasil, outras 20 emissoras compõem a rede pública proposta pela EBC. Elas fazem parte da Associação Brasileira das Emissoras Públicas, Educativas e Culturais (Abepec), alcançando 3 mil municípios. Ainda segundo o site da TV Brasil, o objetivo da EBC é integrar “cerca de 174 canais municipais/regionais, 70 emissoras comunitárias, 40 universitárias e 64 legislativas. O plano prevê dez horas de transmissão simultânea, sendo quatro da TV Brasil, quatro do conjunto da rede e duas horas de programação infantil comum a todos” (www.tvbrasil.org.br).

No que refere-se a produção de informação audiovisual, a TV Brasil produz atualmente 33 programas classificados pela própria emissora como “informação”. São eles: Bom para Todos; Brasilianas.org, Caminhos da Reportagem; DOC Especial; DOC TV; Espaço Público; ES Rural; Expedições; Interprogramas; Liberdade Religiosa; Marca Paraná; Notícias do Campo; Nova África; Nova Amazônia; Observatório da Imprensa; Opção Saúde; O que é que eu vou fazer da minha vida?; Os Caminhos da Democracia; Papo de Mãe; Reencontro; Repórter Brasil; Repórter DF; Repórter Maranhão; Repórter Rio; Repórter São Paulo; Rio Grande Rural; Sem Censura; Ser Saudável; Tal como Somos; Tela Rural; Ver TV; Visual; Vitrine do Campo.

A TV Brasil vem sendo estudada desde 2010, pelo Laboratório de Jornalismo e Narrativas Audiovisuais⁸, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, liderado pela professora Iluska Coutinho. O primeiro projeto trabalhado pelo grupo, intitulado “Avaliação do Telejornalismo da TV Brasil – monitoramento do cumprimento dos direitos à comunicação e à informação”, surgiu a partir de uma demanda da própria emissora, que buscou na academia um diálogo para, junto à pesquisadores e sociedade, avaliar o que estava sendo produzido até então pela recente emissora.

Desde então, o primeiro desafio do grupo procura criar parâmetros para avaliar os noticiários e perceber até que ponto os princípios básicos de um bom telejornalismo público estão sendo cumpridos, bem como apontar o que, a partir da pesquisa, viu-se que precisa ser mudado e melhorado. Compreendendo que o Jornalismo da TV Brasil estava orientado de forma genuína pelos princípios de estímulo à educação e cidadania, buscou-se aferir por meio da observação e análise sistemática em que níveis e com qual grau de qualidade o interesse público e os direitos à Comunicação estavam, de fato, incorporados ao telejornalismo da

⁸ Em 2010, éramos o grupo de pesquisa “Jornalismo, Imagem e Representação”, depois convertido em laboratório, de modo a incluir ações de extensão e treinamento profissional.

emissora pública brasileira.

Nesse processo, estabeleceu-se como premissa que o Telejornalismo Público deveria ter como um de seus princípios orientadores, em especial, avançar para além da distinção forma-conteúdo que impediria a oferta de informação de qualidade nas emissoras comerciais e estatais, na medida em que estaria liberto da perspectiva mercadológica, da busca pelo lucro, comercial sobretudo. Entre as perspectivas gerais de um modelo de telejornalismo público, que guardam relação direta inclusive com os documentos constitutivos da EBC e da TV Brasil, estaria a oferta de conteúdos voltados para o cidadão e para as diferentes comunidades.(COUTINHO, 2013, p.29)

Portanto, para que os programas telejornalísticos da TV Brasil possam constituir-se em referência de qualidade na prática do Telejornalismo Público, é preciso radicalizar o compromisso de seus profissionais com a oferta de informação televisiva com formato e profundidade diferenciadas. Além disso, é necessário investir no estabelecimento de novas estruturas e formas de abordagem da notícia que, por meio da articulação de formatos e diferentes fontes, destaquem as relações entre aspectos locais, nacionais e globais, tendo como principal diretriz a defesa e promoção da cidadania.

3.4 A EXPERIÊNCIA DA TV CULTURA: O POVO NA TV A PARTIR DAS CONTRIBUIÇÕES DE JOÃO BATISTA DE ANDRADE

No que se refere à apropriação do espaço do telejornalismo público para representação do cidadão, para inserção de sua voz, uma referência importante, bibliográfica e de prática, é João Batista de Andrade. Durante os anos de 1970, o cineasta trabalhou na TV Cultura, no telejornal Hora da Notícia e quando saiu da emissora, foi trabalhar na Rede Globo, no Globo Repórter. Durante sua experiência como jornalista, João Batista procurou fazer um trabalho diferenciado daquele que até então estava sendo desenvolvido e por muitas vezes, encontrou dificuldades e resistência, ainda mais na época da Ditadura Militar, quando a censura acabava limitando qualquer tipo de mudança e desafio.

Suas experiências daquela época na TV estão relatadas no livro “O Povo Fala- um cineasta na área de jornalismo da TV Brasileira”, onde o autor conta as mudanças que propôs e como elas foram recebidas pelos demais jornalistas e responsáveis pelo Hora da Notícia e posteriormente, no Globo Repórter. De maneira geral, esse livro está diretamente relacionado com o trabalho aqui proposto, uma vez que o principal questionamento de João Batista se deu acerca da maneira como as pessoas, principalmente as mais simples, cidadãos comuns, eram abordados pelos jornalistas e como apareciam no telejornal. A partir da análise de alguns

apontamentos feitos por João Batista, será possível, ao longo desse trabalho, estabelecer uma relação entre o que acontecia naquela época e o que se observa ainda hoje, no Caminhos da Reportagem, objeto de análise desse estudo.

O autor conta que no telejornalismo de então, a autoridade na informação havia se confundido com autoridade institucional, da mesma maneira como o regime confundia governo com a nação.

(...) Era preciso repor as coisas no lugar, ouvir os afogados antes do teórico ou da autoridade em afogamentos. Feita a inversão, as autoridades passavam simplesmente a ter uma opinião, quando era o caso. E os especialistas podiam, se fosse o caso, contar com um espaço para tentar alguma explicação. O centro dramático da narrativa se deslocava para aquele que vivia- e sofria- o assunto tratado. Isso na TV era de uma estranheza só, até mesmo atemorizante, na agonia do início dos anos 1970, contrastando radicalmente com as doces imagens produzidas e difundidas nas TVs pelo regime militar. (Andrade, 2001, p. 59)

De acordo com o trecho acima, percebe-se que João Batista tinha uma preocupação com o lugar das fontes constituídas por pessoas comuns. Ao longo do livro, ele conta que saía para as ruas e entrevistava quem ele achasse importante para a matéria, independente de quem fosse e muitas vezes, foi criticado por isso. Em um de seus relatos, João Batista lembra que um dos diretores da TV Cultura não gostava da maneira como ele mostrava as pessoas comuns no telejornal. “Implicavam porque eu pegava gente miserável e feia, desdentada e em lugares horríveis, com tanto lugar bonito para mostrar. Chegaram a sugerir que um editor de imagens me acompanhasse para ajudar a escolher as pessoas a serem filmadas ou ouvidas.” (ANDRADE, 2001, p.86).

Além da escolha das fontes, o autor conta que percebeu que os cinegrafistas tinham por hábito filmar as pessoas simples de cima para baixo (*plongé*), e as autoridades de baixo para cima (contra *plongé*). Segundo João Batista, nem eles próprios sabiam explicar porquê filmavam desta forma, apenas faziam da forma usual, como já estavam acostumados. A partir daí, ele estabeleceu uma regra para sua equipe: a câmera deveria sempre estar na altura do ombro do cinegrafista.

Quando o autor saiu da TV Cultura e foi para a TV Globo, procurou levar para a emissora sua experiência e sua visão diferenciada do que seria fazer um telejornalismo democrático. Da mesma forma que na emissora pública, encontrou algumas dificuldades, principalmente no que se refere aos hábitos já incorporados pelos jornalistas. Fazer uma mudança radical não seria tarefa fácil e às vezes, suas propostas não eram inteiramente compreendidas.

Tivemos imensa dificuldade para implantar os primeiros traços de mudança, que acabaram se tornando mais claros só em nosso trabalho no Globo Repórter(...). Diante de nossas ideias(...)os repórteres tratavam de enfiar, em qualquer reportagem, imagens de povo e até mesmo entrevistas com populares. Com isso esperavam cumprir seus papéis nas mudanças propostas. O povo entrava assim, de coadjuvante, muitas vezes em situações ridículas, como enxertos que serviam apenas como álibi e, muitas vezes, como temperos, conservando-se intactos os velhos conceitos de autoridade e de hierarquia dos assuntos.(...) Era o que chamavam de “povo fala”. (ANDRADE, 2001, p. 97)

Como ressaltado no trecho acima, João Batista tinha uma preocupação com o lugar de fala dos populares, com o papel que eles assumiam nos telejornais e com o conteúdo de suas falas. Por esse motivo, sua experiência na TV é entendida como uma grande contribuição a esse trabalho, tanto na compreensão do papel da TV Pública, quanto dessas fontes.

Quanto às TVs públicas, como a TV Cultura, já vimos que nem sempre se colocam à margem dos desvios da vida política, não só porque despertam grandes interesses, mas também pelo fato de serem dirigidas por pessoas, com suas visões e limitações, suas preferências e idiossincrasias, nem sempre com a capacidade de um mínimo distanciamento crítico e da necessária generosidade ou, quem sabe, o necessário poder de decisão. (ANDRADE, 2001, p.124)

João Batista de Andrade afirma que as TVs públicas muitas vezes não se diferenciam efetivamente das comerciais, por ambas serem dirigidas por pessoas que têm seus interesses e pontos de vista, em geral associados a um olhar elitista. Dessa forma, pode-se afirmar que, por mais que as TVs públicas tenham regras e objetivos diferentes, essa diferenciação só pode ser de fato concretizada se partir de quem a comanda.

A análise do objeto de pesquisa dessa dissertação, além de permitir a busca pelo entendimento de qual seria o papel das fontes no Caminhos da Reportagem, também possibilita a percepção, de certa forma, da efetiva diferença entre esse programa telejornalístico, de uma emissora pública e os demais, de emissoras comerciais. Da mesma forma que João Batista relata no livro aquilo que observou na prática sobre a maneira que o telejornal era feito na TV Cultura e posteriormente, na TV Globo, uma análise teórica também pode revelar, guardadas as devidas proporções, alguns hábitos comuns e deixar transparecer um pouco o olhar de quem comanda o Caminhos da Reportagem.

4 CAMINHOS DA REPORTAGEM: INFORMAÇÃO EM PROFUNDIDADE NA TV BRASIL

O “Caminhos da Reportagem” é um programa semanal veiculado pela TV Brasil, que vai ao ar toda quinta-feira às 22h e atualmente é reprisado aos sábados às 6h30. Geralmente, o programa tem 52 minutos de duração e é dividido em três blocos. Sua proposta é trazer ao telespectador grandes reportagens sobre temas atuais e/ou polêmicos com “uma visão diferente, instigante e complexa de cada um dos temas escolhidos” (<http://tvbrasil.ebc.com.br/caminhosdareportagem>).

Entre as promessas que uma emissoras de TV pública deve cumprir junto à sociedade, estão as de atender a alguns requisitos como isenção, pluralidade, além de buscar promover o direito à informação e cidadania. Desse modo, quais seriam os desafios de um programa de reportagens de uma TV pública? Qual deveria ser o seu diferencial?

Uma grande reportagem exige muita pesquisa, uma abordagem multiangular, contextualização, multiplicidade de vozes. Enfim, diferentemente de uma notícia, uma reportagem exige maior produção, uma vez que o resgate histórico e a multiplicidade de vozes são fundamentais. “A notícia é o relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social. A reportagem é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística”(José Marques de Melo, 1985, p.49). Ainda sobre a reportagem, Godinho (2011), ao falar sobre as origens da Reportagem, afirma que:

“(…)se a notícia apresenta um fenômeno através dos seus predicados, a reportagem pretende chegar ao fenômeno além dos predicados, ou seja, para além da notícia. A reportagem surge num quadro de experiência que pede um maior conhecimento do 'sujeito do acontecimento', para que se fortaleça, no espectador, a sua capacidade de aceitar e de julgar as notícias e não ficar dependente do julgamento já 'feito'. (GODINHO, 2011, p.62)

Apesar das diferenças, alguns elementos da reportagem se assemelham ao das notícias de um telejornal diário, como define Saulo de la Rue. “Mesmo fugindo do dia-a-dia, a grande reportagem segue as regras do bom jornalismo: conflito, apuração, contraposição, clareza. Fora isso, cada assunto dará um formato, cada assunto dará um enfoque, num processo de criação único para cada nova grande reportagem” (Rue, 2006, p.187). Algumas outras características apontadas pelo autor se encaixam mais especificamente em reportagem exibidas em televisões comerciais, como em: “Numa programação pautada pelo domínio da

audiência, a grande reportagem trará assuntos de interesse de uma massa difusa, a maioria. É ela que vai ditar temas, enfoques e até mesmo narrativas” (Rue, 2006, p.187).

Mas e quando a audiência deixa de ser o principal fator determinante, como no caso do Caminhos da Reportagem? Quais devem ser os critérios utilizados para que o interesse público se sobressaia ao interesse do público?

Observando todos os vídeos postados no site do Caminhos da Reportagem, percebe-se que há uma gama de temas que vêm sendo abordados há cerca de seis anos – o primeiro vídeo disponível no site data de 26 de novembro de 2008. No entanto, não se pode afirmar que esse foi o primeiro vídeo exibido pelo programa e sim, o primeiro disponibilizado no site.

Com o tema “Energia Nuclear, o Brasil no Haiti e Afeganistão”, o Caminhos da Reportagem desse dia foi composto por três temas diferentes, com reportagens menores dividindo o tempo do programa. Primeiramente, falou-se sobre o trabalho das tropas brasileiras na missão de paz da ONU, no Haiti. O segundo tema foi sobre os avanços da ciência e dos cientistas brasileiros na área de tecnologia nuclear. Um dado interessante dessa reportagem é que ela pertence na verdade à Rede Minas, ou seja, não foi produzida pela equipe da TV Brasil. Por fim, o terceiro tema abordado foi o Afeganistão, depois da queda do regime talibã e ocupado pela força dos Estados Unidos e Aliados.

A partir dos próximos vídeos, observou-se o padrão de um assunto por programa, alguns inclusive se estendendo por duas semanas seguidas, dada a sua extensão. Foi o caso, por exemplo, da reportagem intitulada “Mercosul, comércio e história” que teve sua primeira parte exibida no dia nove de dezembro de 2012 e a segunda na semana seguinte, dia 16.

Algumas vezes a pauta escolhida refere-se a temas atuais, que estão na mídia no período, como o resgate dos 33 mineiros que ficaram presos em uma mina no Chile⁹ e a morte de Hugo Chávez. Porém, é comum encontrar no programa reportagens que trazem temas não muito explorados, como “Mão de obra escrava urbana”, “Exploração de sexual de menores nas rodovias”, “Saúde do homem brasileiro” e “Carandiru: marcas da intolerância”.

A cultura e arte nacionais também são constantemente temas do Caminhos da Reportagem, bem como sua natureza e destinos turísticos, sempre procurando dar à reportagem um viés novo, fugindo assim, do lugar comum. São os casos, para exemplificar, de “Cinema brasileiro: luz, câmera, verbal!”, “Paixão e fúria: torcidas e torcedores”, “A rota do ouro e do diamante” e “Serra da Capivara e das Confusões”. Outro tema que não raramente está presente no programa é a saúde, quase sempre privilegiando doenças pouco comuns ou

⁹ O acidente ocorreu no dia 5 de agosto de 2010, na mina São José. No dia 22, 33 mineiros foram localizados com vida e o resgate teve início no dia 12 de outubro.

discriminadas, como “Mães com deficiência” e “Hanseníase: a história que o Brasil não conhece”.

De maneira geral, as reportagens feitas pelo programa são bem heterogêneas quanto à temática e abrangência. Os assuntos tratados não privilegiam nenhuma parcela específica da sociedade, tampouco nenhuma região geográfica. Todas as regiões do país e todas as classes sociais estão presentes em suas pautas. Muitas vezes, observa-se até mesmo uma busca por mostrar o Brasil e as pessoas que não têm vez, nem voz, na grande mídia. Durante aproximadamente seis anos¹⁰, o Caminhos da Reportagem já falou de negros, índios, deficientes físicos e mentais, ex-presidiários, gravidez indesejada, pobreza, seca, exploração infantil, escravidão, dentre vários outros temas que precisam ser abordados, mas muitas vezes são negligenciados.

Ao falar sobre o “Caminhos da Reportagem”, é importante destacar os vários prêmios que o programa já recebeu, o que indica uma forma de reconhecimento do trabalho realizado. Abaixo, listamos os prêmios e indicações recebidos em 2014:

- III Prêmio de Jornalismo da Medtronic - Primeiro lugar na categoria telejornalismo

Programa “Medicina do futuro: Realidade ou ficção” categoria telejornalismo. A reportagem produzida pela equipe de São Paulo mostrou com exclusividade a reação do maestro João Carlos Martins, diante de uma câmera de TV, ao tocar piano com os cinco dedos da mão esquerda pela primeira vez em dez anos.

-Prêmio Nacional de Violência de Gênero-Prêmio concedido pela casa da Mulher Catarina e pela rede feminista de saúde, direitos sexuais e direitos reprodutivos - Menção Honrosa

Programa Caminhos da Reportagem “A Hora da Chegada”, da TV Brasil que investigou por que o Brasil é campeão mundial de cesarianas.

- Prêmio Jornalista Tropical- Oferecido pela Sociedade Brasileira de Medicina Tropical - 1º lugar na categoria TV –

Episódio “Hanseníase, a história que o Brasil não conhece”. O programa revela histórias secretas das colônias de leprosos, de onde surgem relatos de horror, perseguições e maus tratos.

- 36º Prêmio Vladimir Herzog – Menção Honrosa

¹⁰ De acordo com o material disponível na página do programa na Web, o Caminhos da Reportagem está no ar desde novembro de 2008.

Programa Caminhos da Reportagem “A Pele Negra”. O programa foi ao ar em maio, na semana do aniversário da abolição da escravatura, e mostrou como o preconceito racial ainda é uma realidade no país.

- Prêmio longevidade de Jornalismo Bradesco Seguros - Segundo lugar na categoria mídia eletrônica

Programa Caminhos da Reportagem "Velhos idosos, novos desafios". O programa revela que mesmo depois de completar 10 anos do Estatuto do Idoso, a população idosa ainda sofre com a falta de respeito nas ruas, tanto no transporte coletivo quanto no atendimento à saúde. As violações de direitos também ocorrem dentro de casa.

- 8º Prêmio Allianz Seguros de Jornalismo - Finalistas

Programa Caminhos de Reportagem:

-"Chico Mendes". O programa mostra o que mudou depois dos 25 anos da morte de Chico Mendes para os seringueiros e comunidades que lutam pela preservação da floresta

-"Desperdício de alimentos- quem paga essa conta?" O programa é um alerta ao desperdício de alimentos um problema que ocorre em todas as etapas de produção, transporte, até a venda e consumo.

- 59ª edição do Prêmio Esso de Jornalismo – Categoria Telejornalismo - Finalista

O episódio “Escola Base – 20 anos depois”. O Caminhos da Reportagem refaz o quebra-cabeças de um caso que é até hoje estudado nas faculdades do país e relembra o caso da denúncia feita aos donos de uma escola infantil por abuso sexual de um aluno. A acusação é aceita pelo delegado e noticiada como um furo de reportagem pela TV Globo. A imprensa passa a cobrir a história em que os protagonistas são crianças de 4 anos, e o delegado passa do anonimato às manchetes dos jornais. Por que a imprensa embarcou na acusação do delegado?

- Prêmio Libero Badaró - Finalista

Programa "Vítimas do Conflito Armado na Colômbia". O programa vai à Colômbia e investiga o mais antigo conflito armado da América Latina: em 49 anos, a guerrilha vitimou mais de cinco milhões de pessoas. A equipe encontrou vítimas dos diversos atores envolvidos no conflito: paramilitarismo, Farc, ELN e Exército Colombiano.

-15º Prêmio Imprensa Embratel-Claro - Vencedor na categoria Reportagem Cultural

O Caminhos da Reportagem “Terra da Poesia” mostra o Vale do Pajeú, no sertão de

Pernambuco, onde a seca e o sofrimento, mas também a alegria e a riqueza cultural da região se transformam em rimas e métricas.

- 1º Prêmio MPT de Jornalismo - Menção honrosa na categoria Reportagem Cinematográfica (na Região Centro- Oeste).

-O programa Caminhos da reportagem "Infância Perdida" recebeu a menção honrosa pela reportagem cinematográfica. O programa mostra os casos de crianças que vêm sofrendo os mais diversos tipos de agressão: violência física, abuso sexual e um tipo de agressão que passa muitas vezes despercebida, o trabalho infantil.

-O programa "CLT -70 anos" recebeu prêmio na categoria Telejornalismo na Região Centro-Oeste. Programa mostra os reflexos e mudanças causados pela CLT, 70 anos depois da sua criação, nas relações entre patrão e empregado.

4.1 CAMINHOS DA REPORTAGEM VISTO DE DENTRO: OLHARES DE QUEM FAZ O PROGRAMA

Além de analisar os programas dentro do recorte empírico, essa pesquisa também buscou perceber a maneira como a equipe que trabalha com o “Caminhos da Reportagem” percebe o programa. Para isso, foram enviadas via e-mail para a editora-chefe do programa, Cintia Vargas, algumas perguntas referentes à produção do programa, bem como outras mais gerais, referentes ao jornalismo, à TV Pública e tratamentos das fontes. Além disso, também foram encaminhadas a ela outras perguntas, que deveriam ser repassadas para outros membros da equipe do programa. Por fim, tivemos ao todo quatro entrevistas respondidas. Além da inserção da editora-chefe como respondente, tivemos também a participação de Carina Dourado, coordenadora do núcleo de programas jornalísticos e repórter do “Caminhos da Reportagem”; Ana Maria Simões, editora de texto e Débora Teles Brito, jornalista que atua como repórter do programa.

Diante das entrevistas respondidas, percebeu-se que alguns temas estiveram presentes de forma significativa e merecem, portanto, serem aqui destacados. Sobre a escolha das pautas dos programas, destacou-se a participação dos cidadãos, principalmente por meio de mensagens enviadas à Ouvidoria e também à equipe do “Caminhos da Reportagem”. Segundo as entrevistadas, é comum as pessoas entrarem em contato e sugerirem pautas e assim, o tema é levado à reunião e discutido. Ainda sobre as pautas, percebeu-se também que elas

procuraram frisar a busca por temas relevantes socialmente, que possam englobar parcelas da população que geralmente não ganham destaque na mídia. “(...)temos que dar uma abordagem diferenciada aos temas, algo que preferencialmente outros veículos ainda não tenham tratado. Pautas de cunho cidadão que tratem diretamente da missão da nossa emissora geralmente ganham mais destaque”, afirma Cintia Vargas.

Outro tema presente nos discursos da equipe entrevistada diz respeito às diferenças de estrutura e de angulação existentes entre a TV Brasil e outras emissoras comerciais. Elas destacaram que em uma emissora privada, geralmente há mais recursos e por isso, é possível produzir um programa que demande mais verba e mais pessoas trabalhando, além de terem muitas vezes, equipamentos de melhor qualidade, proporcionando uma finalização melhor dos programas. Além disso, elas também falaram que os programas dessas emissoras geralmente têm um tom mais apelativo, sensacionalista e que no “Caminhos da Reportagem”, eles procuram destacar aquilo que tem mais relevância social e não o que necessariamente se converteria em maior audiência. Para Débora Brito, “muitos temas que abordamos no Caminhos não gerariam interesse na empresa privada. Ou seriam tratados de forma mais apelativa. Na parte de estrutura, acredito que teriam melhor produção e acabamento”, afirma.

Ainda sobre verbas e estrutura da TV Brasil, outra questão levantada pelas entrevistadas foi a burocratização que existe no processo de liberação de verbas. Por ser uma TV Pública, segundo elas, há uma série de exigências que acabam atrasando ou até mesmo inviabilizando algumas produções. Carina Dourado falou sobre as licitações necessárias e outras exigências que dificultam um trabalho jornalístico: “O tempo do serviço público - com licitações, burocracia na tomada de decisões, contingenciamento de verba, limitações de viagens, uso de cartão corporativo, exigências de comprovação de serviços muito rígidas - não corresponde ao tempo do jornalismo, que tem que ser ágil e imediato muitas vezes”.

A escolha das fontes que serão entrevistadas no programas também foi comentada. Segundo as jornalistas, a equipe procura sempre ouvir quem está envolvido com o assunto, além de procurar especialistas, principalmente ligados à academia, e ouvir também os movimentos sociais. O cuidado com as fontes e seus depoimentos também foi destacado, como coloca Ana Maria Simões: “há uma preocupação muito grande em respeitar as pessoas que dão entrevista, seus pontos de vista, suas histórias. No processo de produção e gravação levamos em conta as preocupações e questionamentos dos entrevistados em relação à entrevista”.

Muitas vezes, segundo as jornalistas, a equipe recebe um retorno dos entrevistados depois que o programa vai ao ar, elogiando o resultado final e o trabalho realizado pela equipe

de maneira geral. Ana Maria Simões separou e nos enviou, por e-mail, algumas mensagens recebidas. Elas têm, de forma geral, um tom elogioso, referindo-se principalmente à escolha da pauta e dos entrevistados, bem como ao tratamento dado a eles. As mensagens enviadas estão nos anexos.

É importante destacar que ter acesso a esse retorno é interessante para o trabalho aqui proposto, mas há de se considerar que trata-se de uma seleção feita pela própria equipe, em um número muito reduzido e portanto, não dá para tirar conclusões sobre a percepção dos entrevistados a partir das mensagens enviadas, o que não reduz sua relevância.

4.2 ROTEIRO DA INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA AUDIOVISUAL: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA ANÁLISE DOS PROGRAMAS

O primeiro passo para a realização da análise empírica desse trabalho foi a escolha do recorte a ser utilizado. Assim, inicialmente, escolhemos pesquisar quais programas tinham sido exibidos dentro de um ano, de julho de 2013 a junho de 2014. Todos os programas veiculados podem ser acessados à partir do site do 'Caminhos da Reportagem'¹¹, disponível no endereço <http://tvbrasil.ebc.com.br/caminhosdareportagem>. A partir dessa pesquisa, optamos por analisar 12 vídeos, um de cada mês dentro de recorte temporal estabelecido previamente, buscando escolher aqueles que representassem as temáticas observadas durante um ano de exibição do programa.

Primeiramente, foi feita uma busca no endereço: <http://tvbrasil.ebc.com.br/caminhosdareportagem/videos>, e depois em <http://tvbrasil.ebc.com.br/caminhosdareportagem/episodios>. A coleta teve por objetivo levantar os vídeos postados relativos aos programas veiculados nas quintas-feiras às 22h, uma vez que os demais horários passam reprises. Dentro desse recorte, os vídeos encontrados foram:

- 26/06/14 – Poluição: Ares do Progresso. O que pode ser feito para diminuir a emissão de gases nocivos à saúde e, principalmente, de partículas que respiramos todo dia?
- 19/06/14 – Maracanã – Templo da paixão. Caminhos da Reportagem apresenta a história do principal palco do futebol brasileiro.

¹¹ Levando em consideração a baixa qualidade do sinal da TV Brasil na maioria das regiões e o caráter público do programa, a disponibilização de todos os vídeos na web possibilita que mais pessoas tenham acesso ao conteúdo, além de viabilizar também, um trabalho de memória, já que é possível resgatar os programas mais antigos. Em sua página na rede social Facebook, o “Caminhos da Reportagem” também disponibiliza os episódios exibidos em cada semana, por meio de links dos vídeos hospedados no YouTube.

- 12/06/14 – Futebol – memórias, novas arenas e muitas emoções. No dia da abertura da Copa, o Caminhos da Reportagem relembra a evolução do futebol no Brasil desde 1950 e conversa com especialistas e torcedores sobre o maior evento esportivo do mundo.
- 05/06/14 – Entre dois mundos: Brasil e Japão. Há mais de um século os dois países, que têm culturas extremamente diferentes, começaram um rico intercâmbio.
- 29/05/14 – As canções que vocês fez pra mim. Caminhos da Reportagem mostra como a música remonta ao passado e traz à tona momentos tanto alegres quanto tristes.
- 22/05/14 – não foram encontrados vídeos referentes a esse dia.
- 15/05/14 – A Pele Negra. Como vivem os negros no Brasil miscigenado 126 anos depois da escravidão?
- 08/05/14 – Exploração Sexual: jogo fora da lei. O programa aborda a exploração sexual de menores em Manaus e em Fortaleza, trazendo o assunto para a realidade dos estádios de futebol e para a Copa do Mundo. O roteiro do programa ganhou menção honrosa no concurso Tim Lopes 2014.
- 01/05/14 – Escola Base – 20 anos depois. Caminhos da Reportagem revê o caso com depoimentos da ex-sócia da escola, do ex-diretor de jornalismo da TV Globo e de professores e alunos que se perguntam até hoje: como a imprensa embarcou no erro da polícia?
- 24/04/14 – Dorival Caymmi – 100 anos. Fala da vida e obra do cantor e compositor, que faria 100 anos em 2014.
- 17/04/14 – Vivendo sobre as águas. Fala da vida do povo ribeirinho.
- 10/04/14 – Motos: risco e paixão sobre duas rodas. A equipe do programa pegou a estrada para saber por que milhares de brasileiros passaram a usar a motocicleta como meio de transporte, lazer e instrumento de trabalho.
- 03/04/14 – A Herança do Golpe. Fala do legado da ditadura na economia, política e educação.
- 27/03/14 – 50 anos do Golpe Militar – censura. Discute a censura no cinema, no teatro, na música e nas artes em geral durante a ditadura.
- 20/03/14 – Memórias da Ditadura – Fala do milagre econômico e do desrespeito aos direitos humanos.
- 13/03/14 – Escola Base – 20 anos depois. Revê o caso com depoimentos da ex-sócia da escola, do ex-diretor de jornalismo da TV Globo e de professores e alunos que se

- perguntam até hoje: como a imprensa embarcou no erro da polícia?
- 06/03/14 – Terra da poesia. A reportagem vai ao Sertão do Pajeú (PE), região conhecida como a Terra da Poesia, com cidades pequenas mas cheias de poesia, onde a seca e o sofrimento do povo acaba se transformando em alimento para a alma.
 - 27/02/14 – Dez anos de transgênicos no Brasil. Uma década após o ingresso dos organismos transgênicos no Brasil, permanece a polêmica em torno do seu uso
 - 20/02/14 – O Brasil dos estrangeiros. Europeus e norte-americanos escolhem o Brasil para fugir da crise.
 - 13/02/14 – Universo do Consumo. O Caminhos da Reportagem adentra o universo do consumo, que mistura desejos, necessidades e muitos cifrões.
 - 06/02/14 – Contestado: uma guerra esquecida. Relembra os quatro anos de um conflito que deixou marcas, mas caiu no ostracismo.
 - 30/01/14 – O mundo que não se vê. Mostra como as pessoas com deficiência visual percebem a realidade.
 - 23/01/14 – Anabolizantes, o risco da força. Caminhos da Reportagem investiga o uso indiscriminado de hormônios masculinos artificiais.
 - 16/01/14 – Sentido para a vida. Revela histórias de pessoas que viveram situações-limite e hoje encaram a vida de modo diferente.
 - 09/01/14 - não foi encontrado nenhum vídeo referente a esse dia.
 - 02/01-13 - não foi encontrado nenhum vídeo referente a esse dia.
 - 26/12/13 - não foi encontrado nenhum vídeo referente a esse dia.
 - 19/12/13 – Rua 25 de março: o oriente é aqui. Refugiados de guerras e da fome se unem a brasileiros na rua mais popular do centro de SP.
 - 12/12/13 - A hora da chegada – como nascem os bebês no Brasil? Caminhos da Reportagem investiga o alto número de cesarianas realizadas no Brasil, líder mundial no uso dessa técnica cirúrgica. Este episódio do Caminhos da Reportagem mereceu Menção Honrosa no Prêmio Nacional de Jornalismo sobre Violência de Gênero, oferecido pela Casa da Mulher Catarina e pela Rede Feminista de Saúde e será reprisado dia 22 de maio de 2014.
 - 05/12/13 – Chico Mendes, sua luta e seu legado. Vinte e cinco anos depois de seu assassinato, como estão os projetos e cooperativas idealizadas pelo seringueiro?
 - 28/11/13 – Contagante e Polêmico: o Funk carioca. Caminhos da Reportagem mostra os bastidores do ritmo que, apesar das controvérsias, está cada vez mais presente na

cultura brasileira.

- 21/11/13 – não foi encontrado nenhum vídeo referente a esse dia. (GREVE?)
- 14/11/13 – não foi encontrado nenhum vídeo referente a esse dia. (GREVE?)
- 07/11\13 – A intimidade e o espetáculo. Os limites da vida pública e privada em tempos de subcelebridades.
- 31/10/13 – Desperdício de alimentos – Quem paga essa conta? O Caminhos da Reportagem desta quinta-feira (31/10) abre um debate sobre o desperdício de alimentos no país.
- 24/10/13 – não foi encontrado nenhum vídeo referente a esse dia.
- 17/10/13 – Poesia, música, paixão: Vinícius de Moraes. Caminhos da Reportagem presta homenagem ao poeta Vinícius de Moraes, que completaria 100 anos em 2013.
- 10/10/13 – Novos idosos, velhos desafios. Caminhos da Reportagem discute as principais conquistas dos idosos nesta década e mostra quais direitos ainda não saíram do papel.
- 03/10/13 – Exploração Sexual de Menores: entre a culpa e a inocência. Jovens que sofrem violência sexual não denunciam o agressor .
- 26/09/13 – Alternativas de ensino na educação brasileira. Pais questionam a forma convencional de ensino e buscam alternativas para a educação dos filhos.
- 19/09/13 – Violência contra crianças. O Caminhos da Reportagem revela a realidade de crimes que vitimam crianças e jovens todos os dias.
- 12/09/13 – Chile: 40 anos depois do Golpe. Caminhos da Reportagem mostra como o país lida com o legado dos anos de chumbo.
- 05/09/13 – A Rota do Cangaço. Caminhos da Reportagem viaja pelo sertão do Nordeste e revela detalhes do cangaço, um dos períodos mais violentos da história do Brasil.
- 29/08/13 – Roncador, a serra dos mistérios. Caminhos da Reportagem explora floresta brasileira e seus segredos centenários.
- 22/08/13 – não foram encontrados vídeos referentes a esse dia.
- 15/08/13 – não foram encontrados vídeos referentes a esse dia.
- 08/08/13 – Vítimas de conflitos armados na Colômbia. Caminhos da Reportagem vai à Colômbia e investiga o mais antigo conflito armado da América Latina: em 49 anos, a guerrilha vitimou mais de cinco milhões de pessoas.
- 01/08/13 – não foram encontrados vídeos referentes a esse dia.

- 25/07/13 – não foram encontrados vídeos referentes a esse dia.
- 18/07/13 – não foram encontrados vídeos referentes a esse dia.
- 11/07/13 – Refugiados: o futuro longe de casa. Caminhos da reportagem mostra a situação dos refugiados que vivem no Brasil.
- 04/07/13 – Inclusão escolar, uma equação complexa. A diferença entre a lei e a prática nas escolas públicas e privadas.

É interessante observar que em algumas datas, não foram encontrados vídeos no site, o que dá a entender que naquele dia, não houve exibição do programa. Em uma busca rápida pela página do programa no facebook, vimos uma publicação explicando que, em função de um especial de fim de ano, não seria exibido o “Caminhos da Reportagem” naquela semana (1º de janeiro de 2015). Casos semelhantes podem ter ocorrido nas datas em que não encontramos vídeos, mas dois dias em especial (14 de novembro e 21 de novembro de 2013) chamaram a atenção, por serem épocas em que os funcionários da EBC estavam em greve¹², o que poderia explicar a não exibição do programa.

Após analisar as temáticas dos programas da lista mostrada e sua capacidade de articular questões que nos interessam, na perspectiva da representação do cidadão, optamos trabalhar com os programas: Inclusão escolar, uma equação complexa; Vítimas de conflitos armados na Colômbia; A Rota do Cangaço; Exploração Sexual de Menores: entre a culpa e a inocência; Contagante e Polêmico: o Funk carioca; A hora da chegada – como nascem os bebês no Brasil?; O mundo que não se vê; O Brasil dos estrangeiros; 50 anos do Golpe Militar – censura; Dorival Caymmi – 100 anos; A Pele Negra e Futebol – memórias, novas arenas e muitas emoções.

Para a análise desses vídeos, que foram assistidos online, o primeiro passo foi criar uma ficha onde pudéssemos colher os dados quantitativos de cada programa, além de servir de base também para a análise qualitativa. Assim, essa ficha foi montada com os seguintes elementos: entrevistado, que foi preenchido com os dados oferecidos pelos créditos do programa, em sua maioria com nome e profissão; classificação, cujos critérios serão explicados a seguir; tempo, onde os tempos de cada inserção foram inseridos separadamente e

¹² A greve na EBC teve início dia 7 de novembro de 2013 e durou 15 dias. Entre as principais reivindicações, estavam reajustes salariais com ganhos reais, maiores benefícios aos servidores e melhores condições de trabalho. No momento em que foi deflagrada a greve, às 16h do dia 7 de novembro, duas integrantes do grupo de pesquisa “Jornalismo, Imagem e Representação” estavam na EBC fazendo uma visita e entrevistando os funcionários. Desse forma, elas tiveram a oportunidade de registrar grande parte desse momento, o que resultou em um vídeo feito pelo grupo, que se encontra no endereço <https://www.youtube.com/watch?v=pP7mncslNs>.

posteriormente somados, o que chamamos de “tempo total” e por fim, resumo da fala. Essas fichas não foram inseridas no corpo do trabalho, servindo de embasamento para a descrição dos vídeos e assim, serão anexadas em forma de CD Rom.

Quanto à parte de classificação das fontes, é importante destacar que há várias maneiras de classificá-las e também vários motivos. Podemos classificá-las quanto à idade, classe social, sexo, cargo que ocupa. O que determinou o critério utilizado foi a finalidade da pesquisa. Para esta, foi utilizada uma classificação que leva em conta principalmente o papel/cargo da fonte no momento da entrevista, ou seja, qual grupo social ela representa naquele momento, com aquela fala. Ao todo, apontamos, com base em categorizações anteriormente utilizadas por Coutinho, Mata e Fernandes (2012), nove tipos de fontes: populares, especialistas, ligadas ao governo, políticos, de órgão público, de iniciativa privada, de ONG, artistas, atletas. A seguir, tem-se uma breve descrição de cada uma dessas fontes:

- Populares: seriam os personagens das matérias, testemunhas de algum acontecimento, as pessoas comuns que dão uma opinião pessoal ou relatam um fato. São populares, por exemplo, as pessoas que aparecem no “povo fala”.
- Personagens: seriam aquelas fontes que tiveram um maior destaque, que apareceram para contar suas histórias, que acabaram servindo de base para a construção da narrativa.
- Especialistas: são aqueles que estão ali dando entrevista por terem um amplo conhecimento sobre o assunto abordado. São especialistas, por exemplo, os pesquisadores e cientistas.
- Ligadas ao governo: são aquelas que o representam em determinada instância, como a presidenta, governadores e ministros.
- Políticos: são assim classificados quando ocupam um cargo deste tipo, mas não estão ligados diretamente ao governo, como vereadores e deputados.
- De órgão público: são geralmente funcionários que representam a instituição pública onde trabalham, como delegados e reitores.
- De iniciativa privada: são geralmente aquelas que falam de seu trabalho e negócios particulares, por exemplo, um empresário.
- ONG: são todas aquelas fontes que representam os interesses de grupos específicos, que não têm ligação com o governo e geralmente, não têm fins lucrativos, como membros de associações, projetos sociais ou as próprias Organizações não

Governamentais.

- Artistas: são, em sua maioria, pessoas famosas, como atores, cantores, dançarinos e artistas plásticos conhecidos pelo público.
- Atletas: são aquelas fontes que falam de seu esporte, geralmente contando alguma participação em eventos ou recebimento de prêmios.

É importante destacar que a classificação de cada fonte vai depender do papel que ela está exercendo na entrevista. Uma pessoa pode ser classificada de maneiras diferentes, em ocasiões diferentes. Um médico, por exemplo, pode ser classificado como popular, especialista, de iniciativa privada, dentre outros, dependendo da situação em que está inserido e sobre o que ele está falando.

Dessa forma, o capítulo empírico, próximo a ser apresentado, ficou dividido em duas partes. A primeira contém a descrição dos programas, baseados nos dados da ficha de análise, enquanto a posterior apresenta observações mais qualitativas, buscando fazer uma interpretação das informações descritas anteriormente. Essa última parte buscou também interpretar os dados acerca da participação dos entrevistados à luz da teoria da Dramaturgia do Telejornalismo, de Iluska Coutinho (2012).

5 CAMINHOS DA REPORTAGEM: QUEM TEM VOZ NAS HISTÓRIAS QUE CHEGAM AO TELESPECTADOR?

Isenção, pluralidade e democracia. Quando se pensa em uma comunidade onde os cidadãos têm direitos e deveres iguais, esses três itens seriam fundamentais. Ao mesmo tempo, eles podem ser entendidos/aplicados de muitas maneiras diferentes, dependendo do local, circunstância e interpretação de quem os torna realidade.

Os programas de reportagens, para citar o exemplo de nosso objeto, trazem notícias e histórias que são contadas não apenas pelos repórteres, mas também pelas pessoas entrevistadas, que compartilham com o telespectador seus conhecimentos, impressões sobre determinado assunto, sua opinião sobre alguma questão levantada, suas dúvidas e também, muitas vezes dividem com milhares de pessoas sua história e experiência de vida.

Existem várias maneiras de aparecer nas reportagens, seja dando uma opinião rápida na rua mesmo, enquanto se passa apressado para o trabalho, abrindo sua casa para o repórter e contando uma história pessoal, explicando questões técnicas e mais complexas no escritório, dando dicas de como cuidar da saúde direto do consultório médico ou em coletivas de imprensa para dar explicações políticas, entre várias outras situações. São inúmeras vezes que juntas montam o quebra-cabeças e constroem a notícia, sempre com a mediação/ articulação do texto do repórter e da edição do programa, para citar apenas algumas.

Neste capítulo, procura-se entender o papel de cada entrevistado na construção das histórias e notícias mostradas pelo programa Caminhos da Reportagem: quem é ouvido, quem fala por mais tempo, que tipo de entrevistado mais aparece, em quais situações e principalmente, qual o papel dos entrevistados nas narrativas apresentada no programa de reportagens da TV Pública.

5.1 DESCRIÇÃO DOS PROGRAMAS SELECIONADOS: OS DONOS DAS PALAVRAS

Na descrição, optou-se por dividir os programas por temáticas. Assim, tivemos três programas na editoria de comportamento; dois na editoria de memória; dois na editoria de saúde; dois de cultura; um na editoria de policial, um internacional e um programa de esporte.

5.1.1 Comportamento

Inclusão Escolar, uma equação complexa

Esse programa foi exibido no dia 4 de julho de 2013 e buscou mostrar os desafios que crianças com deficiência enfrentam para ter uma educação de qualidade que seja inclusiva. Majoritariamente composta por entrevistas, a reportagem ouviu pais de crianças especiais, algumas crianças e especialistas da área de saúde e educação.

Quanto aos locais de fala dos entrevistados, é interessante destacar que os pais que apareceram no primeiro bloco estavam reunidos na casa de um deles, sentados no chão, em círculo, juntos com seus filhos e a repórter, em um ambiente de conversa descontraído. Os demais pais estavam aparentemente em suas casas (nem sempre é possível identificar bem os ambientes), assim como alguns especialistas, mas a maioria deles parecia estar em seu ambiente de trabalho. Além disso, Bruna e Fernando, que são entrevistados portadores de deficiência, foram ouvidos tanto em casa quanto na escola.

Em relação à edição do programa, a principal característica foi o intercalamento das falas dos entrevistados de acordo com o tema abordado no momento, sempre procurando colocar opiniões divergentes sobre a mesma questão próximas, mostrando mais de um posicionamento. Outra característica dessa edição foi o uso de fotografias e imagens caseiras das crianças citadas, sempre coberta com uma música em tom condizente com os relatos, em sua maioria alegre, mas também com momentos um pouco mais melancólicos. A seguir, buscou-se fazer um resumo do relato de cada entrevistado, bem como alguns outros dados relevantes para a temática abordada.

Ana Paula Albuquerque é cabeleireira e mãe de Luís Felipe, uma criança autista. Somadas todas as suas falas, que foram divididas ao longo do programa, Ana Paula teve um tempo de aproximadamente um minuto e 40 segundos (1'40"), em que falou sobre a deficiência de seu filho e principalmente, sobre como era a escola anterior, que segundo ela, o isolava e a atual, com um método mais inclusivo.

A segunda entrevistada do programa foi Lorena Lara, administradora e mãe de Mariana. Lorena teve um tempo de 52 segundos de fala, no qual explicou a deficiência de sua filha, descrevendo cada limitação da criança e falou que as pessoas, mesmo os profissionais de educação, não tem preparo para lidar com crianças especiais. A entrevista ainda complementa dizendo que o diferente é relativo pois para ela, sua filha é normal, porque é a única criança da qual ela sabe cuidar.

Fernanda Rodrigues, que é psicóloga e mãe de Miguel, que tem Síndrome de Dawn, também fala sobre o comportamento dos profissionais de educação e conta que as pessoas tendem a valorizar mais a deficiência e menos a criança, argumentando que eles (os pais) não têm o direito de escolher em qual escola seu filho vai estudar, porque elas não estão preparadas. Além disso, Fernanda diz que já denunciou uma escola ao MEC e que nada foi feito a respeito. Por fim, ela destaca que a convivência de crianças deficientes com outras crianças sem deficiência é boa para os dois lados. Fernanda teve um total de dois minutos e 45 segundos (2'45'') de fala.

Marido de Ana Paula, a primeira entrevistada, Charles Veiga, que é cabeleireiro e pai de Luís Felipe, falou principalmente sobre a exclusão que seu filho sofria na escola, comparando com o tratamento dispensado ao seu filho mais velho, que não tem deficiência. Ele conta também que na nova escola, seu filho tem uma cuidadora que sempre busca pesquisar novas formas de lidar com Luís Felipe e que isso tem sido fundamental para o seu desenvolvimento. Seu tempo de fala foi de 45 segundos, aproximadamente.

A primeira especialista ouvida no programa foi Jussara Falek, que é psicanalista e professora da USP. Com um tempo total de um minuto e 35 segundos (1'35''), Jussara explicou as características do autista, falou das dificuldades que eles têm em interagir e disse que cabe aos outros promover essa interação. Além disso, ela também citou uma pesquisa que realizou ao longo de 20 anos, que destaca a importância de ouvir as mães de crianças com deficiência.

Procuradora da República de São Paulo, Eugênia Augusta Gonzaga abordou em suas falas questões mais ligadas à legislação, que prevê o direito de todas as crianças a terem acesso às escolas, inclusive as com deficiência. Ela afirmou também que não há uma fiscalização constante nesse quesito, mas que sempre que há denúncia de escolas por parte dos pais e que os casos são investigados, às vezes até por delegacias de ensino. Eugênia teve um tempo de fala de um minuto e dois segundos (1'02'').

Martinha Clarete Dutra é Diretora de Educação Especial do MEC e também diz que nenhuma escola, pública ou privada, pode recusar matrícula de nenhuma pessoa, estando passível de punição caso o faça. Explica ainda que não cabe ao MEC fiscalizar nem punir as escolas, existindo instâncias estaduais para isso e que as escolas que descumprem as leis estão passíveis de sanção. No total, Martinha teve um tempo editado de fala de 54 segundos.

Leandro Rodrigues, que é economista e pai de Miguel, teve um tempo de fala de 14 segundos e contou à reportagem que seu filho é outra criança desde que entrou para a atual escola, em termos de desenvolvimento e comportamento.

Blogueira e mãe de Theo, Andréa Werner Bonoli fala que mantém um blog para se distrair e ajudar outras mães e que quando descobriu a deficiência de seu filho, passou por um momento parecido com um luto. Além disso, ela fala que seu filho está numa boa escola, mas que recebe mensagens de outras mães e vê que falta investimento e interesse para se ter boas escolas na rede pública. Andréa teve um tempo total de fala de um minuto e 10 segundos (1'10").

Psicanalista e mãe de Gabriel, Ana Laura Prates Pacheco contou, em um total de aproximadamente um minuto e 35 segundos (1'35"), que quando seu filho nasceu, há 13 anos, as escolas estavam começando a receber alunos portadores de Síndrome de Dawn e que ele sempre teve um acompanhamento de profissionais que o ajudaram na inclusão escolar, mas que começou a se desenvolver mais a partir do momento que passou a frequentar um psicanalista.

Iniciando o segundo bloco do programa, Vanessa Mello Fredel, que é dona de casa e mãe de Bruna, foi a entrevistada que teve mais inserções no programa, com 12 falas. No geral, ela falou sobre a deficiência de sua filha e seu comportamento, suas atividades rotineiras, como fisioterapia e principalmente, sobre a vida da filha na escola. Vanessa afirma que Bruna sofre discriminação e que não tem um tratamento adequado por parte da escola, mesmo pagando uma mensalidade de mais de 2 mil reais por mês. Além disso, ela também diz que não gostaria que sua filha estudasse em uma escola especial, por achar segregador e conta que sua maior preocupação é com o futuro de Bruna. Vanessa teve um tempo total de fala de três minutos e 30 segundos (3'30").

Bruna Fredel, de 15 anos, é a primeira portadora de deficiência ouvida na reportagem. Com um tempo total de aproximadamente 50 segundos, fala das dificuldades na escola, principalmente com as rampas e os bebedouros, que segundo ela, não têm muita acessibilidade. Conta também que seus colegas são legais com ela, mas não fazem muita questão de serem seus amigos. Por fim, ela explica que precisa de mais ajuda com as matérias e que aprende mais tendo aulas em casa do que na escola.

Ana Cristina Rocha Gonzaga é diretora de ensino e pedagoga na escola onde Bruna estuda. Suas falas abordam principalmente as demandas de Bruna na escola, falando das dificuldades enfrentadas e também das coisas que eles da escola aprendem com cada uma delas. No total, Ana Cristina teve um minuto e 55 segundos de fala (1'55").

Maria Gabrielli, deputada estadual do PSDB/SP é a única fonte da reportagem ligada à política. A deputada, que é cadeirante, teve aproximadamente 40 segundos de fala e destacou que apenas 12% das escolas no país são preparadas para receber alunos com deficiência e fala

sobre as implicações desses números.

Henrique Fredel, o irmão gêmeo de Bruna contou, em seis (6') segundos de fala, que defende a irmã na escola quando é necessário.

José Francisco Braga Ferreira é professor de matemática na escola de Bruna e diz que a inclusão não é algo difícil, desde que o professor seja orientado sobre como lidar com cada aluno. Ele também coloca que só os profissionais específicos da área podem dizer à escola como trabalhar com eles e que as faculdades não preparam os futuros professores a lidarem com alunos deficientes. José Francisco teve um (1') minuto de fala.

A reportagem falou também de um curso de capacitação para professores aprenderem a lidar com alunos deficientes e lá, Daniel Martins Silva, especialista em educação física, conta que tem alunos especiais e que é normal os professores terem dificuldades no começo. Ele teve um tempo de fala de 30 segundos, no total.

Luiz Henrique de Paula Conceição, coordenador do Instituto Rodrigo Mendes e um dos coordenadores do curso de capacitação, teve seis (6') segundos de fala, em que explicou os objetivos do curso oferecido.

Também aluno do curso, Adalberto Souza, que é coordenador de esporte e lazer, disse que os professores não estão preparados para receber alunos com deficiência e que da maneira como o trabalho geralmente é feito, não há como todos terem o mesmo aproveitamento ao fim do ano letivo. Adalberto teve um total de 25 segundos de fala.

Fisioterapeuta de Bruna, Jamile Losano Piazon teve 18 segundos de fala e disse que a inclusão vem sendo discutida há muito tempo, mas que agora ela tem que de fato ocorrer.

Maria Teresa Mantoan é pedagoga da Unicamp e em sua fala, de 12 segundos, contou que escolas públicas estão mais avançadas em termos de inclusão que as particulares, justificando que muitas vezes, nas particulares o interesse maior é em preparar os alunos para o vestibular.

Coordenadora pedagógica de uma escola pública, Helen Figueiredo explicou a metodologia da escola para lidar com alunos especiais e ressaltou a importância da inclusão, tanto para alunos deficientes quanto para os demais. Helen teve um total de um minuto e 48 segundos (1'48'') de fala.

Viviane Perico, que é superintendente de apoio à inclusão da APAE de São Paulo, disse que salas especiais são segregadoras e que hoje muitas crianças já acham natural ver colegas com deficiência. Seu tempo de fala foi de aproximadamente 30 segundos.

Ana Cláudia Brandão, pediatra e mãe de Pedro, que tem Síndrome de Dawn, conta que foi preciso acionar o Ministério Público para a escola aceitar seu filho no ensino médio e

que agora ele já vai se formar e tem amigos na escola. Diz também que não enxergar o Pedro como limitado foi essencial para o seu desenvolvimento. Ela teve um tempo total de fala de um minuto e 25 segundos (1'25").

Pedro Brandão, de 18 anos, teve seis segundos (6") de fala e contou que gosta de cozinhar e quer fazer faculdade de gastronomia.

O primeiro entrevistado do terceiro e último bloco do programa foi Emílio Figueira, que é psicólogo e escritor. Ele tem uma deficiência causada por problemas no parto e foi o único portador de deficiência ouvido no programa já fora da idade escolar. Além disso, ele também foi o único ouvido antes de seus pais. Em suas falas, Emílio mostrou seu atelier e alguns de seus quadros, falou da namorada e da sua infância, quando frequentou a AACD. Ele conta também que passou em primeiro lugar no vestibular de psicologia de uma universidade federal, fala dos livros que escreveu, do seu trabalho como psicólogo e das aulas de teatro. Por fim, diz que incluir não é só cumprir cotas para deficientes. Seu tempo total de fala foi de aproximadamente dois minutos e 20 segundos (2'20")¹³.

A mãe de Emílio, Ivone Leal Figueira, que é professora aposentada, teve um tempo total de fala de um minuto e 20 segundos (1'20") e em seu depoimento, além de falar da rotina e da deficiência de seu filho, contou o quanto foi bom para Emílio frequentar uma escola regular e lamenta o fato de alguns colegas que frequentaram a AACD com seu filho nunca mais terem estudado.

Izabel Formagio é Técnica Administrativa e mãe de Fernando, que tem uma deficiência popularmente conhecida como "ossos de vidro"¹⁴. Em suas falas, Izabel conta que muitas escolas davam a entender que não queriam matricular o Fernando, mesmo que de forma indireta e que antes de ir para a escola atual, ele não sabia ler direito e que teve que voltar algumas séries para acompanhar a turma da nova escola. Além disso, ela fala um pouco também da rotina de seu filho e das dificuldades causadas por sua deficiência. Seu tempo total de fala foi de aproximadamente dois minutos (2').

Fernando Formagio Filho, 12 anos, fala sobre sua boa relação com os amigos e destaca

¹³É importante destacar que ele fala bem vagarosamente, devido à sua deficiência e por isso, seu tempo de fala foi acima da média.

¹⁴ Osteogênese imperfeita (doença de Lobstein ou doença de Ekman-Lostein), também conhecida pelas expressões "ossos de vidro" ou "ossos de cristal", é uma condição rara do tecido conjuntivo, de caráter genético e hereditário, que afeta aproximadamente uma em cada 20 mil pessoas. A principal característica é a fragilidade dos ossos que quebram com enorme facilidade. A osteogênese imperfeita (OI) pode ser congênita e afetar o feto que sofre fraturas ainda no útero materno e apresenta deformidades graves ao nascer. Ou, então, as fraturas patológicas e recorrentes, muitas vezes espontâneas, ocorrem depois do nascimento, o que é característico da osteogênese imperfeita tardia. Fonte: <http://drauziovarella.com.br/letras/o/osteogenese-imperfeita-ossos-de-vidro/>

a amizade com Emmy Lee, sua melhor amiga. Ele também diz que na escola anterior não aprendia muita coisa e que agora sonha com o futuro e é feliz. Seu tempo total de fala é de um minuto e 28 segundos (1'28").

Viviane Penteadó Santos é orientadora educacional da escola onde Fernando estuda. Ela explica que eles buscam na escola não tratá-lo como muito diferente e que a sua professora teve um preparo antes de recebê-lo. Conta também que eles procuram tratar todas as crianças da mesma forma e que a convivência entre crianças deficientes e não-deficientes é muito importante. Viviane teve um tempo total de fala de aproximadamente um minuto e 10 segundos (1'10").

A última entrevistada da reportagem foi Emmy Lee Garcia, de oito anos. Ela é a melhor amiga de Fernando e falou da relação deles e do futuro, dizendo que eles vão ser amigos até envelhecerem. Seu tempo de fala foi de aproximada 30 segundos.

Tabela Síntese 1

Número total de entrevistados	31
Tempo total de fala	34'41"
Média de tempo de fala por entrevistado	1'07"

Figura 1: tabela síntese 1

O Brasil dos estrangeiros

Esse programa, exibido dia 20 de fevereiro de 2014, conta a história de estrangeiros europeus e estadunidenses que vieram para o Brasil, fugindo da crise econômica. O foco foi mostrar pessoas estudadas, com graduações e pós-graduações que conseguiram bons empregos. Os entrevistados falaram muito dos motivos de terem deixado seus países e de como foram recebidos pelos brasileiros, bem como suas impressões sobre o Brasil e suas novas vidas.

Nesse episódio, um dos maiores destaques foi o tempo de fala dos entrevistados, que de modo geral foi bem maior que a média observada. Isso demonstra que as informações ficaram muito mais na fala dos entrevistados do que nos offs e passagens. Outra característica até então diferenciada foi o uso de dois “povo fala”, ao final do primeiro e do segundo bloco, característica que não é muito comum em grandes reportagens. Quanto aos locais de fala, a maioria das pessoas foi ouvida em seu local de trabalho ou nas ruas, em função do “povo fala”.

Renato Gutierrez, barista, comentou que seu bar está sempre cheio de estrangeiros e que, por isso, é muito comum ouvir as pessoas falando português com muito sotaque. Ele teve aproximadamente seis segundos de fala (6"). Rogério Tarantino também é barista e contou que acha divertido trabalhar ouvindo os “gringos” conversarem. Seu tempo de fala foi de seis segundos (6").

A tradutora Camile Helms Sousa é norte-americana e contou que está no Brasil desde dezembro de 2005, que é do Texas, mas que morava em Nova Iorque. Disse ainda que nos Estados Unidos as coisas funcionam melhor e que aqui, temos problemas de verdade. Ainda assim, falou que no Brasil as pessoas são mais alegres, mais vivas. Seu tempo total de fala foi de 30 segundos (30").

Alain Bugeois, publicitário, falou sobre a receptividade que sentiu no Brasil, dizendo que a cultura brasileira é acolhedora, que as pessoas não rotulam os estrangeiros e que é bom descobrir esse novo mundo. Seu tempo de fala foi de 10 segundos (10").

Luigi Bavaresco, gerente de marketing, disse que foi o único de sua família a se mudar da Itália e que por isso, os vê muito pouco. Também falou sobre sua decisão de vir para o Brasil, deixando lá seu emprego para tentar algo aqui. Segundo ele, foi um “salto no abismo”. Sobre o trabalho em si, Luigi disse que aqui as pessoas são mais dinâmicas e que isso é bom para ele, aproveitando para falar um pouco da economia e do perfil dos italianos. Contou também que sua esposa é brasileira e que isso o ajudou a decidir-se por morar aqui. Quanto aos problemas do Brasil, ele apontou a grande burocracia. Por fim, disse que sua escolha foi acertada. Ele teve um total de dois minutos e 16 segundos (2'16").

O designer Thiago Palhas brinca, dizendo que Luigi fala português melhor que eles e que às vezes, tiram dúvidas com ele na hora de escrever algo. Ele também disse que algumas vezes Luigi não entende o que eles dizem, por ser algo muito específico e que eles o ensinam algumas expressões e gírias. Seu tempo e fala foi de 12 segundos (12").

Alexandre Borges, diretor da empresa onde Luigi trabalha, disse que foi a primeira vez que eles contrataram um estrangeiro, porque para trabalhar com marketing é preciso conhecer o consumidor. Disse também que na contratação, eles procuraram associar as qualidades e currículo dos candidatos com as necessidades da vaga, citando algumas das qualidades profissionais de Luigi. Seu tempo de fala foi de aproximadamente 40 segundos (40"), no total.

Paulo Sérgio de Almeida, coordenador de imigração do Ministério do Trabalho, falou sobre o número de estrangeiros que vieram para o Brasil com carteira assinada por empregadores brasileiros em 2012. Disse também que a maioria dos estrangeiros são homens, com uma faixa etária entre 20 e 40 anos e que vêm para trabalhar no setor industrial.

Posteriormente, abordou o grande número de imigrantes vindos de países considerados de primeiro mundo. Já no terceiro bloco, disse que é preciso mudar a lei de imigração no Brasil, porque ela é muito antiga e restritiva. Paulo Sérgio teve um total de aproximadamente dois minutos e cinco segundos (2'05").

A historiadora Sônia Maria de Freitas, que teve um tempo total de 42 segundos (42"), explicou que a maioria dos estrangeiros que vêm para o Brasil não tiram o emprego dos brasileiros, porque o país está carente de mão-de-obra qualificada e que a crise europeia é um dos principais motivos para a vinda de estrangeiros para cá. Ela também falou do clima tropical e dos costumes brasileiros, que são muito diferentes da Europa e podem ser atrativos.

O economista Roberto Macedo disse que a vinda de mão-de-obra qualificada estrangeira pode ser bom para a economia do Brasil e que não necessariamente esses estrangeiros ocupam vagas dos brasileiros. Disse também acreditar que a economia seja o principal fator que faz as pessoas procurarem emprego em outros países. Ele teve o total de um minuto de fala (1').

Domenico de Masi, sociólogo francês, falou de um livro que escreveu, analisando alguns países e comentou sobre o Brasil, destacando sua política e economia. Posteriormente disse que o Brasil é um país que não tem muito preconceito e cita as qualidades daqui que atraem os estrangeiros, como a cordialidade e o jeito alegre. Seu tempo de fala foi de um minuto e 13 segundos (1'13").

Aurélie dos Santos, urbanista francesa, primeiramente se apresentou, dizendo de onde vem e no que trabalha aqui no Brasil. Depois contou que estava em dúvida entre o Brasil e a Índia, mas escolheu aqui por querer aperfeiçoar seu português e falou sobre alguns costumes brasileiros, como combinar de sair e não aparecer. Seu tempo de fala foi de 55 segundos (55").

A espanhola Teresa Giner, que é gerente de marketing, também se apresentou em um primeiro momento e posteriormente, contou que veio para cá porque queria ter uma experiência internacional fora da Europa, que não conhecia o Brasil e que está gostando muito. Ela teve 40 segundos de fala (40").

O pesquisador de mercado Franco Margozzi, espanhol e namorado de Teresa Giner, depois de se apresentar, contou que quando sua namorada veio para o Brasil, ele pediu transferência para cá. Sobre o jeito dos brasileiros, ele destacou o otimismo. Seu tempo de fala foi de 40 segundos (40").

O francês Victor Chicha é designer e como os outros, disse de onde vem e no que trabalha aqui no Brasil. Ele também destacou a diferença de cultura entre o Brasil e países da Europa e assim como Aurélie, contou que já marcou várias vezes com as pessoas e ninguém

apareceu. Além disso, disse que já incorporou alguns características dos brasileiros, como a gentileza. Seu tempo de fala foi de 50 segundos (50").

No final do primeiro bloco foi feito um “povo fala” sobre a vinda dos estrangeiros para o Brasil. Patrícia dos Santos Lantoni, gerente de RH, teve oito segundos (8") e disse que não sabia do grande número de estrangeiros no Brasil, mas que se eles estão vindo para cá, é porque veem seu desenvolvimento e número de oportunidades. Hilton Tolentino, projetista, teve cinco segundos (5") e disse que acha a troca de experiência e cultura positivas. O economista Paulo Brasil teve seis segundos (6") e falou do número de brasileiros assumindo cargos importantes em empresas multinacionais.

Já no segundo bloco, a designer francesa Lucile Jacquard contou como ela e Raphael se conheceram, em uma festa em Barcelona. Disse que eles pensaram muito sobre ir para a França ou para o Brasil (ele é brasileiro) e que decidiram vir para o Brasil, por ter um mercado criativo mais interessante para o ramo deles. Falou também sobre o início da ideia de fazer adesivos para cartão de crédito no Brasil. Sobre o país, disse que as frutas e o clima daqui são maravilhosos e comentou que os brasileiros sempre gostam de seu sotaque e perguntam de onde ela é. De negativo, ela falou do trânsito de São Paulo, que acha muito caótico. Seu tempo total de fala foi de aproximadamente dois minutos e 53 segundos (2'53").

Raphael Freire, arquiteto, contou que ele e Lucile começaram a trabalhar juntos em Barcelona. Respondendo à pergunta da repórter, disse que o relacionamento dos dois foi amor à primeira vista. Contou também que chegou à Barcelona no auge da crise e que lá, só se ouvia falar nisso. Posteriormente, falou sobre a luta deles para montar e manter a empresa de serigrafia no Brasil, mas que ter começado tudo aqui alegrou o processo. Por fim, falou de alguns produtos da empresa do casal. Ele teve aproximadamente um minuto e cinco segundos de fala, no total (1'05").

A advogada Lorena Laporte de Melo é francesa, mas seu pai é brasileiro. Ela se apresentou, via skype e contou um pouco sua história. Ela disse que já morou no Brasil, mas que voltou para a França em função de sua carreira, que teria melhores oportunidades lá e que por isso se sente um pouco frustrada, já que sempre quis morar no Brasil. Contou que os franceses estranham o seu jeito expansivo, parecido com o dos brasileiros e que sente muita saudade do Brasil. Ela também mostrou seu quarto, que é cheio de bandeiras do Brasil e disse que pretende voltar a morar aqui um dia. Seu tempo total de fala foi de aproximadamente dois minutos e 13 segundos (2'13").

Jorge de Melo, pai de Lorena, teve 48 segundos de fala (48") e disse que está contente por sua filha, que está trabalhando e feliz. Ele contou que aqui no Brasil, Lorena não

conseguiria trabalhar exatamente com o que deseja e falou um pouco sobre o emprego dela. Ele disse ainda que, em função do sotaque, tanto brasileiros quanto franceses pensam que Lorena é estrangeira.

No fim do segundo bloco também teve um povo fala, com a mesma temática do primeiro. Eduardo Antoniassi, analista de marketing, teve 14 segundos (14") e disse que o Brasil está virando um país de oportunidades, que todo mundo está vendo isso e que com a vinda de estrangeiros, o brasileiro também ganha mais espaço lá fora. Ariane de Abreu, educadora, teve cinco segundos (5") e disse que os estrangeiros acabam sendo mais uma pessoa no mercado de trabalho e que isso dificulta para os brasileiros. Pedro Guimarães, técnico em atendimento, teve oito segundos (8") e disse que acha essa concorrência com estrangeiros positiva, pois motiva as pessoas a se esforçarem mais. Por fim, Isabel Chalot, analista de sistemas, teve seis segundos (6") e disse que aprender e fazer esse intercâmbio é sempre bom.

No terceiro bloco, o japonês Takehiko Kajino, que é chef e consultor de restaurante, contou um pouco de sua história, dizendo como saiu do Japão e que gosta de conhecer novas culturas. Falou também das diferenças de oportunidades de trabalho entre Japão e Brasil, explicando porque resolveu sair daqui e ir para a Itália e contou um pouco sobre seu trabalho de consultor de restaurante. Disse ainda que fala melhor o japonês, mas que seu jeito de ser é mais parecido com o brasileiro e que quer voltar para cá. Seu tempo total de fala foi de aproximadamente dois minutos e 13 segundos (2'13").

Os últimos entrevistados do programa foram dois portugueses, um que mora em São Paulo e outro no Rio de Janeiro. Miguel Castro Fernandes, diretor comercial, primeiramente falou que gosta de São Paulo, mas sente falta do mar. Contou que quando conheceu o Brasil, há muitos anos, se apaixonou, disse que seu avô era brasileiro e por isso, quando surgiu a oportunidade de vir trabalhar aqui, não pensou duas vezes e acabou ficando. Falou que não gosta de ser confundido com Argentino, Espanhol ou alguma outra nacionalidade que não fale português e que se irrita quando as pessoas não o entendem e que por isso, ele foi mudando sua maneira de falar. Ele falou ainda sobre a cultura portuguesa no Brasil, que poderia ser melhor divulgada e atribui a falha ao governo Português. Disse também que a burocracia às vezes atrapalha bastante a vida dos imigrantes e, por fim, afirma veio para ficar. Seu tempo de fala foi de aproximadamente três minutos e 50 segundos (3'50").

O jornalista e escritor Hugo Gonçalves contou sua história, dizendo que veio para o Brasil em meio à crise em Portugal, mas que sempre teve uma certa garantia de emprego, então sua história não pode ser comparada a de alguns outros imigrantes que chegaram aqui

sem nada. Ele comentou sobre diferença de imigrantes portugueses em relação à cultura, que acabam tendo uma relação maior com o Brasil e sobre o gosto dos portugueses por futebol, músicas e novelas brasileiras. Ele falou também do livro que escreveu aqui e da forma como o fez, escrevendo com português de Portugal, mas usando gírias e expressões brasileiras. Ainda sobre a língua, disse que as pessoas aqui sempre acham a maneira dele falar engraçada e que isso é desconcertante. Por fim, disse que tem muitas coisas que ainda quer viver em Portugal. Seu tempo de fala foi de três minutos e 27 segundos (3'27").

Tabela Síntese 2

Número total de entrevistados	29
Tempo total de fala	29'26"
Média de tempo de fala por entrevistado	1'09"

Figura 2: tabela síntese 2

A Pele Negra

O programa, exibido dia 15 de maio de 2014, entrevista negros pobres e de classe média, professores universitários e moradores de favelas, para falar sobre como é ser negro no Brasil. Esse episódio recebeu Menção Honrosa na categoria Documentário de TV, no 36º Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos.

Nessa edição, destacou-se principalmente o baixo número de especialistas. Além disso, o programa disponível na internet não apresentou intervalos, o que leva a crer que de fato o programa exibido na TV também tenha tido um único bloco, uma vez que, geralmente, os repórteres anunciam algum tema seguinte ao final de cada bloco. Quanto aos locais de fala, a grande maioria foi ouvida em suas casas, o que também é reflexo do grande número de personagens. Para complementar as informações, essa edição utilizou algumas imagens de jornais e telejornais, além de dados do IBGE e trechos de uma entrevista dada por Morgan Freeman à uma TV dos Estados Unidos.

Alexandre Silva, viúvo de Cláudia, foi o primeiro entrevistado e falou sobre o assassinato de sua esposa, bem como sobre a violência policial contra negros e o preconceito de forma geral. Primeiramente, ele contou como sua esposa foi assassinada, em uma manhã de domingo, por policiais, perto de sua casa, dizendo ainda que os policiais não permitiram que ele fosse ajudar a esposa baleada, que a jogaram no camburão e foram embora. Alexandre comentou que tudo foi filmado, por sorte deles e azar dos policiais e que, se negro já é

discriminado, negro, pobre e favelado é ainda mais. Falou também que os táxis dificilmente param para eles, que são negros. Depois, disse que o assassinato de sua esposa foi racismo, aparentemente respondendo a uma pergunta da repórter, completando que o negro vai sempre ser discriminado e que mesmo que ganhasse milhões, de nada adiantaria se os policiais que assassinaram sua esposa ficarem impunes. Alexandre teve, no total, três minutos e 14 segundos de fala (3'14").

Ana Lúcia Lima, amiga de Cláudia, teve um tempo de um minuto e cinco segundos (1'05"). Ela contou o que ouviu sobre o assassinato de sua amiga, que os policiais confundiram um copo de café com uma arma e afirmou que isso aconteceu porque ela era negra. Ela questionou o fato de Cláudia não ter sido levada ao hospital no banco traseiro e sim, no porta-malas e disse que se fosse uma branca moradora dali, teria sido a mesma coisa, que só seria diferente com uma branca do asfalto.

Professora de Sociologia da UFSCAR, Jaqueline Sinhoretto contou que o Rio de Janeiro é o estado brasileiro onde a polícia mata mais, sendo a grande maioria de negros. Ela falou também sobre racismo institucional, explicando que na PM é onde se encontra o maior número de policiais negros e que o preconceito nem sempre é individual, se dando mais na forma como a segurança pública trabalha. Contou ainda a história de um dentista negro que foi assassinado por policiais que pensaram que ele era um assaltante e falou que geralmente esses casos nem chegam a ser apurados. Jaqueline teve aproximadamente um minuto e 51 segundos de fala (1'51").

Elisabete Silva, viúva de Amarildo, falou sobre a boa convivência de seu marido na comunidade, dizendo que era bem querido e que nem ele nem sua família nunca tiveram nenhum problema lá. Falou ainda sobre o desaparecimento de Amarildo e mostrou sua casa, fazendo questão de explicar que não ganhou nada do Estado e que quem lhe deu a casa e os móveis foram alguns famosos, através de um leilão. Falou sobre a manifestação que fizeram em um túnel, pedindo explicações sobre o que de fato aconteceu e sobre a diferença de tratamento que a polícia tem com negros e brancos, contando que Amarildo foi xingado e humilhado pelos policiais que o levaram. Elisabete teve dois minutos de fala (2'), aproximadamente.

A irmã de Amarildo, Maria Eunice Lacerda, teve 25 segundos de fala (25"), onde apresentou sua casa e falou de Amarildo, dizendo que os policiais acharam que ele não teria família. Ela também contou que é da comunidade, mas sempre trabalhou com pessoas de alta sociedade, como artistas da Globo. Falou, por fim, da falta que sente do seu irmão.

Ricardo Alexino, professor da ECA, na USP, contou como é ser um professor

universitário negro e que na Universidade, as pessoas não imaginam que ele é professor. Sobre a truculência policial para com os negros, disse que a Polícia Militar deveria zelar pela cidadania, mas zela pelo patrimônio, que é detido por quem tem posses. Ricardo falou sobre as pesquisas do IBGE, que antes pediam para as pessoas declararem livremente sua cor e agora as coloca em categorias, citando o exemplo de algumas pessoas que se auto-referenciam como pretos. Fala ainda que no Brasil, não é só a cor da pele que define alguém como negro ou branco, mas também outras características, como cabelo e nariz, tomando como exemplo a atriz Camila Pitanga. Ele comentou ainda sobre uma entrevista dada pelo ator norte-americano Morgan Freeman, onde ele diz que é preciso parar de falar sobre o racismo. Ricardo argumentou que esse discurso nega toda história negra e citou o exemplo dos judeus, que nunca deixaram a humanidade esquecer-se do holocausto de seu povo. Ricardo foi o entrevistado com mais inserções no programa e teve, no total, um tempo de quatro minutos e 50 segundos de fala (4'50").

Elenilton Ribeiro Flores, cunhado de Amarildo, teve 45 segundos de fala (4"5) e disse que os negros da favela não têm o mesmo tratamento dos policiais que os brancos do asfalto e que só quem mora lá sabe o que eles passam. Contou também que uma vez foi abordado por policiais, que já de cara perguntaram se ele estava armado, dizendo que a situação é constrangedora.

O pesquisador do IBGE, Leonardo Athias, explicou que, apesar de terem aparecido na pesquisa (citada por Ricardo Alexino) centenas de denominações para referir-se à cor ou raça, mais de 90% dos termos eram preto, negro, pardo, moreno ou branco. Ele disse que a maneira como as pessoas se identificam significa muitas coisas, são interações sociais e que na pesquisa do IBGE, as pessoas sabiam se definir. Leonardo teve um tempo de aproximadamente 50 segundos (50").

Alfredo Mazzoni, presidente da Casa Pequeno Cidadão, de SP, contou que as crianças mais velhas acabam ficando no abrigo até os 18 anos e que muitas não são adotadas por serem negras. Ele explicou que os possíveis pais vão ao abrigo visitar uma criança já predeterminada pelo juiz e conta que alguns aceitam crianças negras, mas que já houve casos em que elas foram devolvidas. Contou ainda que ninguém admite que não quer a criança por ela ser negra e que inventam outras desculpas. Por fim, disse que o belo do ser humano não está na cor. O tempo total de Alfredo foi de dois minutos e três segundos (2'03").

Cristien Latanzi, assistente social, teve um minuto e cinco segundos de fala (1'05") e explicou que as pessoas preferem adotar crianças até no máximo três anos, brancas, meninas e sem irmãos e que geralmente os abrigos recebem crianças com características opostas a essas.

Contou que alguns casais desistem da adoção quando conhecem as crianças e falou do sofrimento pelo qual passam essas crianças duplamente rejeitadas.

A atriz e dubladora Luíza Viegas disse que quando sua filha era pequena, as pessoas pensavam que ela era adotada, por ser negra. Ela conta que achavam bacana a ideia dela ter adotado uma menina negra, mas não de ter tido uma filha com um negro. Comenta ainda que a filha sempre sofreu preconceito, mas que dizia não perceber. Luíza teve aproximadamente 45 segundos de fala (45").

A estudante Janaína Jay Viegas, filha de Luíza, contou que viveu a vida toda cercada por pessoas brancas e que achava isso normal, dizendo que tentava não pensar nas questões do preconceito e que é difícil falar sobre isso. Falou que se sente branca na família de seu pai e que, por ter sido criada em uma família branca, tem dificuldade de formar sua identidade negra. Citou ainda algumas discriminações que já sofreu e disse que tudo depende de quem fala e da forma que fala. Disse, por fim, que concorda que não deveria haver o mês da consciência negra, referindo-se a uma entrevista dada por Morgam Freeman, na qual ele defende essa ideia. Seu tempo de fala foi de dois minutos e 27 segundos(2'27").

Aline Moraes é jornalista e disse que sempre se declarou parda por ter a pele bem mais clara que muitos negros. Contou que morou em Londres, onde viu muita diversidade e que lá, teve dificuldades de preencher um formulário no qual ela deveria declarar sua origem/etnia e não sua cor. Falou que quase todas as mulheres da sua família têm cabelos alisados e citou alguns termos e modos de falar que são pejorativos. Aline teve aproximadamente dois minutos e 10 segundos (2'10").

O músico Eduardo Santos disse que, quando comparado à maioria dos demais negros, fica claro que é diferente, mas que tem traços e características que não negam sua descendência. Disse também que não se considera negro e falou sobre formas pejorativas de referir-se a um negro, citando o caso do jogador Tinga¹⁵, que foi chamado de macaco. Seu tempo de fala foi de um minuto e 10 segundos (1'10").

O auxiliar de cinegrafista Edgar Monteiro também tem a pele clara e traços de negros. Ele contou que uma vez, em uma palestra, o palestrante disse que ele era negro por ter traços e cabelo característicos dos negros, apesar de ter a pele clara, mas que geralmente as pessoas perguntam se ele é descendente de japonês, por ter os olhos puxados. Seu tempo de fala foi de 48 segundos (48").

Ana Carolina Amaral, jornalista, é namorada de Eduardo Santos e disse que quando o

¹⁵ Tinga é jogador do Cruzeiro e foi vítima de racismo em um jogo pela Libertadores, em fevereiro de 2014. A partida aconteceu no Peru, contra o Real Garcilaso e cada vez que o jogador tocava na bola, a torcida peruana fazia sons que lembravam macacos.

conheceu, ele estava bronzeado de praia e com os cabelos crespos grandes e que por isso, o considerou negro. Depois viu que ele era mais claro, sua mãe branca e percebeu que ele na verdade não era negro. Ela disse também que gosta de imaginar como serão seus filhos. Seu tempo foi de 20 segundos (20").

Emanoel Araújo, diretor do Museu Afro-Brasil, falou que o museu busca lembrar aquelas personalidades negras que foram importantes para o país, cujas memórias estão cada vez mais “brancas”, citando o caso de Machado de Assis e dizendo que no Brasil há apartheid. Ele falou também das cotas para negros, dizendo que elas não são uma bênção, mas são necessárias. Ao falar de preconceito, citou o caso dos “rolezinhos”¹⁶. Emanoel teve dois minutos de fala (2').

O músico Toquinho, que teve um tempo de 52 segundos (52"), disse que no Brasil há questões racistas, mas que acha que atualmente o negro está muito protegido e que isso é o outro lado do racismo, citando as cotas para negros, que ele diz achar desnecessárias. Falou ainda de um produtor musical que não permitiu que ele gravasse uma música cuja letra exaltava a mistura de raças das mulheres, afirmando que foi preconceituoso.

A empresária Michelle Fernandes falou que por ser negra e gorda, muitos homens que se aproximavam não queriam assumir um relacionamento com ela. Contou que só quando tirou as tranças e assumiu seu cabelo, passou a ser de fato uma mulher negra e que muitos homens negros preferem se relacionar com mulheres brancas por acharem que assim, sofrem menos preconceitos. Seu tempo de fala foi de 45 segundos (45").

Ana Paula Souza, gerente comercial, contou, em um minuto e 30 segundos de fala (1'30"), que os dois relacionamentos que já teve foram com homens brancos e que ela sempre recebeu amor da parte deles, dizendo que seu marido a ajudou muito a se aceitar. Contou uma história em que a figura de seu marido, branco, a livrou de ser discriminada e disse que o homem branco que se relaciona com uma negra acaba tendo que passar por uma série de situações que não passaria com uma mulher branca.

Manoela Gonçalves, empreendedora, questionou com Ana Paula a questão da autoestima e do preconceito, dizendo que não é preciso um homem para a negra passar a se aceitar. Contou que passou a se ver como negra há pouco tempo e falou desse processo, contando que chegou a ficar careca tentando alisar o cabelo e que quando resolveu deixa-lo

¹⁶ Os “rolezinhos”, como ficaram conhecidos, aconteceram entre dezembro de 2013 e janeiro de 2014 e surgiram quando jovens da periferia de São Paulo começaram a marcar encontros coletivos em shoppings da cidade, através das redes sociais. Reunindo inicialmente milhares de jovens, esses rolezinhos passaram a ser vetados pelos lojistas e administradores dos shoppings, que temiam furtos, arrastões e principalmente, a queda nas vendas, já que o público alvo consumidor desses locais também tinha medo. Os rolezinhos acabaram levantando discussões acerca de discriminação e consumo da chamada nova classe média.

natural, sofreu preconceito da própria família. Falou ainda de suas profissões, contou que é mãe solteira e disse que teve um relacionamento onde seu parceiro a exibia na rua e maltratava em casa. Manoela teve aproximadamente dois minutos e 17 segundos de fala (2'17").

A professora de arte Kamilah Pimentel falou sobre a autoestima e aceitação da mulher negra e contou como foi seu processo de fortalecimento dessas questões. Falou também da postura dos homens diante de uma mulher negra independente e citou alguns músicos, que muitas vezes cantam as mulheres negras em suas músicas e ganham dinheiro com isso, mas preferem se relacionar com as brancas. Seu tempo de fala foi de um minuto e 30 segundos (1'30").

A última entrevistada do programa foi a pedagoga Valéria Mota, que também falou sobre o processo de aceitação da mulher negra, dizendo que às vezes é preciso alguém de fora para ajudar, seja um companheiro ou não. Disse que os padrões estéticos sempre acabaram excluindo as negras e que muitas delas não conseguem ter um relacionamento ou que aceitam violência para não perdê-lo. Falou ainda da sexualização da mulher negra e das várias consequências do racismo. Seu tempo foi de dois minutos e 30 segundos (2'30"), aproximadamente.

Tabela Síntese 3

Número total de entrevistados	23
Tempo total de fala	35'27"
Média de tempo de fala por entrevistado	1'33"

Figura 3: tabela síntese 3

5.1.2 Memória

A Rota do Cangaço

Esse programa, exibido dia 5 de setembro de 2013, buscou contar a história do Cangaço nordestino, lembrando de personagens famosos, como Lampião e Maria Bonita, e também buscando falar dos dois lados pelos quais os cangaceiros costumam ser tratados: heróis e bandidos.

Nesse episódio, observou-se que muitos entrevistados foram ouvidos nas ruas, possivelmente como um recurso estético para mostrar as paisagens do sertão, mas a maioria

ainda manteve-se em suas casas ou locais de trabalho. Quanto à edição, o que mais se destacou foi o uso de animações, em forma de cordéis, produzidas pela TV Brasil, para exemplificar e explicar alguma história que estava sendo contada, deixando o programa mais didático e ressaltando sua temática nordestina. Além dessas animações, foram também usadas imagens de arquivos, como a clássica imagem da cabeça de Lampião e seu bando e trechos de filmes já produzidos sobre os cangaceiros. A trilha sonora também fazia referência à temática nordestina, alternada entre tons animados e mais dramáticos, dependendo da história contada.

Dona Joana Ribeiro da Silva, irmã da Cangaceira Dadá, é a primeira entrevistada a aparecer no programa, com uma frase solta que disse, mas sua entrevista só é mostrada mesmo no segundo bloco. Usando uma expressão popular, diz que “quem vai para o inferno, se acostuma com o espanto”. Já no segundo bloco, contou a história de sua irmã e sua família, dizendo que Dadá foi raptada por Corisco e que seu pai, ao chamar a polícia, acabou sendo agredido. Contou ainda que seu irmão foi ferido no rosto pela polícia com ferro de marcar gado e por isso, resolveu virar cangaceiro. Dona Joana teve um tempo total de um minuto e seis segundos (1’06”).

Luiz Pericás, escritor, contou que em alguns livros, os cangaceiros são retratados como bandidos e em outros, como justiceiros. Falou sobre a corrupção que havia naquela época e local, dizendo que Lampião tinha amigos políticos e que os cangaceiros compravam armas da polícia. Contou que a entrada de mulheres para os bandos dos cangaceiros mudou sua estética, com mais ornamentos. Falou ainda do início do enfraquecimento do bando de Lampião, com a crescente perda de poder dos coronéis, que davam apoio aos cangaceiros. Seu tempo total de fala foi de dois minutos e quatro segundos (2’04”).

Frederico Pernambucano de Mello, pesquisador e escritor, foi o entrevistado com mais inserções, tendo ao todo sete minutos (7’) de fala. Ele explicou que os cangaceiros são o reflexo de uma cultura violenta do sertão nordestino e falou dos capangas e jagunços, dizendo que eles eram aventureiros e ousados. Contou um pouco da história do cangaceiro Antônio Silvino, de uma época anterior à de Lampião e da temática da vingança, muito comum aos cangaceiros. Posteriormente, contou algumas histórias de Lampião e falou sobre a imagem que ele passava, cheio de ouro e riquezas e que por isso, muitos queriam entrar para o seu bando, explicando que os cangaceiros tinham que ser violentos para que ninguém os denunciasse e os “respeitasse”. Explicou, por fim, como a revolução de 30 acabou contribuindo para a queda de Lampião, uma vez que os estados passaram a não ter mais tanta autonomia.

Declamando um poema, Alexandre Morais, que é poeta, contou um pouco da história

de Antônio Silvino, famoso cangaceiro anterior a Lampião. Seu tempo de fala foi de aproximadamente 34 segundos.

Antônio Braz de Araújo, o “Antônio da Buíque”, contou que Antônio Silvino, por ter dinheiro, era ao mesmo tempo cangaceiro e coronel; que ele assombrava por ser valente. Contou também a história de um homem que acabou tendo um ataque cardíaco e morrendo por medo de Antônio Silvino. Seu tempo foi de 20 segundos, no total.

O pesquisador e escritor Rostand Medeiros, que teve um total de dois minutos e 53 segundos (2’53”), contou como Antônio Silvino virou cangaceiro, para vingar a morte de seu pai. Falou também de Lampião, que tinha a mesma justificativa para ter entrado no cangaço e lembra que eles nunca se vingaram. Explicou para a repórter a função de cada punhal exposto na casa onde estavam e falou especialmente de um, que era usado para “sangrar” os inimigos dos cangaceiros, dizendo que o sangramento e a castração eram feitos para mostrar a força.

Anildomá Willians de Souza é escritor e contou o início da história de Lampião e seus seguidores como cangaceiros, falando de uma briga com vizinhos. É interessante ressaltar que ele falou como um repórter fazendo uma passagem¹⁷, sozinho na cena e olhando para a câmera. Seu tempo foi de 37 segundos. Essa estética diferenciada, que foge os padrões e de certa forma, valoriza o entrevistado, dá a ele o poder de passar informações para o telespectador.

A antropóloga e escritora Luitgarde Cavalcanti, que teve 35 segundos de fala, disse que a vingança não serve de justificativa para o mal, contando que conheceu muitas pessoas que sofreram grandes violências e nem por isso foram para o lado do mal. Disse que Lampião não se tornou cangaceiro para vingar a morte do pai, uma vez que ele morreu em função do filho ser cangaceiro.

Maria das Dores da Silva Lima, “Dona Dora”, é aposentada e disse, primeiramente, que sente dores na coluna, usando palavras típicas de sua região e depois, contou não gosta de ladrão e que se visse um, o mataria, referindo-se aos cangaceiros. Ela teve cinco segundos (5”) de fala. É importante explicar que, ao dizer que sente dores nas costas, a aposentada o fez com uma linguagem muito característica de pessoas humildes do interior do sertão e que essa sua fala serviu de exemplo ao off da repórter, que disse que muitas pessoas daquele lugar ainda conservavam o jeito antigo de falar. Nesse sentido a fala dela serviu de exemplo para legitimar o texto da repórter e não para valorizar a falante.

¹⁷ Vera Paternostro descreve a passagem como: “gravação feita pelo repórter no local do acontecimento, com informações, para ser usada no meio da matéria. A passagem reforça a presença do repórter no assunto que ele está cobrindo e, portanto, deve ser gravada no desenrolar do acontecimento” (PATERNOSTRO, 1987, p.147)

Já no segundo bloco, o ex-soldado volante Teófilo Pires do Nascimento, que teve um minuto de fala, disse que fazia parte da polícia que ia atrás dos cangaceiros. Ele contou que uma vez matou um e pegou as riquezas que o cangaceiro carregava consigo, como objetos de ouro e moedas. Explicou que era comum, então, os policiais ficarem com as riquezas dos cangaceiros que eles capturavam ou matavam.

André Vasconcelos, gestor do Teatro Cinema Guarani, contou que Lampião era amigo do dono da casa que ficava na fronteira entre a Paraíba e Pernambuco e acrescentou que isso era favorável para ele conseguir fugir da polícia. Seu tempo de fala foi de 17 segundos.

Édson Falcão Paiva, empresário e bisneto de Manoel Paiva dos Santos, contou que seu bisavô era amigo de Lampião e por isso, dava abrigo a ele em sua casa, que não era invadida por ser a casa de um coronel. Ele teve um tempo de fala de 35 segundos.

Álvaro Severo Pereira Lima, fotojornalista e neto do coronel Manoel Pereira Lima, contou como Lampião perdeu um olho, explicando que foi em função do espinho de um fruto, que o feriu enquanto ele estava fugindo de polícia na caatinga. Falou também sobre o confronto de Lampião e seu bando com uma volante da polícia, no alto da serra Grande, explicando as estratégias usadas por eles para derrotar e principalmente, desmoralizar a polícia. Falou ainda que quando Lampião venceu essa batalha, ficou ainda mais abusado e destemido. Seu tempo total de fala foi de aproximadamente um minuto e 40 segundos (1'40").

O mateiro Luiz Silva Lima teve um minuto e falou da planta que os cangaceiros usavam para extrair água quando estavam no mato, dando a água para a repórter beber. Ele falou ainda de uma outra planta usada como panela para cozinhar a carne e que também servia de alimento.

Antônio Chessman Alencar Ribeiro, presidente da Fundação Memória Pe. Cícero, falou do encontro de Lampião com Pe. Cícero, contando que o padre queria que Lampião ajudasse a combater o movimento de Luiz Carlos Prestes, mas que para isso, o cangaceiro exigiu a patente de Capitão, que lhe foi dada, mas não tinha valor. O tempo de fala de Antônio foi de um minuto e 10 segundos (1'10").

João de Souza Lima, pesquisador e escritor, também teve um grande número de inserções, com cinco minutos e 22 segundos (5'22") de fala. Ele contou que várias mulheres da tribo Pancararé entraram para o cangaço e que os índios daquela região davam proteção ao bando de Lampião. Explicou que antes de Maria Bonita, não era comum os cangaceiros aceitarem mulheres em seus bandos e contou também alguns dos motivos que as levavam a segui-los, dizendo que, apesar de portarem armas, as mulheres do cangaço não combatiam e eram protegidas. Falou também de Dadá, que foi uma exceção, pois era valente e assumiu o

comando do bando, quando Corisco foi ferido e ficou aleijado dos dois braços. Ainda sobre as cangaceiras, disse que a mais bonita era Lídia, casada com José Baiano, que a matou por traição e depois, passou a marcar o rosto de mulheres com instrumento de marcar gado, contendo as suas iniciais, JB. Contou ainda como uma volante da polícia conseguiu acabar com o bando de Lampião, falando que Maria Bonita foi uma das primeiras a morrer e lembrando que os 11 membros do bando mortos foram decapitados e tiveram suas cabeças expostas na cidade de Piranhas. Finalmente, falou da morte de Corisco, que ainda persistiu como cangaceiro depois da morte de Lampião, mas foi morto quando fugia para Minas Gerais com Dadá.

Já no terceiro bloco, Vera Ferreira, neta de Lampião, falou do amor entre Lampião e Maria Bonita e disse que se não fosse pelo amor, seu avô jamais teria aceitado sua avó no bando. Seu tempo total de fala foi de 11 segundos, aproximadamente.

Maria Nilda Pereira, sobrinha da cangaceira Lídia, teve sete segundos de fala e comentou sobre a beleza de sua tia, dizendo que sempre ouviu dizer que ela era linda e que na família, nunca havia existido alguém tão bonito.

Expedita Ferreira Nunes, filha de Lampião e Maria Bonita, falou um pouco sobre sua história, dizendo que foi entregue a uma família com um dia de vida, já que as cangaceiras não podiam ficar com seus filhos, por ser muito perigoso. Disse também que se lembra de algumas visitas dos pais e que sofria preconceito de algumas pessoas por ser filha de cangaceiros. Seu tempo de fala foi de aproximadamente um minuto e dois segundos (1'02").

Gilmar Santana Ferreira, poeta cordelista, teve 25 segundos e falou da importância do trabalho dos cordelistas que registraram e recontaram a história dos cangaceiros, citando alguns mais famosos. O também poeta cordelista Ronaldo Dória teve 11 segundos e falou da poesia e do floreio que há nas histórias dos cordelistas, explicando que se não fosse assim, o cordel ficaria muito "seco", sério. Já José Marciano "Zezé de Boquim", teve 11 segundos, onde declamou um poema que fala de Lampião.

O fotógrafo Márcio Vasconcelos contou que na época um outro fotógrafo passou um tempo com o bando de Lampião e depois, entregou várias das fotos feitas para os jornais, o que ocasionou um escândalo e desmoralização do governo. Márcio falou dos cenários que ele viu ao ir atrás de histórias de Lampião, dizendo que quando saía do asfalto e ia para as estradas de chão, parecia que o cenário era o mesmo daquela época. Seu tempo e fala foi de 45 segundos.

Karl Marx Santos de Souza, produtor cultural, teve 26 segundos e falou de seu grupo de dança, que usa o xaxado para contar a história de Lampião e de outros cangaceiros, bem

como propagar a cultura de sua região em todo Brasil. Diana Rodrigues Lopes, coordenadora do Grupo Xaxado Luiz Pedro de Triunfo de Pernambuco, teve 20 segundos de fala e contou que quando o grupo passou a falar também do lado negativo da história dos cangaceiros, mais pessoas se interessaram a participar.

Tabela Síntese 4

Número total de entrevistados	25
Tempo total de fala	23'03"
Média de tempo de fala por entrevistado	55"

Figura 4: tabela síntese 4

50 anos do Golpe Militar - censura

Esse programa faz parte de uma série de reportagens, com quatro capítulos, sobre os 50 anos do Golpe Militar, lembrados em março de 2014. Ele aborda as censuras sofridas principalmente pela música, cinema, televisão e literatura e contém depoimentos de artistas e produtores da época, além de alguns especialistas no assunto. É importante destacar que no terceiro bloco, nenhum entrevistado novo foi inserido.

Nessa edição, destacaram-se o baixo número de entrevistados, quando comparado à maioria dos demais e o grande número de informações complementares, seja em offs, passagens, infográficos e outras artes inseridas ao longo da edição. Outro detalhe que merece destaque foi a vinheta e abertura temáticos, feitos especialmente para esse série de reportagens. Quanto aos locais de fala dos entrevistados, eles foram ouvidos em casa, em seus locais de trabalho ou em uma praça ao ar livre, opção que tem sido comum nos programas assistidos.

O primeiro depoimento foi do cineasta Cacá Diegues. Seu tempo total foi de aproximadamente um minuto e 43 segundos (1'43"), onde ele falou inicialmente sobre a importância cultural dos anos 60, dizendo que os artistas acreditavam que poderiam mudar o mundo com suas músicas, poemas e câmeras. Posteriormente, lembrou que de 1968 a 1974 viveu os piores anos de sua vida e da vida republicana do Brasil, falando do AI5¹⁸ e suas consequências. Cacá ainda citou exemplos da ignorância de alguns censores, como prender

¹⁸ O Ato Institucional nº 5, AI-5, baixado em 13 de dezembro de 1968, durante o governo do general Costa e Silva, foi a expressão mais acabada da ditadura militar brasileira (1964-1985). Vigorou até dezembro de 1978 e produziu um elenco de ações arbitrárias de efeitos duradouros. Definiu o momento mais duro do regime, dando poder de exceção aos governantes para punir arbitrariamente os que fossem inimigos do regime ou como tal considerados. Fonte: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/AI5>

um homem que tinha em sua casa um livro sobre cubismo, por achar que referia-se a Cuba.

O escritor Ignácio de Loyola Brandão contou que os anos 60 foram uma época de grande liberdade quanto à produção cultural de música, literatura e principalmente teatro, disse que na época a sociedade era muito fechada para algumas ideias e que esses artistas tinham uma inquietação para mudá-la. Falou que antes, todas as formas de expressão eram permitidas e que o golpe as cortou, sendo “a grande castração de uma geração inteira”. O escritor falou também sobre a famosa frase: “Brasil, ame-o ou deixe-o” e de seu livro “Zero”, que foi proibido. Ignácio teve ao todo, dois minutos de fala (2').

Roberto Farias, cineasta, disse que quando aconteceu o golpe de 1964, não dava para acreditar, de tão absurdo e falou da censura de 12 filmes de uma só vez que, em termos de números, foi a maior que ele viu. Falou da época do governo de Geisel, onde era possível perceber duas linhas na censura, onde uma era bem mais dura que a outra e contou que quando ela foi perdendo força, tentou lançar o filme “Pra frente Brasil”, que só foi liberado anos depois. Roberto Farias teve ao todo três minutos e 35 segundos (3'35").

Roberto Menescal, compositor e produtor musical, contou como tomou conhecimento da revolução (ele chama assim, referindo-se ao termo que escutou na época), quando as pessoas falavam que ela iria acabar com os comunistas. Sobre a censura, disse que os artistas ficaram com “obras mutiladas” e que usavam pseudônimos para tentar dribla-la, citando o exemplo de Chico Buarque, que era um dos artistas mais perseguidos. Depois, lembrou do período em que a censura foi ficando mais branda. Seu tempo total de fala foi de aproximadamente três minutos e 15 segundos (3'15").

O cantor e compositor Carlos Lyra começou sua fala citando as artes plásticas, a literatura e a música, dizendo que aquela foi uma época em que a cultura era deslumbrante. Posteriormente, falou da criação do Centro Popular de Cultura (CPC), ligado à UNE e de sua extinção, lembrando que os artistas eram obrigados a apresentar uma “carteirinha da censura” nos locais onde iam se apresentar e que isso era constrangedor. Ele falou ainda da força que Chico Buarque foi criando com suas músicas de resistência e contou que por medo, resolveu ir morar nos Estados Unidos. Por fim, citou o exemplo um disco seu que foi censurado e liberado após suas muitas justificativas, dizendo que às vezes, era fácil enganar a censura. Seu tempo total foi de dois minutos e 12 segundos (2'12").

Diretor e dramaturgo, João das Neves lembrou que aquela era uma época muito efervescente em termos de cultura, citando como exemplo a bossa nova e a MPB. Sobre a censura, falou da extinção do Centro Popular de Cultura (CPC), ocorrida quando o prédio da UNE foi invadido e da reorganização dos artistas que lá se apresentavam, como uma forma de

resistência. João das Neves teve aproximadamente um minuto de fala (1').

O ator e diretor Renato Borghi teve um minuto e 40 segundos (1'40"), onde contou que quando o golpe estourou, estava fazendo uma peça de muito sucesso e foi avisado por um amigo que iria ser preso e deveria fugir. Falou da censura extrema com a arte brasileira a partir de 1968 e das metáforas utilizadas pelos artistas, que eram bem compreendidas pelo público alvo. Disse ainda que os censores não estavam bem informados para lidar com os artistas, que eram bem mais inteligentes.

Sandra Reimão é escritora e professora da USP e falou primeiramente sobre o Departamento de Censura de Diversões Públicas, que fazia censura prévia à rádio, cinema, televisão e livros. Contou que os censores trabalhavam ao mesmo tempo em diversos lugares e por isso, às vezes acontecia, por exemplo, de um livro ser liberado e uma peça baseada nele não ser. Ela lembrou que entre 1964 e 1975, foram censurados pelo menos 140 livros de autores brasileiros. Em sua última inserção, falou sobre o livro “Em Câmera Lenta”, cujo autor foi o único preso por causa de sua obra. Sandra teve um minuto e 40 segundos de fala (1'40").

Carlos Fico, historiador e escritor ligado à UFRJ, teve um minuto (1') e contou que tudo era censurado, uma vez que, mesmo não sofrendo nenhum corte, tudo tinha que passar pelo aval da censura. Carlos falou também da censura dos programas de televisão, inclusive dos programas de auditório ao vivo e, por fim, falou do governo de Geisel, citando o papel de Armando Falcão para a censura.

O poeta Ferreira Gullar contou que seu trabalho de resistência era feitos nas ruas, com preocupações mais políticas que artísticas. Referindo-se ao AI5, disse que foi uma vitória da linha mais opressora da ditadura. Seu tempo de fala foi de aproximadamente um minuto (1').

O diretor e dramaturgo Augusto Boal teve um tempo de 40 segundos (40), nos quais falou sobre as primeiras formas de resistência à censura por parte dos artistas. Augusto contou que eles reorganizavam seus espetáculos e por meio do teatro e da música, conseguiam passar suas mensagens.

Daniel Aarão¹⁹, historiador da UFF, explicou que muitos artistas populares foram contra a ditadura, mas que outros tantos nunca a denunciaram e alguns até a apoiaram. Seu tempo de fala foi de aproximadamente 15 segundos (15").

A atriz Marília Pêra, que teve um tempo de 40 segundos (40"), falou à reportagem sobre uma das ações violentas do CCC (Comando de Caça aos Comunistas) em um teatro

¹⁹ É importante destacar que Daniel Aarão Reis Filho é membro do Conselho Curador da EBC, sendo um dos representantes da sociedade civil.

onde estava se apresentando, em 1968. Ela contou que em pouco tempo eles quebraram tudo e agrediram toda a equipe da peça, desde atores a camareiros.

Carlos Heitor Cony, escritor, contou sobre as torturas e os demais abusos cometidos durante o AI5. Falou também que os censores eram muito burros, citando exemplos, e que isso tinha um lado bom, onde os artistas facilmente os enganavam e um ruim, onde eles às vezes censuravam coisas que não tinham nada a ver, por ignorância. Seu tempo de fala foi de aproximadamente 40 segundos (40").

Ainda sobre o AI5, o cantor e compositor Sérgio Ricardo disse que foi uma forma de intervenção aos movimentos de resistência que vinham acontecendo, cortando a comunicação entre as pessoas. Falou também da censura que era realizada dentro da polícia, onde os artistas tinham que ir para responder várias perguntas sobre seus trabalhos e de como esses inventavam histórias para driblar os censores e conseguir apresentar suas críticas disfarçadamente. Sérgio Ricardo teve um minuto e 17 segundos de fala (1'17").

Ricardo Cravo Albin, pesquisador da MPB, contou que a partir de 1968 a censura pegava qualquer artista que saísse minimamente dos padrões permitidos. Falou das censuras no cinema e na TV, citando o exemplo do programa do Chacrinha, que foi tirado do ar na hora da programação, ao vivo. Depois falou sobre os artistas que se exilaram, o Conselho de Censura e a sua gradual diminuição. Ele teve um tempo de três minutos e 30 segundos, aproximadamente (3'30").

Mauro Alencar, especialista em teledramaturgia, contou que, a partir de 1972, as novelas também começaram a ser censuradas e que foi exigido que elas apresentassem o selo da censura antes de cada capítulo. Explicou que a proibição de “Roque Santeiro” se deu por ser uma adaptação, onde o personagem de Roque era originalmente um Cabo e falou também da censura à novela “Despedida de casados”. Mauro Alencar teve dois minutos de fala (2').

Dias Gomes, dramaturgo e autor de novelas, falou da censura de “Roque Santeiro”, dizendo que quando ela finalmente foi ao ar, 10 anos depois, as pessoas não entendiam o porquê dela ter sido censurada. Conta que anos depois, eles descobriram o real motivo da censura, em função de se tratar de uma adaptação, conforme contou Mauro Alencar. Seu tempo de fala foi de um minuto e seis segundos (1'06").

Carlos Vergara, artista plástico, teve um tempo de aproximadamente 20 segundos (20") e contou que os artistas começaram a se organizar em partidos políticos, assim como ele, como uma forma de resistência à ditadura. Ele disse também que decidiu continuar trabalhando, mesmo sabendo dos riscos que corria.

Tabela Síntese 5

Número total de entrevistados	19
Tempo total de fala	29'33"
Média de tempo de fala por entrevistado	1'33"

Figura 5: tabela síntese 5

5.1.3 Saúde

A hora da chegada – como nascem os bebês no Brasil?

Esse programa, exibido no dia 12 de dezembro de 2013, buscou mostrar como funciona o sistema obstétrico no Brasil, mostrando exemplos de partos humanizados e de violência obstétrica, além de falar do grande número de cesáreas feita no Brasil. Este episódio do programa Caminhos da Reportagem recebeu Menção Honrosa no Prêmio Nacional de Jornalismo sobre Violência de Gênero, oferecido pela Casa da Mulher Catarina e pela Rede Feminista de Saúde.

Nessa edição, foram utilizadas muitas imagens cedidas por terceiros ou mesmo material de outros documentários sobre partos, servindo assim, para ilustrar alguns relatos e dar dinâmica à reportagem. Quanto aos locais de fala dos entrevistados, observou-se que todos os profissionais foram ouvidos em seus locais de trabalho, como hospitais, consultórios e mesmo em parques ao ar livre, que foi o caso de algumas doulas²⁰. Já as mães foram ouvidas na maternidade ou em suas casas. As únicas entrevistadas a serem ouvidas nas ruas foram as que estavam em uma manifestação.

A primeira entrevistada foi a estudante Lilian Fernanda Piere, que contou a sua experiência com o parto normal, dizendo que tinha muito medo das dores mas que por fim, tudo correu tranquilamente. Lilian também aproveitou para agradecer a equipe que lhe atendeu. Seu tempo de fala foi de aproximadamente 25 segundos.

Vanessa Leda também falou sobre o seu parto, desde a sua preparação. Ela disse que planejava um parto domiciliar, mas que acabou tendo que fazer cesárea e fala sobre o tratamento, segundo ela inadequado, que recebeu no hospital, quando deu entrada em trabalho

²⁰ Doulas são as acompanhantes de parto que oferecem suporte afetivo, físico, emocional e de conhecimento para as mulheres. Esse suporte pode ser dado antes, durante e depois do parto. Fonte: <http://www.doulas.com.br/>

de parto. Seu tempo de fala foi de três minutos (3').

Já a advogada Roberta Marques, contou que conseguiu ter o tão sonhado parto domiciliar e como foram sua preparação e o parto. Ela também falou do segundo parto, também em casa, que deveria ter sido acompanhado pela equipe do “Caminhos da Reportagem”, mas que não houve tempo. Seu tempo total de fala foi de três minutos e 20 segundos (3'20").

A vendedora Vivian Macedo também falou sobre o seu parto, dizendo que todo esforço feito para parir valeu a pena. Ela teve oito segundos de fala (8"). Deisiane Martins, que é estudante, contou que as cólicas menstruais que sente são mais fortes que as contrações de seu parto e que portanto, foi tudo muito tranquilo. Seu tempo de fala foi de 28 segundos (28").

Patrícia Barros, garçonete, contou que sua pressão estava muito alta e que, por isso, ela foi levada ao hospital, onde passou por um cesárea. Ela falou também sobre seu filho, que nasceu prematuro e por isso, ficou alguns dias internado. Seu tempo total de fala foi de aproximadamente 25 segundos (25").

Jackeline Natália, que é gerente comercial, disse que no princípio da gravidez não queria ter parto normal, porque tinha muito medo das dores, mas que o pai de seu filho acabou a convencendo e que, por fim, seu parto foi completamente natural. Ela teve em torno de 11 segundos de fala (11").

Já a dona de casa Miriã Oliveira de Moura sofreu violência obstétrica em seu parto e contou à reportagem como tudo aconteceu, falando desde a dificuldade de conseguir um hospital para ser internada até os procedimentos não humanizados, como toques desnecessários, sala cheia de gente e falta de atendimento pós-parto. Miriã disse que considera seu parto “anormal”. Ela teve ao todo, um minuto e 52 segundos de fala (1'52").

Maria Esther de Albuquerque Vilela, coordenadora da Secretaria de Atenção à Saúde da Mulher, falou sobre os cuidados e os direitos da mulher parturiente, dizendo que a forma como a maioria dos partos estão acontecendo hoje precisa mudar, ressaltando que a mulher deve estar ao lado de quem ela escolheu, estar bem alimentada, hidratada e segura. Além disso, Maria Esther falou sobre o Projeto Cegonha e ressaltou a importância do trabalho das enfermeiras obstetras e obstetrizes. Seu tempo total de fala foi de aproximadamente quatro minutos e 45 segundos (4'45").

Carmem Palet, que é doula, falou sobre o trabalho dessas profissionais, explicando que elas atuam dando suporte físico e psicológico, com procedimentos que ajudam a aliviar as dores e encorajar as mulheres na hora do parto. Ela também falou do caso de Ana Esperança,

que teve seu segundo parto roubado e conseguiu parir naturalmente seu terceiro filho. Carmem teve um minuto e 47 segundos de fala (1'45").

Ricardo Herbert Jones, ginecologista, obstetra e homeopata, explicou que a cesariana é uma cirurgia que só pode ser feita com uma indicação muito clara e precisa, para que não se percam os efeitos benéficos do parto normal e citou todas as vantagens de um parto natural, ressaltando que ele é mais seguro que uma cesárea. Ricardo também destacou a importância do trabalho das doulas e disse que o parto deve ser um momento tão íntimo e respeitado quanto a atividade sexual. Seu tempo de fala foi de três minutos e 25 segundos (3'25").

Jorge Kuhn, também ginecologista e obstetra, disse que a opção por uma cesárea eletiva pode colocar em risco a vida da mulher e do bebê. Ele falou ainda sobre parto domiciliar, ressaltando as condições necessárias para sua viabilização, como plena saúde da mãe e do bebê. Por fim, ele falou sobre a comodidade para os médicos em se fazer cesáreas. Jorge teve um minuto e 40 segundos de fala no total (1'40").

O obstetra Alberto Zaconeta disse que em 95% dos casos, uma mulher pode parir sem nenhum tipo de auxílio, mas que se ela ou o bebê precisarem de atendimento médico, é fundamental que haja recursos para fazê-lo o mais rápido possível. Ele também explicou que mesmo a mulher que já fez cesárea pode ter seu próximo filho de parto normal. Seu tempo de fala foi de aproximadamente 53 segundos (53").

Paloma Terra é parteira e falou, em aproximadamente um minuto e 15 segundos (1'15"), sobre a preparação que as gestantes têm que ter ao longo da gravidez, se informando e pensando em qual seria o melhor tipo de parto para elas. Ela ressaltou também que as parteiras não fazem parto, quem faz parto é a mulher, elas apenas dão assistência.

Murilo Marques, advogado e marido de Roberta Marques, falou sobre o segundo parto da esposa, contando que quando chegou em casa, sua esposa já estava no fim do trabalho de parto, dentro do box, e que ele teve a oportunidade de amparar o nascimento de seu filho. Ele teve 14 segundos de fala (14").

Já no segundo bloco, Daphne Rattner, presidente da Rede de Humanização, Nascimento e Parto, falou sobre os procedimentos não humanizados pelos quais as mulheres passam ao dar entrada na maioria das maternidades e disse também que a forma como a obstetrícia tem sido tratada no Brasil só beneficia os médicos. Daphne teve 35 segundos de fala (35").

Edson Borges de Souza, ginecologista e obstetra, também falou de alguns procedimentos que as maternidades usam em parturientes, como o aplicação de soro e ocitocina, que segundo ele, são intervenções desnecessárias e até perigosas. Ressaltou a

importância das enfermeiras obstetras durante o parto hospitalar e que às vezes, a presença do médico é desnecessária. Seu tempo de fala foi de um minuto e 24 segundos (1'24").

A advogada Ana Esperança contou à reportagem suas experiências de parto, dizendo que seu primeiro filho ela teve por meio de uma cesárea, por ainda não ter muitos conhecimentos sobre o assunto. Sobre a segunda gravidez, ela conta que queria parto normal, mas que seu médico de certa forma a enganou e acabou fazendo cesárea. Por fim, na terceira gestação, ela conta que conseguiu ter um parto natural, do jeito que sempre quis. Seu tempo total de fala foi de dois minutos e três segundos (2'03").

A equipe do Caminhos da Reportagem foi a uma manifestação em prol da liberação de doulas em hospitais e ouviu quatro manifestantes, que defendiam a presença das doulas nas salas de parto. Ana Maria Fiorini, revisora de texto, teve 16 segundos de fala (16") e ressaltou a importância dessas profissionais, contando que em sua experiência, a doula foi essencial. Mariana de Mesquita, que é doula e educadora perinatal, teve 15 segundos (15") e falou sobre as funções da doula na hora do parto e disse que seu trabalho não prejudica em nada o trabalho do restante da equipe. A enfermeira obstetra Ana Paula Schmidt Garbulho teve 24 segundos de fala (24") e contou a experiência de seu parto, dizendo que foi sua doula quem lhe deu forças para continuar. Por fim, Maria José Campos falou que os hospitais não querem permitir a presença de doulas nas salas de parto por questões políticas. Seu tempo de fala foi de 30 segundos (30").

A enfermeira obstetra Danúbia Mariane foi a primeira entrevistada do último bloco e falou da importância do seu trabalho durante um parto e que amparar a parturiente da melhor forma possível no momento do nascimento de seu filho é um ato de respeito. Ela também disse que os recursos utilizados por eles no hospital, como a bola e a banheira, são embasados cientificamente e ainda, que hoje a rede obstétrica no Brasil virou um comércio. Seu tempo total de fala foi de um minuto e 26 segundos (1'26").

Maria Clara Almeida, enfermeira obstetra, explica os procedimentos que foram utilizados no parto de Liliam (entrevistada ouvida inicialmente no primeiro bloco), como o banho morno, a bola e a banheira, dizendo que o objetivo é sempre deixar a mãe o mais confortável possível. Maria Clara teve 12 segundos de fala (12").

Lilian Lopes, enfermeira obstetra, fala sobre os serviços auxiliares oferecidos pelo hospital Sofia Feldman, como relaxamentos e tratamentos auriculares, que assistem à mulher tanto antes quanto durante e após o parto. Liliam teve 20 segundos de fala (20"), aproximadamente.

A psicóloga Ada Helena Gomes Torres também trabalha no Sofia Feldman e falou à

reportagem sobre o tratamento psicológico que as mães que têm seus filhos prematuros ou que por algum motivo precisam ficar internados recebem. Ada teve em torno de 15 segundos de fala (15"), no total. Também funcionária do hospital, a cuidadora Carla Luciana falou sobre a amamentação, explicando suas fases e ressaltando sua importância. Seu tempo foi de 35 segundos (35").

Jussara Oliveira, chefe da Casa de Parto do Distrito Federal, falou do clima descontraído que há dentro de uma Casa de Parto, diferentemente dos hospitais e também explicou que, como a demanda de lá é menor, eles conseguem atender cada mulher de forma mais individualizada, falando ainda da importância de um parto humanizado. Ela teve um total de um minuto e cinco segundos de fala (1'05").

Paula Viana, enfermeira e coordenadora da ONG Grupo Curumim, falou sobre a cultura das comunidades indígenas e do interior do país, de nascer e morrer em casa e conta um pouco do projeto da ONG, que busca tentar integrar a parteiras de comunidades ao SUS, dando a elas os materiais necessários para a assistência ao parto e também um pagamento pelo serviço prestado. Além disso, Paula fala também da sabedoria das parteiras, que sempre tem muito a ensinar. Seu tempo total de fala foi de um minuto e 55 segundos (1'55").

Maria Francisca de Lima Maciel, parteira indígena do povo Potiguar, da Paraíba, teve um total de 35 segundos de fala (35") e contou que atende muitas mulheres pobres, que não tem nada para receber o bebê, como roupas, lençóis e fraldas. Além disso, ela falou também sobre o costume de seu povo, de enterrar a placenta.

Mary Lúcia S. Galvão é enfermeira e professora da Universidade Federal da Bahia e contou que elas aprendem muitas coisas com as parteiras, como massagear o períneo com óleo quente quando o canal de parto está muito estreito. Ela teve em torno de 23 segundos de fala (23").

Por fim, Maria Inês Mota Rodrigues, parteira indígena do povo Makuxi, de Roraima, falou dos rituais típicos de sua comunidades, como passar o sangue do parto na boca no bebê para evitar que ele tenha sapinho. Ela teve um tempo de fala de aproximadamente 15 segundos (15").

Tabela Síntese 6

Número total de entrevistados	32
Tempo total de fala	36'06"
Média de tempo de fala por entrevistado	1'08"

Figura 6: tabela síntese 6

O mundo que não se vê

Exibido dia 30 de janeiro de 2014, esse episódio mostrou a vida e a rotina de deficientes visuais e contou histórias de superação. Apesar de a reportagem mostrar projetos, instituições de apoio, explicação de especialistas e tratamentos, o foco principal recaiu sobre os personagens deficientes e sua rotina, sempre mostrando que eles são capazes de fazer praticamente tudo.

Nessa edição, algumas informações dadas por médicos ganharam o auxílio de arte e animação, deixando a reportagem mais didática. Outro detalhe importante formam os vários momentos de câmera propositalmente desfocada, fazendo alusão à deficiência visual. Quanto aos locais de fala dos entrevistados, observou-se que os hospitais e instituições de apoio e tratamento dos deficientes visuais forma muito utilizadas, tanto na fala dos personagens quanto na de profissionais da área.

A professora Helena Rita foi a primeira pessoa a ser ouvida, e com um total de 46 segundos (46"), contou um pouco de sua história e de sua filha, que assim como ela, é deficiente visual. Ela disse que Gabriela nasceu com catarata e que com três meses, conseguiu fazer a cirurgia. Depois, conta que a falta de visão impõe alguns limites, mas que de modo geral, consegue cuidar dos filhos normalmente.

Lucas Gabriel Marques, irmão mais velho de Gabriela, contou que seus amigos ficam impressionados com as coisas que sua mãe faz, como lavar a louça e cozinhar, mas que para ele, isso tudo é normal. Além disso, ele também contou como percebeu que sua irmã, recém-nascida, tinha problemas de visão. Seu tempo total de fala foi de 36 segundos (36").

Ana Elizabeth Oliveira é professora e disse que na escola onde trabalha, eles buscam estimular o contato das crianças cegas ou de baixa visão com texturas diferentes, uma vez que elas precisarão muito do tato no dia-a-dia. Ela teve aproximadamente 33 segundos de fala (33").

O cirurgião oftalmológico e diretor médico do HOB (Hospital Oftalmológico de Brasília), Takashi Hida, explicou como se desenvolve a visão de uma criança, que no início da vida enxerga apenas vultos e falou também sobre as principais doenças que afetam a visão, como catarata e glaucoma, bem como formas de prevenção e tratamento. Seu tempo total de fala foi de um minuto e 14 segundos (1'14").

Reinaldo Furtado de Moraes, cartazista, contou como percebeu que estava perdendo a

visão e que o oftalmologista que consultou primeiramente não percebeu que ele estava com catarata. Ele contou também como sua baixa visão foi afetando suas relações familiares, uma vez que ele confundia as pessoas e que não tinha esperanças de conseguir um tratamento adequado, por não ter recursos. Por fim, falou das dificuldades que passou até conseguir um lugar para fazer as cirurgias e agradeceu ao médico que lhe operou. Reinaldo teve ao todo um minuto e 10 segundos de fala (1'10").

Giselda de Sousa Nascimento, mãe de Dandara, falou à reportagem sobre a deficiência de sua filha, que tem baixa visão devido ao albinismo²¹. Ela contou que sua filha quase não abria os olhos em função da sensibilidade à luz e como foi sua reação ao usar óculos pela primeira vez. Seu tempo de fala foi de 30 segundos (30").

Oftalmologista da Santa Casa de SP, Gicele Rodrigues Reinaldo disse que a família pode procurar observar alguns comportamentos da criança que não enxerga bem e levá-la para fazer exames oftalmológicos. Ela explicou que na Santa Casa, a equipe procura perceber quais as dificuldades de cada criança para trabalhar em cima daquilo. Disse também que o tratamento de pacientes com visão sub-normal deve começar bem cedo e é para a vida toda. Gicele teve no total, um minuto e 10 segundos de fala (1'10").

Dandara Sousa da Costa, de 11 anos, teve um total de 38 segundos (38") e falou sobre a sua deficiência, explicando que tem que chegar bem perto das coisas para vê-las, mas que assim, enxerga bem e que na escola, muitas pessoas nem percebem que ela tem baixa visão. Ela também disse que as atividades na Santa Casa a ajudaram a soltar as ideias e escrever melhor.

Vanusa de Lima Mota da Silva, mãe de Geovana, falou sobre o progresso que sua filha teve desde que começou a se tratar na Santa Casa. Vanusa ainda contou que também tem deficiência visual, mas que Geovana tem um comprometimento menor por ter começado cedo o tratamento. Seu tempo de fala foi de 32 segundos (32").

Geovana Lima Gomes da Silva contou os avanços que teve desde que começou o tratamento e cita o exemplo de sua letra, que segundo ela, antes era ruim e agora está melhor. Ela teve aproximadamente 11 segundos de fala (11").

Já no segundo bloco, o jornalista Marcos Henrique Carvalho Lima descreveu para a repórter as características dos pisos das ruas por onde eles estavam passando e depois, em sua casa, falou sobre seu interesse por viagens, que surgiu quando ele ainda era criança. Marcos Henrique contou também que “conhece” vários lugares por meio do contato tátil com

²¹ No albinismo, o olho produz pouquíssima melanina durante seu desenvolvimento. Isso faz com que partes do olho se formem de maneira anormal, comprometendo a visão. Fonte: <http://saude.hsw.uol.com.br/albinismo2.htm>.

miniaturas (que ele chama de fotos táteis) e falou sobre o início do namoro com sua esposa Beatrice, que ele conheceu pela internet. No total, ele teve um minuto e 30 segundos de fala (1'30").

Beatrice Lima, atendente de telemarketing trilingue e esposa de Marcos Henrique, contou que estava trabalhando na Romênia quando viu um vídeo na internet, onde ele estava esquiando e que foi assim que eles se conheceram. Ela falou também que no começo as pessoas estranharam o relacionamento deles, mas que depois, deu tudo certo. Beatrice teve 45 segundos de fala (45").

Andréia Meirelles de Souza, de 16 anos, pratica judô no Instituto Benjamim Constant e falou sobre os benefícios que a prática do esporte lhe proporciona, como reflexo, agilidade e independência. Seu tempo de fala foi de 21 segundos (21").

O professor de judô Antônio Luiz Souza Jr. também falou sobre o desenvolvimento dos seus alunos com a prática do esporte, dizendo ainda que já aprendeu muito e que tenta passar um pouco disso para seus alunos. Antônio teve 21 segundos de fala (21"), no total.

Fernando Silva de Araújo tem 19 anos e faz parte da equipe de judô da seleção. Ele disse que quer treinar muito para chegar à seleção principal e que as pessoas têm que acreditar em seus sonhos, assim como ele acredita nos dele. Seu tempo de fala foi de 21 segundos (21").

Saionara Fabíola Pilate, mãe de Gabriela, teve 24 segundos de fala (24") e contou sobre o tratamento que sua filha, que tem baixa visão, está fazendo na Santa Casa. Ela disse que ele está sendo muito bom para Gabriela, que já se interessa mais pelos objetos e responde melhor aos estímulos visuais.

A fisioterapeuta ocupacional Ana Carolina Martinez falou sobre a importância das atividades realizadas durante o tratamento para o desenvolvimento e autonomia das crianças com deficiência visual. Seu tempo total de fala foi de 18 segundos (18").

Natasha Rocha, de 22 anos, teve 20 segundos de fala (20"), contando que está aprendendo a fazer coisas que as outras pessoas aprendem quando crianças e que ela tinha vontade de fazer. Ela ainda brinca, dizendo que sempre deixa seu namorado cozinhar.

A cozinheira Regina Bezerra Calisto contou que quando perdeu a visão, ficou 10 anos sem estudar e falou dos cursos que começou a fazer, brincando que o de informática ela só fez para casar-se com o professor. Ela contou também como começou a cozinhar e ingressou na profissão de cozinheira, dizendo que a mulher quem lhe deu a oportunidade de trabalhar em um restaurante mudou a sua vida. Regina teve 54 segundos de fala (54").

Gabriel Allerza, cozinheiro do Gallito Ciego, na Argentina, contou que quando ficou

cego, não acreditava que poderia fazer mais nada e que trabalhar como cozinheiro o ensinou que ainda poderia fazer muitas coisas. Seu tempo total de fala foi de aproximadamente 40 segundos (40").

A também cozinheira do Gallito Ciego, Tereza Velasquez, falou sobre seu trabalho, explicando como faz as receitas e como consegue medir os ingredientes. Além disso, ela também falou da experiência dos clientes, que ao comerem no escuro, aguçam mais o paladar, o olfato e a audição. Tereza teve 40 segundos de fala (40").

Mônica Espina, filósofa e fundadora do Gallito Ciego, explicou os objetivos do projeto, que busca conscientizar as pessoas sobre a capacidade dos deficientes visuais e também ajuda esses deficientes a se sentirem mais úteis. Sua fala teve a duração de 24 segundos (24").

Felipe Ganosa, de 10 anos, contou a experiência de comer sem estar vendo a comida, dizendo que é interessante comer como os cegos. Seu tempo de fala foi de 22 segundos (22").

No último bloco, o surfista Derek Rabelo, que é deficiente visual, falou sobre as manobras de surf que fez no Havaí, como surgiu a ideia de ir surfar lá e sobre um documentário que estava fazendo sobre a viagem (Além da Visão). Derek explicou ainda que tem que surfar com alguém do lado, para lhe avisar, por exemplo, quando a onda está vindo, mas que o restante ele faz sozinho, dizendo que com fé e determinação, as pessoas são capazes de fazer tudo. Seu tempo total de fala foi de um minuto e 42 segundos (1'42").

O ator e músico Evandro Mesquita falou sobre a superação de Derek, dizendo que às vezes as pessoas reclamam de pequenas coisas e que ver exemplos como o do surfista é sensacional. Evandro teve 15 segundos de fala (15").

De volta à Argentina, a produtora Gloria Beretervide contou a experiência que teve em um "Teatro às cegas", falando que os demais sentidos, principalmente a audição, ficam aguçados. Ela também falou da liberdade que sentiu ao cantar e dançar no escuro. Gloria teve aproximadamente 22 segundos de fala (22").

Carlos Rubem Cabrera, pianista do teatro cego, teve 16 segundos de fala (16") e contou que o espetáculo às cegas é diferente, pois as pessoas não dispõem dos olhos para perceber tudo que está acontecendo e acabam tendo outras percepções.

Voltando ao tema dos benefícios da prática de esportes para os deficientes visuais, o Caminhos da Reportagem ouviu Alex Sandro de Queiróz, técnico de goalball²². Ele explicou

²² Ao contrário de outras modalidades paralímpicas, o goalball foi desenvolvido exclusivamente para pessoas com deficiência – neste caso a visual. A quadra tem as mesmas dimensões da de vôlei (9m de largura por 18m de comprimento). As partidas duram 20 minutos, com dois tempos de 10. Cada equipe conta com três jogadores titulares e três reservas. De cada lado da quadra tem um gol com nove metros de largura e 1,2 de altura. Os atletas são, ao mesmo tempo, arremessadores e defensores. O arremesso deve ser rasteiro e o objetivo é balançar

que o esporte trabalha várias percepções que ajudam as pessoas a se orientarem e se sentirem mais seguras fora das quadras. Ele falou também sobre técnicas do esporte e como elas ajudam na mobilidade e desenvolvimento das pessoas. Alex contou ainda que alguns alunos seus fazem parte da seleção brasileira e já ganharam vários campeonatos. Ele teve 37 segundos de fala (37").

Igor Carvalho, de 17 anos, disse que o goalball promove uma mobilidade e orientação muito boa, além de permitir a socialização com os colegas. Sua fala durou 22 segundos (22"). Sérgio Júnior, 16 anos, disse que o esporte lhe ajudou em sua saúde e independência, dizendo que as pessoas tem que se esforçar para conseguir o que querem. Ele teve 24 segundos de fala (24"). Leonardo Moreno, de 29 anos, também é jogador de goalball e disse que as pessoas têm que acreditar nelas mesmas. Seu tempo foi de seis segundos (6").

Noemi Rocha, servidora pública, falou à reportagem sobre seu gosto por livros, contando que gosta da maneira como Alice, sua ledora, lê as histórias para ela e que a leitura mais pausada dá mais emoção às histórias. Ela teve 22 segundos (22").

Alice Araújo Tenório, estudante e ledora, teve 10 segundos de fala (10") e disse que rapidamente criou intimidade com as pessoas para as quais ela lê, contando que no começo não sabia bem como lidar com os deficientes visuais, mas que eles agiam normalmente.

A coordenadora da biblioteca braille de Taguatinga, Leonilde Fontes, explicou que existem poucos livros em braille porque eles ocupam muito espaço e citou como exemplo o romance "O Código Da Vinci", que em braille tem treze volumes. Seu tempo de fala foi de aproximadamente 13 segundos(13").

Analu Palma, coordenadora do curso de leitores infantis CIAMA, teve 15 segundos de fala (15") e contou à reportagem que o principal objetivo do projeto é encurtar a distância de aprendizado entre uma criança que enxerga e uma que não enxerga.

A última entrevistada do programa foi a pedagoga Catia Poerler Vivas dos Santos, que em 33 segundos de fala (33"), disse que se surpreendeu com o número de pessoas que fazem o curso e que elas estão se conscientizando da importância do voluntariado.

a rede adversária.
A bola possui um guizo em seu interior que emite sons – existem furos que permitem a passagem do som – para que os jogadores saibam sua direção. O Goalball é um esporte baseado nas percepções tátil e auditiva, por isso não pode haver barulho no ginásio durante a partida, exceto no momento entre o gol e o reinício do jogo. A bola tem 76 cm de diâmetro e pesa 1,25 kg. Sua cor é alaranjada e é mais ou menos do tamanho da de basquete. Hoje o goalball é praticado em 112 países nos cinco continentes. No Brasil, a modalidade é administrada pela Confederação Brasileira de Deporto para Deficientes Visuais(CBDV). Fonte: <http://www.cpb.org.br/modalidades/goalball/>.

Tabela Síntese 7

Número total de entrevistados	36
Tempo total de fala	20'17"
Média de tempo de fala por entrevistado	34"

Figura 7: tabela síntese 7

5.1.4 Cultura

Contagante e Polêmico: o Funk carioca

Esse episódio do Caminhos da Reportagem foi exibido dia 28 de outubro de 2013 e buscou explorar o universo do funk, contando sua história, que envolve muita música, dança, mas também sofre preconceitos e tem alguns temas polêmicos. Para a construção dessa reportagem, foram ouvidos DJs, MCs, dançarinos, bem como outros profissionais ligados à música, pesquisadores do tema e pessoas que gostam desse estilo musical.

Nesse programa, alguns artistas foram entrevistados na rua, o que foge um pouco dos padrões de locação para esse tipo de fonte, mas é importante ressaltar que os lugares escolhidos de certa forma eram também cenário dos locais de trabalho deles, nas comunidades. Quanto à edição, esse episódio usou muita imagem, geralmente de bailes funk e muita música, o que o deixou dinâmico e animado, combinando com a temática abordada.

O primeiro entrevistado do programa foi o DJ Malboro, que com um tempo total de aproximadamente três minutos, falou sobre a diversidade do funk, tanto em termos técnicos, de instrumentos musicais, quanto de miscigenação de estilos, a mudança de vida que o funk proporciona para DJs e MCs e de sua característica miscigenada e antropofágica. Malboro ainda comentou sobre o preconceito que há contra o funk e disse que o “proibidão” não deveria ser criminalizado, uma vez que retrata o que as pessoas das favelas vivem no dia-a-dia.

A cantora e compositora Fernanda Abreu disse que o preconceito com o funk advém do preconceito com o pobre e com as favelas e que ele não é melhor nem pior que outras formas de cultura e arte, apenas diferente. Falou também sobre os conteúdos sexuais de muitas letras de funk, que segundo ela, retratam a realidade vivida nas favelas. Fernanda disse ainda que utiliza muitos elementos do funk e da linguagem das favelas em suas letras e que

esse ritmo surgiu genuinamente de um ambiente pobre, mas que mesmo assim, consegue fazer as pessoas dançarem e sorrirem. Seu tempo total de fala ficou em torno de dois minutos e 50 segundos (2'50").

Sílvio Essinger, jornalista e crítico de música, falou sobre as características miscigenadas do funk carioca, contou um pouco a história de sua origem e disse também que o "proibidão" é um reflexo da realidade difícil vivida por muitos jovens de favelas. Seu tempo de fala foi de dois minutos e 20 segundos (2'20"), aproximadamente.

Carlos Albuquerque, também jornalista e crítico de música, falou sobre a cobrança que o funk sofre, muito mais até que outros ritmos musicais e contou que no exterior, o ritmo faz sucesso pela sua batida, independente da letra. Carlos teve um total de 45 segundos de fala.

André Espiridião é guia turístico e falou à equipe sobre seu trabalho, levando pessoas dos bairros para os bailes funk das favelas. Seu tempo de fala foi de seis segundos (6").

A estudante de psicologia Beatriz Rodrigues estava em um baile funk no Castelo das Pedras e disse que o ritmo do funk é contagiante e que não dá para ficar parado. Sua fala teve nove segundos (9"). Já a estudante argentina Ayelen Mugiz, que também estava no baile, falou em dois segundos (2") da animação do funk. Por fim, o cabeleireiro Kennedy Renan da Silva disse, num total de oito segundos (8"), que o ritmo é arrepiante e que quando está dançando, ele "esquece o resto do mundo".

O DJ Grand Master Raphael falou das origens do funk, explicando suas influências norte-americanas e como ele foi se transformando no que é hoje, mostrando em seu estúdio alguns dos diferentes tipos de batida. Seu tempo total foi de um minuto e 15 segundos (1'15").

Adriana Facina, antropóloga do Museu Nacional UFRJ, explicou que as origens da música estadunidense que influenciaram o funk brasileiro são as mesmas que têm influência aqui, ressaltando o papel da cultura negra. Adriana fala também da efemeridade do mercado do funk e do impacto disso para os artistas. Já no terceiro bloco, relacionou o histórico de chacinas e crescimento da violência urbana do início dos anos de 1990 com a marginalização do funk. Adriana teve um tempo total de aproximadamente dois minutos e 40 segundos (2'40").

Dado DJ é empresário de MC Cyclone e falou sobre o grande número de shows que eles fazem por noite e sobre sua rotina e viagens. Seu tempo de fala foi de aproximadamente 20 segundos. Já MC Cyclone falou sobre os frutos que seu trabalho já lhe rendeu e sobre expectativas para o futuro. Seu tempo de fala foi de 15 segundos.

Victor Montilha é produtor de eventos e falou sobre o mercado do funk no Rio de

Janeiro, que segundo ele é um mercado forte, que está crescendo. Victor teve 10 segundos de fala, aproximadamente.

MC Roba Cena teve 20 segundos de fala e contou sobre sua vida antes de entrar para o mundo do funk, da sua carreira de empresário e do sucesso que já alcançou. Sua noiva, MC Pocahontas, também teve um tempo total de 20 segundos e falou sobre a reforma que está fazendo na casa de sua mãe, com o dinheiro que ganha com a música. Marinês de Queiroz, sua mãe, falou sobre o incentivo que dá para a filha, sempre a acompanhando nos shows. Ela teve 32 segundos de fala.

Já no segundo bloco do programa, MC Lipe, que é dançarino de passinho, contou que essa dança tirou muitos jovens da marginalidade e citou o exemplo de alguns colegas que eram bandidos e que agora ganham dinheiro honestamente dançando passinho. Ele teve 10 segundos de fala.

O professor Hugo Oliveira contou à reportagem que gosta de utilizar o funk e o passinho em suas aulas e diz que assim, as crianças têm exemplos mais próximos de sua realidade e se interessam mais pelos estudos. Hugo teve aproximadamente 35 segundos de fala.

O funkeiro MC Koringa contou sobre a origem de seu apelido, que surgiu ainda nos tempos de escola e falou também sobre as letras de suas músicas, a grande maioria sem termos chulos e ofensivos. Segundo Koringa, suas músicas não são impróprias para crianças, que têm uma forma própria de interpretá-las. Seu tempo total de fala foi de 34 segundos.

MC Serginho, que teve um tempo total de um minuto e oito segundos (1'08"), falou sobre a efemeridade da carreira de quem trabalha com funk e destacou que o artista tem que estar preparado para o fim de seu sucesso e um novo trabalho. Serginho ainda falou sobre sua dedicação ao trabalho e o exemplo que deu a muitos jovens de sua comunidade.

Gazela, que é dançarina e hoje trabalha junto com MC Serginho, comentou sobre sua inspiração, a já falecida Lacraia, e disse que as pessoas ficam admiradas com a semelhança das duas, mesmo sem terem nenhum parentesco. Gazela teve 15 segundos de fala.

Jimmy Medeiros, sociólogo da Fundação Getúlio Vargas, falou sobre as diferenças de custos e lucros de um baile funk dentro e fora das favelas, destacando que, apesar de ser bem menos lucrativo, são os bailes das favelas que promovem os artistas. Seu tempo total de fala foi de aproximadamente 45 segundos.

Mateus Aragão é produtor do documentário "Eu Amo Baile Funk" e também falou sobre o mercado do funk carioca, citando os diversos profissionais envolvidos e também sobre os bailes que acontecem fora das favelas, que são mais caros e reúnem pessoas de vários

locais. Mateus teve ao todo 53 segundos de fala.

O empresário Rômulo Costa, da Furacão 2000, teve 32 segundos de fala e contou sobre a rotina de trabalho da empresa, que além de DJs, MCs e dançarinos, envolve um trabalho muito grande de vários outros profissionais. É o caso da jornalista Priscila Ferreira, redatora da Furacão 2000²³, que contou à reportagem que as pessoas pensam que ela é cantora ou dançarina quando ela diz onde trabalha. Priscila teve 32 segundos de fala.

No terceiro e último bloco, o historiador e professor da ECO/UFRJ, Micael Hershman, falou sobre o preconceito que existe contra o funk e atribuiu o fato à acontecimentos como os arrastões dos anos 90. Micael abordou também os “proibidões”, suas origens e dificuldades e sobre a inserção da cultura das favelas na classe média, através principalmente da internet. Seu tempo de fala foi de dois minutos e sete segundos (2’07”).

Também falando sobre o preconceito sofrido pelo funk, o jornalista e autor teatral João Bernardo Caldeira atribuiu o fato a questões de cultura e linguagem, dizendo que muitos não aceitam que o funk também seja um tipo de manifestação cultural. Seu tempo de fala foi de 22 segundos.

Márcio Mothé, do Ministério Público do Rio de Janeiro, falou sobre o caso das meninas do “Bonde das Maravilhas”, em que quatro integrantes são menores (na época) e por isso, precisariam de autorização judicial para “trabalharem”. Ele teve aproximadamente 26 segundos de fala.

A noiva Clarissa Jorge, que contratou o MC Andinho para sua festa, contou que ela e o noivo foram a um casamento onde ele tocou e resolveram chamá-lo também, por terem achado muito divertido e animado. Clarissa teve 12 segundos de fala.

MC Andinho falou à reportagem sobre seu trabalho, tocando principalmente em festas da classe média e disse que o funk tem letras de todos os estilos, podendo agradar a todos. O MC teve aproximadamente 48 segundos de fala.

MC Marcinho foi o último entrevistado a ser inserido na reportagem e falou sobre suas letras, geralmente mais românticas, o início da sua carreira e sobre a relação que seus fãs criam com suas músicas. Marcinho também contou que a música lhe proporcionou encontro e parcerias com vários artistas renomados. Seu tempo de fala foi de um minuto e 20 segundos

²³ Furacão 2000 é [equipe](#) de [som](#), [produtora](#) e [gravadora carioca](#) que produz coletâneas e shows de [Funk Carioca](#). Principal responsável pela divulgação do Brasil no mundo, a popularização do gênero pelo país, que é uma variação do [Miami Bass](#). Teve início após a fusão de duas equipes de som na [década de 1970](#): a Som 2000, de [Rômulo Costa](#) e a Guarani 2000, de [Gilberto Guarani](#). [Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Furac%C3%A3o_2000](#)

(1'20").

Tabela Síntese 8

Número total de entrevistados	31
Tempo total de fala	25'51"
Média de tempo de fala por entrevistado	50"

Figura 8: tabela síntese 8

Dorival Caymmi – 100 anos

O Caminhos da Reportagem buscou, nesse programa, que foi ao ar dia 24 de abril de 2014, contar a história musical de Dorival Caymmi, lembrando sua trajetória através de biógrafos, parentes e amigos. Assim como a edição anteriormente analisada, não houve muitos entrevistados e por isso, praticamente todos eles tiveram muitas inserções durante os três blocos.

Quanto à edição do programa, o que mais se destacou foi a presença de alguns trechos de entrevista com o próprio Dorival Caymmi, tirados de arquivos da TV Brasil e da TV Cultura e outras imagens antigas, sempre com muita música, que marcou todo o programa. Observou-se também a ausência de Nana Caymmi nas entrevistas, talvez sua filha mais famosa e também cantora. Quanto aos locais de fala, todos os entrevistados foram ouvidos em suas casas ou locais de trabalho.

O jornalista e crítico musical Sérgio Cabral contou um pouco da história de Caymmi com a música brasileira. Já no segundo bloco, falou sobre a penetração do rádio na família brasileira a partir da década de 30, relacionando-a ao sucesso de Caymmi e da sua amizade com Jorge Amado. No terceiro bloco, comentou a influência do Blues norte-americano nos sambas-canção de Caymmi, dizendo que ele era baiano, carioca e mundial quando queria e que suas músicas são simples e perfeitas, sem serem simplórias. Por fim, falou de sua amabilidade e disse que quem quer ficar na moda, canta Caymmi. Sérgio Cabral teve um total de três minutos e 10 segundos de fala (3'10").

João Máximo, jornalista, disse que Caymmi foi um artista sem precedentes nem sucessores, afirmando que sua obra é única. Contou como Caymmi foi convidado a compor para o filme “Banana da terra”, onde teve seu primeiro grande sucesso. Já no terceiro bloco, falou sobre seus sambas-canção, destacando que eles eram bem diferentes das canções praieiras e lembrou do “Caymmi carioca”, que cantou a Copacabana dos anos 50. Por fim,

falou também sobre o sucesso da música “Só Louco”. Seu tempo total de fala foi de três minutos e seis segundos (3'06").

Cláudio Nucci, cantor e compositor, falou, em um total de um minuto e 50 segundos (1'50"), sobre a sofisticação da música de Caymmi, daquilo que ele gostava de ouvir e de suas inspirações, vindas da Bahia. Disse que sua música era muito descritiva, quase como uma pintura. Falou ainda das composições que Caymmi fez no Rio de Janeiro, com questões mais cotidianas, da sua relação de com a Bossa Nova e por fim, disse que toda obra de Caymmi tem a sua marca.

Stella Caymmi, neta e biógrafa de Dorival Caymmi, foi a principal fonte da reportagem. Em um total de aproximadamente sete minutos e 40 segundos (7'40") e 15 inserções, ela falou um pouco sobre cada fase musical e também da vida de Caymmi, contando curiosidades, algumas contadas a elas pelo próprio avô e de suas amizades, como Carmem Miranda, Jorge Amado e João Bosco. Stella disse que seu avô era um artista completo, pois fazia letra, compunha melodia, cantava e tocava, destacando que isso era raro. Falou também das características de suas composições, dizendo que elas tinham uma força cinematográfica e que era possível imaginar e visualizar tudo que ele descrevia.

Dori Caymmi, filho de Dorival Caymmi e músico, disse que seu pai era uma unanimidade intelectual da época. Falou da ligação forte que existia entre Dorival e o mar, bem como todos os elementos da praia. Comentou também sobre um teste que seu pai fez, que foi assistido e elogiado por Assis Chateaubriand e disse, por fim, que para ele, “Sargaço Mar” foi a última grande canção de seu pai. Dori teve um tempo de dois minutos e 50 segundos (2'50").

Marília Trindade Barboza, biógrafa de Dorival Caymmi, contou um pouco da infância dele, falando da relação quase filial que tinha com as ex-escravas e as influências que elas exerceram sobre sua música, em função sobretudo do candomblé. Também falou das características descritivas de suas músicas, como se fossem uma tela e de sua principal inspiração, o mar. Disse que Dorival Caymmi é a trilha sonora da obra de Jorge Amado, referindo-se à amizade e parceria deles. No terceiro bloco, contou um pouco da história da música “Marina” e falou mais uma vez da forte ligação de Caymmi com o Candomblé. Marília teve um total de três minutos e 20 segundos de fala (3'20").

O musicólogo Ricardo Cravo Albin, que teve em torno de um minuto (1'), afirmou que as canções praieiras de Caymmi fazem com que o Brasil tenha uma coleção de canções que não existe em nenhum lugar do mundo. Contou que Caymmi foi apadrinhado por Carmem Miranda e que ele era protegido pelas fitinhas do Senhor do Bonfim. Falou ainda da

relação dele com a Bossa Nova, muito em função de sua amizade com João Gilberto.

Rosa Maria Araújo, presidente MIS e pesquisadora musical, falou inicialmente sobre a música “João Valentão”, que ele começou a compor na Bahia e terminou no Rio de Janeiro, dizendo que ela é muito completa, é praieira e ao mesmo tempo contém ficção. Ela comentou também sobre a propaganda da Bahia feita por Caymmi e de seu lado pintor. Já no terceiro bloco, lembrou seus sambas-canção e citou como exemplo a música “Marina”. Ao final, disse que ele não entrou em declínio, que teve vida longa, sempre foi um grande artista e que seu centenário será comemorado com a certeza de que ele é eterno. Rosa Maria teve um minuto e 45 segundos de fala (1'45").

Paloma Amado, filha de Jorge Amado e escritora, contou que foi seu pai quem fez o final da letra de “João Valentão”, falando do entrosamento e amizade entre ele e Caymmi. Ela falou da parceria deles, citando algumas músicas que eles escreveram juntos e afirmando que aquela não era uma parceria comercial. Seu tempo total foi de dois minutos e 15 segundos (2'15").

Sônia Virgínia Moreira, jornalista e professora da UERJ, explicou que quando Caymmi chegou ao Rio de Janeiro, a rádio estava em ascensão no Brasil e que esse fator acabou contribuindo para o seu sucesso. Ela teve 30 segundos de fala (30").

Danilo Caymmi, filho de Dorival Caymmi e músico, falou que as músicas de seu pai são simples de cantar, sem precisar de muitos recursos e que as letras geralmente são simples também, pequenas, o que contribuiu para seu sucesso. A fala de Danilo durou 30 segundos (30").

Mãe Stella de Oxóssi, Mãe de Santo, teve 46 segundos de fala (46") e explicou que o título dado a Caymmi pelo Candomblé, Obá de Xangô, é um título honorífico dado a poucos, por sua representação espiritual. Ela também contou um pouco da relação de Caymmi com o Candomblé.

Myriam Fraga é presidente da Fundação Casa de Jorge Amado e com 20 segundos de fala (20"), comentou sobre a simplicidade de pessoas como Dorival Caymmi e Jorge Amado, que mesmo sendo tão importantes e conhecidos, eram pessoas encantadoras.

Tabela Síntese 9

Número total de entrevistados	13
Tempo total de fala	28'52"
Média de tempo de fala por entrevistado	2'14"

Figura 9: tabela síntese 9

5.1.5 Policial

Exploração Sexual de Menores: entre a culpa e a inocência

Abordando temas delicados, tais quais a prostituição infantil e a violência sexual contra menores, essa edição do Caminhos da Reportagem, exibida na dia 13 de outubro de 2013, ouviu em sua maioria, especialistas que trabalham de alguma forma com o tema; membros de associações de apoio às vítimas de violência ou as próprias vítimas, muitas delas menores, que não foram identificadas.

Nesse programa, observou-se que a maioria dos menores entrevistados foram ouvidos em alguma instituição da qual fazem parte e alguns na rua, acredita-se que em função da dificuldade de falarem sobre o assunto abordado em suas próprias casas. Já os demais entrevistados foram ouvidos em seu local de trabalho, seja instituições, escritórios, hospitais ou universidades. Quanto à edição, apesar de haver muitos relatos tristes e pesados, algumas imagens e sons foram utilizados para deixar a reportagem mais leve, além de no fim, ter um tom de esperança. Além disso, algumas imagens do filme “Anjos do Sol”, que fala da exploração sexual de menores no nordeste, foram utilizadas para ilustrar as falas de seu diretor e da atriz principal.

Antes de falar um pouco sobre cada entrevistado, é importante registrar que o repórter, em sua primeira passagem, explica que tentou entrar em contato com a Secretaria Estadual de Segurança Pública de São Paulo, mas que nenhuma entrevista conseguiu ser marcada. Ele contou também que o delegado (de Campinas-SP, cidade onde foram feitas as primeiras entrevistas), por telefone, afirmou que não gosta de dar entrevistas para não precisar mentir, pois sabe que a situação de prostituição na periferia da cidade é grave, mas que não têm verba suficiente para tratar do caso. A equipe também tentou entrar em contato com a delegada da secretaria da mulher que disse, por meio de sua assessora, também por telefone, que não gostaria de falar sobre o assunto.

A primeira entrevistada foi uma menina de 16 anos que trabalha se prostituindo na periferia de Campinas. Ela aceitou conversar com a equipe do programa desde que não tivesse sua identidade revelada. Em um tempo total de um minuto e 45 segundos (1'45''), contou um pouco de sua vida, revelando que começou a fazer programa por sua livre vontade e que sua família não sabia. Disse também que não recomenda essa vida a outras meninas.

Advogado de Direitos Humanos e Penal, João Paulo Orsini teve várias inserções durante o programa. Ele falou primeiramente sobre a prostituição no Jardim Itatinga (periferia de Campinas), informando ainda que a região também sofre com tráfico de drogas e extorsão. O tráfico de pessoas para exploração sexual no Brasil e o uso de álcool e drogas por pessoas prostituídas também foram temas abordados por João Paulo, que teve ao todo um minuto e 45 segundos (1'45'') de fala.

Érika Kokay é presidente da CPI de Exploração Sexual de Menores e falou à reportagem principalmente sobre o tráfico de pessoas, exploração sexual nas fronteiras do país e o envolvimento de empresários com a exploração sexual de menores (Operação Estocolmo). Seu tempo total de fala foi de aproximadamente um minuto e 25 segundos (1'25'').

Dalila Figueiredo faz parte da Associação Brasileira de Defesa da Infância e Juventude e também falou principalmente da exploração sexual nas fronteiras, destacando a situação de indígenas que estão sendo exploradas. Ela também destaca a importância de se acionar o Conselho Tutelar e fazer denúncias. Dalila teve aproximadamente um minuto e 10 segundos (1'10'') de fala, no total.

Não identificada, por ser menor de idade, uma travesti de 17 anos contou o porquê de ter virado prostituta e um pouco de sua rotina, bem como os apuros pelos quais já passou e seus sonhos para o futuro. Seu tempo total de fala foi em torno de um minuto e cinco segundos (1'05'').

Thiago Torres, presidente da Ong Makanudos de Javeh, conta que 70% dos casos de exploração sexual de menores acontece dentro das casas das vítimas. Ele fala também que as crianças costumam dar alguns indícios de que estão sofrendo violência, como medo de estar perto do adulto abusador, disfunção intestinal, dentre outras. Thiago ainda diz que muitas vítimas só vão procurar ajuda depois de mais velhos. Seu tempo de fala foi de 34 segundos, no total.

Outro jovem não identificado, por se menor de idade, conversa com o repórter sobre sua história de abuso sexual, tendo sido molestado pelo tio. O jovem conta que era uma criança assustada, muito quieta e que até por isso, sofria *bullying*²⁴ na escola. Ele fala também

²⁴ Bullying é uma situação que se caracteriza por agressões intencionais, verbais ou físicas, feitas de maneira

que tinha medo de contar o que acontecia para sua família e acabar gerando um conflito ou sendo culpado. Seu tempo de fala foi de um minuto e 28 segundos (1'28"), no total.

Danilo Antônio Baltieri, psiquiatra da faculdade de medicina do ABC, teve aproximadamente 37 segundos de fala, nos quais disse que a maioria dos adultos que molestam crianças não são pedófilos e que é muito difícil traçar um único perfil para agressores sexuais. Ele explica que há vários fatores que podem estar envolvidos com o comportamento do abusador.

Albertina Duarte Takiuti é coordenadora do programa Adolescente/SP e fala um pouco sobre o comportamento do abusador. Diz também, já no terceiro bloco, que não acredita que um adolescente que nunca tenha sofrido nenhum tipo de trauma simplesmente resolva se prostituir e conta que muitas vezes as mães das meninas a culpam pelo ocorrido e ficam do lado dos abusadores. Ela teve um tempo total de fala em torno de dois minutos e 22 segundos (2'22").

A médica infectologista Ivete Boulos explica que o impacto emocional de violência sexual contra crianças tende a ser o mesmo, independente do tipo de violência. Ela também fala sobre a coação e vínculo entre vítima e agressor e que esse tipo de agressão pode afetar a vítima por anos, em sua vida amorosa, sexual e reprodutiva. Seu tempo de fala foi de aproximadamente um minuto e cinco segundos (1'05").

Também médica e infectologista, Isabelle Nisida fala à reportagem sobre o jogo de poder entre abusador e vítima, que faz com que ela não conte a ninguém, seja por medo ou por vínculo afetivo. Isabelle teve um tempo de fala de 14 segundos.

Já no segundo bloco, Raquel Fernandez, que é coordenadora da Ong Luna Nueva, diz que há meninas a partir de oito anos sendo exploradas sexualmente e trata também da exploração de travestis e transexuais, além de abordar o tráfico sexual nas fronteiras, afirmando que as autoridades sabem o que ocorre, mas não fazem nada. Raquel também fala que muitos não consideram as meninas vítimas de exploração e alegam que elas se prostituem porque querem e que muitas famílias acham normal uma menina nova ter relações com um homem mais velho em troca de mantimentos para a casa. Seu tempo de fala ficou em torno de três minutos e 32 segundos (3'32"), no total.

Mônica Aquino, da Associação Unidas na Esperança, conta que saiu de casa e começou a se prostituir aos 16 anos, por não ter uma família bem estruturada. Ela fala

repetitiva, por um ou mais alunos contra um ou mais colegas. O termo bullying tem origem na palavra inglesa *bully*, que significa valentão, brigão. Mesmo sem uma denominação em português, é entendido como ameaça, tirania, opressão, intimidação, humilhação e maltrato. Fonte: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/bullying-escola-494973.shtml>

também de algumas amigas que foram para algumas fronteiras e acabaram morrendo, e ressalta que muitas meninas entram nessa vida porque querem sair de casa, por não encontrarem lá, um lar. Mônica falou por aproximadamente um minuto (1'), no total.

A jornalista paraguaia Marta Escurra contou à reportagem sobre um trabalho investigativo que fez em seu país, onde se passou por uma menor de idade que ia atrás de anúncios de empregos nos jornais. Com a investigação, ela descobriu muitos locais que exploravam sexualmente menores de idade. Segundo ela, na época em que fez a denúncia no jornal houve uma comoção, mas logo depois, ninguém fez mais nada a respeito. Ela falou também da crescente exploração sexual de indígenas. Seu relato teve um tempo total de aproximadamente três minutos e 50 segundos (3'50").

Rudi Lagemann, diretor do filme "Anjos do Sol", teve em torno de um minuto e 45 segundos (1'45") de fala e contou que passou muito tempo pesquisando sobre exploração sexual de crianças e adolescentes antes de fazer o filme, dizendo que na escolha do elenco, os pais das crianças tinham que aprovar o roteiro antes delas e darem sua permissão. Ele conta também que foi preciso aprovação do juizado de menores e lembra da dificuldade de falar dos assuntos pesados do filme com as atrizes mirins.

A atriz Fernanda Carvalho, hoje com 21 anos, conta que na época do filme tinha 11 anos e fazia as cenas sem saber do que se tratava e que só foi tomar consciência do quão pesado ele era quando o filme chegou aos cinemas. Seu tempo de fala foi de um minuto e 15 segundos (1'15"), no total.

No terceiro e último bloco do programa, Thiago Tavares, presidente da Safernet Brasil, falou sobre o crime de pedofilia virtual, explicando ao repórter os mecanismos que os criminosos utilizam para terem acesso a vídeos e fotos, bem como todo sistema envolvido na prática. Falou também das formas que o cidadão tem de denunciar as páginas criminosas da internet. Thiago teve um tempo de três minutos e 15 segundos (3'15").

Lola Benvenuti, identificada como acompanhante, disse à reportagem que as pessoas sempre imaginam que tenha acontecido algo para ela ter se tornado garota de programa, mas ela afirma que não, que sempre encarou sua sexualidade com tranquilidade. Falou também sobre seu primeiro parceiro sexual, que conheceu na internet, sobre sua adolescência com os pais e que nunca sentiu medo, mas hoje vê o risco que já correu. Lola teve um minuto e 20 segundos (1'20"), no total.

A equipe do programa ouviu três meninas menores, integrantes do projeto Vira Vida. Optou-se por inserir aqui essas três entrevistas em conjunto, por serem relatos bem parecidos e por elas não terem sido identificadas. De maneira geral, elas falaram sobre a vida que

levavam antes de entrar para o projeto, sem muitos compromissos e perspectivas de um futuro melhor. As três também falaram sobre os abusos sexuais que sofreram e sobre seus planos para o futuro. No total, as três tiveram, em conjunto, um tempo de fala de aproximadamente dois minutos e dois segundos (2'02").

A última entrevistada do programa, Cida Lima, é coordenadora do projeto Vira Vida e explica como o projeto funciona, falando da bolsa que as crianças recebem, no valor de 400 reais. Conta também o caso de uma menina que entrou para o projeto e hoje já está indo para o mercado de trabalho. Seu tempo total foi de dois minutos e 15 segundos (2'15").

Tabela Síntese 10

Número total de entrevistados	22
Tempo total de fala	33'49"
Média de tempo de fala por entrevistado	1'32"

Figura 10: tabela síntese 10

5.1.6 Internacional

Vítimas de conflitos armados na Colômbia

Exibido dia 8 de agosto de 2013, esse programa tem como tema a guerra civil colombiana, contando histórias do país e de vítimas da guerrilha. Nesse programa, é importante destacar que houve um número maior de offs e boa parte da fala dos entrevistados acabou ficando no texto da repórter. Pela reportagem ter sido feita na Colômbia, a língua talvez possa ser um fator que tenha determinado tal característica da narrativa audiovisual adotada na edição.

Observou-se também que muitos entrevistados, principalmente vítimas da guerrilha, foram ouvidas nas ruas. Além disso, outra característica que deve ser destacada é o grande número de especialistas, membros de associações e representantes do governo. Quanto à edição, a reportagem é rica em offs explicando a história da Colômbia e introduzindo o próximo tema a ser abordado e também apresenta algumas artes e gráficos que a deixam mais didática.

O primeiro entrevistado ouvido foi um historiador, Rodrigo Pontes, que falou sobre a

formação da guerrilha em Cauca²⁵, sobre o cultivo de maconha e cocaína pelos moradores locais e suas implicações políticas e econômicas para o narcotráfico. Ao todo, seu tempo foi de um minuto e cinco segundos (1'05"), aproximadamente.

Hermano Mesa, coordenador político de uma associação indígena chamada Nasa, também falou sobre a guerrilha, destacando que a presença de militares na cidade fez aumentar ainda mais o número de vítimas. Em sua última inserção, ele falou também sobre a guarda indígena, que faz parte da cultura da tribo e tem a função de proteger o local de forma pacífica. Hermano teve aproximadamente 48 segundos de fala.

A primeira vítima direta do conflito armado a ser ouvida foi Rosmira Ponce, uma dona de casa que falou sobre o suicídio de seu filho, ocorrido depois que o pai, seu marido, foi morto atingido por um carro bomba. Ela disse também que tem medo de algum outro filho fazer o mesmo. Ela teve 14 segundos de fala, no total.

Procurador da cidade de Toribio, Juan Carlos Chamorro conta à repórter que as vítimas dos conflitos não recebem nenhum tipo de reparação de danos e cita o caso de um ônibus-bomba que atingiu o local há dois anos e que até então nada havia sido feito a respeito. Ele também conta que muitas crianças acabam se associando às Farc, por influência ou coação. Juan Carlos teve ao todo 25 segundos de fala.

Ainda sobre a falta de assistência às vítimas, foi ouvido o secretário de governo da prefeitura de Toribio, José Miller, que reconhece o fato e alega falta de recursos financeiros. Ele também fala que o governo criou muitas leis, mas que eles não têm dinheiro para atender a todos. Já no terceiro bloco, ele conta que Toribio é um local de resistência e fala da associação contra o “deslocamento”, que seria uma espécie de migração para outros locais mais seguros. Seu tempo total de fala foi de aproximadamente 40 segundos.

Paula Gaviria é diretora de atenção às vítimas da Presidência da Colômbia e disse à repórter que o maior problema é que os conflitos não cessam e por isso, sempre há vítimas para reparar. Paula conta também que desde a implementação da Lei de Reparação²⁶, cerca de milhares de pessoas foram vitimizadas e isso faz com que a demanda sempre seja maior do que o governo pode atender. Ela teve 45 segundos de fala, aproximadamente.

Outra vítima direta mostrada pela reportagem foi Zulma Medina, uma vendedora que

²⁵ Cauca é um dos 32 departamentos da Colômbia . Está localizado a sudoeste do país, e sua capital é Popayan . Possui uma área de 29.308 km² e possui 1,2 milhão de habitantes, segundo o censo de 2005. Fonte: [http://es.wikipedia.org/wiki/Cauca_\(Colombia\)](http://es.wikipedia.org/wiki/Cauca_(Colombia)).

²⁶ Essa lei, sancionada em junho de 2011, prevê compensações e devoluções de terra a milhões de vítimas dos conflitos internos colombianos, com o pagamento de indenizações a parentes de vítimas de guerrilhas, grupos paramilitares e agentes das forças de segurança, além da restituição de terras a pessoas deslocadas por conta dos conflitos. Fonte: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/06/110610_leicolombia_ban_if.shtml

contou que na época da explosão do ônibus-bomba, estava grávida e perdeu seu bebê com o susto do atentado. Seu tempo de fala foi de 11 segundos.

O delegado do Comitê Internacional Cruz Vermelha, Enrique Contreras, teve 20 segundos de fala e contou que a população vive tensa, porque mesmo que não esteja acontecendo nada há um tempo, eles pensam que algo ruim está sendo planejado e que pode os afetar a qualquer momento.

Yamileth Medina, dona de casa, relatou ter sido abusada sexualmente por um cabo do exército, que a manteve prisioneira até o nascimento do filho deles. Ela conta também que quando seu filho tinha quatro anos, o homem conseguiu sua guarda e hoje vive com o garoto, que desde então está afastado da mãe. Yamileth diz que quer seu filho de volta. Seu relato durou aproximadamente 47 segundos, no total.

Também foram ouvidos dois menores detidos sob acusação de assassinato e de fazerem parte da guerrilha. Eles não foram identificados, mas conversaram com a repórter. O primeiro disse que não faz parte das Farc e alega ter atirado acidentalmente, sem saber que a arma estava carregada. Ele também disse que agora tem medo de ser assassinado pela guerrilha. Seu tempo foi de 18 segundos. O segundo menor, que teve um tempo de fala de 17 segundos, disse que passou 15 dias nas Farc, mas que a deixou porque se machucou no treinamento. Conta que entrou porque eles lhe prometeram uma moto, que não ganhou. Ele diz não ter medo de ser assassinado, mas temer por sua família.

Sobre o caso dos menores, Leonardo Escue, coordenador jurídico da Nasa em Toribio, diz que apesar dos meninos presos também serem vítimas da guerrilha, a obrigação da comunidade é defender os demais de quem comete crimes, independente da idade. Ele teve um tempo de fala de aproximadamente 22 segundos.

Outra entrevistada que preferiu não se identificar, por medo, foi uma mulher, já adulta, que contou ter conseguido livrar seus filhos do recrutamento. Segundo ela, os filhos já tinham decidido ir para a guerrilha quando ela os resgatou de dentro do carro dos guerrilheiros e teve que fugir da cidade, para que as Farc não os pegassem novamente. Conta também que tem medo que seus filhos sejam recrutados mais uma vez. Ela teve um tempo total de fala de 40 segundos.

Sobre as estratégias de recrutamento da guerrilha, Natália Springer, analista política, explicou que as crianças mais vulneráveis são aquelas que passavam fome ou têm insegurança alimentar. Ela diz também que não observa nenhum tipo de punição para esse crime, que converte vítimas em vitimizadores. Seu tempo total de fala foi de 47 segundos.

A freira e educadora Elvira Montoya falou à reportagem sobre o cultivo de folha de

coca, que antes era usada de forma medicinal pelos indígenas e agora sustenta o narcotráfico. Seu tempo de fala foi de 16 segundos. Ainda a respeito do cultivo ilegal, um agricultor que não quis se identificar falou sobre sua decisão de trocar o cultivo de tomate por maconha, por ser, segundo ele, mais rentável. Ele contou também que sabe dos riscos que corre de perder suas terras, caso sua plantação seja descoberta. Seu tempo de fala foi de 31 segundos, no total.

O último entrevistado do primeiro bloco, Jorge Restrepo, é diretor do centro de análises de conflitos e explicou mais detalhadamente o interesse das Farc nas atividades ilegais de plantio de drogas pelos camponeses. Ele falou também, já no terceiro bloco, sobre a necessidade de se resgatar a história e a memória, e que na Colômbia há um conflito por essa memória, já que existem várias versões diferentes das histórias. Seu tempo total de fala foi de um minuto e 15 segundos (1'15").

No segundo bloco, Daniel Ávila, coordenador do programa de ação contra minas, conta que a guerrilha usa as minas como estratégia de guerra e que por isso, a contaminação do território é muito alta, principalmente em zonas de conflito. Fala também sobre o trabalho de desminagem humanitária, que só pode ser feito em zona mais seguras. Seu tempo total de fala foi de 34 segundos.

Carlos Andrés, comandante do exército colombiano, teve 10 segundos e falou sobre o preparo dos soldados, afirmando que eles são preparados para os combates, mas nunca para terem seus membros amputados. Ele, que também já sofreu um acidente com mina e teve sua perna amputada, conta também que trabalha ajudando outras vítimas na recuperação.

Oscar Fabian, trabalhador rural, lembra que sempre ajudava a marcar e desativar as minas, mas que uma vez acabou pisando em uma, o que lhe acarretou a perda de uma perna. Oscar fala de como lida com a situação, alternando momentos de superação e de tristeza. Seu tempo de fala foi de 32 segundos, no total.

O brasileiro Denivaldo Sousa, que é capitão, conta que faz parte do grupo de monitores interamericanos da OEA. Ele explica como começou o processo de desminagem da região, com um pedido de ajuda internacional. Explica também que a América Central foi declarada livre das minas devido a uma operação que contou com a ajuda do Brasil e por isso, o país é importante nesse processo. Seu tempo de fala foi de 40 segundos.

Francisco Xavier Sanches, ex-prefeito de San Carlos, disse que a vida dos moradores da cidade mudou muito depois que ela foi declarada sem suspeita de minas. Ele destaca que a desminagem contribuiu muito para a educação, pois antes, muitas escolas eram minadas. Seu tempo de fala foi de 24 segundos, aproximadamente.

O agricultor Rogério Antônio, que teve 11 segundos de fala, contou que antes da

desminagem, tinha muito medo de andar pela sua propriedade e que as crianças também não tinham liberdade para sair de casa, correndo o risco de sofrerem acidentes.

Falando agora sobre os refugiados que fugiram da violência de suas cidades, Tereza Ortiz, que está desempregada, contou que é muito ruim ser uma refugiada (deslocada) da violência, porque ela está longe de seu local de origem e que mesmo assim, não conseguiu se livrar totalmente da violência. Seu tempo de fala foi de 18 segundos, aproximadamente.

Anita Amparo Rodrigues, também desempregada, contou à repórter que era feliz antes de seu marido ser assassinado e ela precisar deixar a cidade onde vivia. Ela conta também que tem medo de voltar e sofrer violência novamente. Seu tempo de fala foi de aproximadamente 16 segundos.

A reportagem também mostrou uma cerimônia de reintegração, onde ex-guerrilheiros eram readmitidos à sociedade. Um homem que não quis se identificar disse que o processo de reintegração coletiva é muito melhor que a individual, pois as pessoas aceitam melhor e eles sofrem menos preconceito. Seu tempo de fala foi de 27 segundos.

Martha Cala Hernandez é coordenadora da agência colombiana de reintegração e contou que muitos ainda não dão emprego para pessoas reintegradas e que esse processo de aceitação é complicado. Seu tempo de fala foi de 10 segundos.

A costureira Ederlidia Garzon, que teve aproximadamente 50 segundos de fala, contou que se envolveu com a guerrilha sem querer, costurando seus uniformes, sem saber que eram paramilitares. Ela também disse que quando resolveu se reintegrar, sofreu várias ameaças, mas que hoje está livre.

O primeiro entrevistado do terceiro bloco é José Mendes, que faz parte da guarda indígena de Toribio. Ele conta que o papel dessa guarda é sempre zelar pela paz e por isso, eles não usam armas. Fala também do bastão utilizado por eles, que segundo conta, é protegido por espíritos. Seu tempo total de fala foi de 50 segundos.

Ainda sobre a guarda, o líder indígena Selatiel Mendes afirmou que não é fácil manter a resistência em Toribio, mas que eles procuram se manter em seus locais de origem e diz também que a resistência espiritual os ajuda. Selatiel teve aproximadamente 22 segundos de fala.

Roberto Caicedo é coordenador de um projeto em Toribio e ele explica à repórter que o projeto tem o objetivo de resgatar a memória e fazer registros históricos dos conflitos e do que aconteceu com cada um e com a comunidade. Seu tempo de fala foi de 20 segundos.

Dona Maria Sanabria faz parte do grupo “Mães de Soacha” e teve um tempo total de fala de aproximadamente um minuto e 23 segundos (1’23”). Ela contou como seu filho

adolescente foi assassinado pelas Farc e ainda foi considerado um narcoguerrilheiro morto em combate. Fala também que seu filho, assim como milhares de outros jovens, foi assassinado por militares em busca de medalhas, já que o governo recompensava aqueles que os levassem narcoguerrilheiro mortos. Mas ela afirma que seu filho não estava ligado ao narcotráfico e completa dizendo que o caso de seu filho está em total impunidade e que espera justiça.

Glória Quintero é vice-presidente da associação Assovida e conta que com o projeto, as vítimas aprendem a falar da própria história e a lidar com o luto por parentes assassinados. Ela diz também que no projeto, há vítimas da guerrilha, paramilitares, exército e polícia. Glória teve um tempo total de aproximadamente 20 segundos.

Integrante do grupo Assovida, um homem adulto que não quis se identificar falou sobre a falta de reparação para as famílias das vítimas. Segundo eles, não há reparação econômica, simbólica nem moral. O homem conta ainda que na época em que a cidade de Granada estava ocupada por paramilitares, havia lá também uma base do exército e que eles realizavam trabalhos em conjunto, como no desaparecimento e assassinato de muitos. Seu tempo total de fala foi de um minuto e sete segundos (1'07").

Alba Trujillo é uma ex-guerrilheira que foi reintegrada. Em 40 segundos de fala, no total, ela conta que foi recrutada forçadamente quando tinha 12 anos, junto com mais 48 menores e que eles nunca foram devolvidos aos seus núcleos. Ela diz também que resolveu fugir porque não aguentava mais e tinha medo de morrer.

Pastora Mira García, coordenadora do Centro de Reconciliação de San Carlos, contou um pouco da sua história, com pai, marido e filho assassinados e uma filha desaparecida e disse que resolveu dividir sua dor e sua história com outras pessoas que passaram por situações semelhantes, para juntos tentarem curar a dor. Além disso, ela fala da necessidade de paz e do descaso do governo. A pastora teve um minuto e 36 segundos (1'36") de fala, no total.

O último entrevistado da reportagem foi o jornalista e radialista Herbin Hoyos, que em 28 segundos, falou sobre a ideia de fazer um programa de rádio para tentar conseguir informações sobre os sequestrados. Segundo Herbin, a proposta surgiu quando ele foi vítima de sequestro e um colega de cativeiro o perguntou porque os jornalistas não fazem nada por eles. Ele diz também que muitas pessoas sequestradas ainda podem estar vivas e que o programa serve como uma ferramenta de denúncia.

Tabela Síntese 11

Número total de entrevistados	37
Tempo total de fala	21'19"
Média de tempo de fala por entrevistado	35"

Figura 11: tabela síntese 11

5.1.7 Esporte

Futebol – memórias, novas arenas e muitas emoções

Esse episódio do Caminhos da Reportagem foi exibido no dia da abertura da copa do mundo no Brasil, 12 de junho de 2014 e é o último programa analisado para essa pesquisa. Ele faz parte de uma série de especiais sobre a Copa no Brasil e relembra a trajetória da seleção brasileira em Copas do Mundo e ouve histórias de jogadores, jornalistas e demais apaixonados pelo futebol. Além disso, o programa também fala sobre o mundial de 2014, que começaria a acontecer naquele dia, mostrando algumas das novas arenas construídas e contando as expectativas dos torcedores.

Afora o grande número de entrevistados, essa edição destacou-se pela sua abrangência, tendo sido entrevistadas pessoas de vários locais do país, muitas delas no modelo de “povo fala”, além das passagens dos repórteres, também de locais diferentes. Outro destaque foi a arte, toda feita com a temática voltada para o futebol, dando um ar de programa especial.

Além disso, a edição também foi feita de forma diferente, sendo que o primeiro bloco abordou mais as copas anteriores, ouvindo ex-jogadores e demais pessoas que fizeram parte da história da participação do Brasil em Copas do Mundo, tendo assim, um estilo que se aproxima de um documentário. Já os dois últimos blocos abordaram temas referentes à Copa de 2014 e por ser atual, estruturou-se de forma a assemelhar-se com uma reportagem de telejornal, com cobertura de coletivas, eventos e povo-fala.

O primeiro entrevistado foi Roberto Assaf, jornalista do Lance!, que teve várias inserções ao longo do programa e por isso, falou sobre vários assuntos, começando pela Copa de 50, onde relembrou toda a preparação que o Brasil teve na época para receber um evento de tamanha proporção e a pressão sofrida pelos jogadores na final. Sobre as outras copas,

contou que a de 70 foi a mais marcante em sua vida e que é fã dos jogadores daquela seleção. Disse ainda que discorda um pouco de quem critica a seleção de 94, dizendo que eles jogaram bem o suficiente para serem campeões. A respeito da Copa de 2014, falou que a reação dos turistas iria dizer se o evento foi ou não positivo. Finalmente, comentando sobre os protestos contra construção de estádios, dizendo que o que havia em 1950 eram brigas políticas e não protestos como se vê hoje. Roberto Assaf teve, no total, um minuto e 32 segundos de fala (1'32").

O também jornalista Celso Unzelte, da ESPN Brasil e TV Cultura, falou que o Brasil ter sediado a Copa de 1950 e construído o Maracanã foi um grande feito e contou que na saída do jogo o Brasil contra a Suíça, em São Paulo, bandeiras da CBD (Confederação Brasileira de Desportos) foram queimadas. Disse que queria muito que o Brasil tivesse sido campeão em 82, para ele poder voltar para a escola comemorando com seus colegas. Falou também sobre a desistência da França de participar da Copa de 50, devido às distâncias entre as cidades dos jogos. Sobre o atraso na entrega dos estádios da Copa de 2014, disse que ficou uma sensação de que nenhum tempo seria suficiente, mas que ao mesmo tempo, daria-se um jeito e que para os padrões mundiais, essa Copa pode parecer pouco, mas que para o Brasil, é uma conquista. Disse ainda que em 1950 não havia a conscientização e mobilização que se tem hoje, referindo-se aos protestos. Seu tempo de fala foi de um minuto e 55 segundos (1'55").

O aposentado Nelson Xavier, que teve um minuto e 13 segundos (1'13"), contou um pouco como foi o jogo Brasil X Suíça da Copa de 50, que assistiu da "geral". Falou também que na saída do jogo, a torcida estava enfurecida com o técnico da seleção brasileira, Flávio Costa.

Gandula da Copa de 50, Elmo Cordeiro contou como chegou ao Rio de Janeiro no dia da final e disse que, como não tinha ingresso para o jogo, pulou o portão para assisti-lo. Falou sobre o jogo, dizendo que todos os jogadores da seleção brasileira estavam pressionados e que o Uruguai estava jogando melhor. Relembra lance a lance o primeiro gol do Uruguai. Seu tempo foi de um minuto e seis segundos (1'06").

Nadyr Dissat, aposentada, teve 16 segundos de fala (16") e contou sobre a final de 1950, onde esteve presente, falando do clima de "já ganhou" que existia. Disse também que, como não gosta de chorar na frente de ninguém, deixou para chorar em casa, após a derrota para o Uruguai.

Eduardo Galeano é escritor e falou sobre a imprevisibilidade do futebol, onde não se pode saber com antecedência o que vai acontecer, referindo-se tanto à Copa de 50 quanto àquela que estaria por acontecer. Seu tempo de fala foi de aproximadamente 12 segundos

(12").

Bicampeão mundial de 58 e 62, Pepe disse que a final de 50 serviu posteriormente para que os jogadores ficassem atentos. Falou também da Copa de 58, dizendo que a seleção brasileira era bem melhor que a da Suécia e por isso, a vitória não foi mal vista pelos suecos e lembrou da recepção que tiveram tanto em Portugal quanto no Brasil, após terem sido campeões. Já sobre a Copa de 62, falou da contusão de Pelé e sua substituição por Amarildo, além da final, disputada contra a Tcheco-eslováquia. Contou ainda que os jogadores campeões ganhavam muitos presentes de empresas e patrocinadores. Pepe teve um tempo total de dois minutos e 14 segundos (2'14").

Juca Kfourri, jornalista da ESPN Brasil e UOL, teve 42 segundos de fala (42"), onde falou da alegria da vitória da Copa de 58, tendo em vista a derrota de 50. Sobre a de 2014, disse que o Brasil foi megalomaniaco e que muitos estádios construídos são elefantes brancos.

Rivelino, campeão mundial de 70, disse que antigamente eram menos seleções disputando a Copa do Mundo, mas que a qualidade era superior. Sobre a final, lembrou que quando o Brasil fez 2 a 1, sentiu que ele seria um campeão do mundo e que o último gol do Brasil foi muito marcante, pois teve a participação de nove jogadores. Rivelino teve 47 segundos de fala (47").

Edu, também campeão mundial de 70, disse que a Copa do Mundo de 70 foi espetacular em termos de qualidade das seleções. Contou que quando os jogadores da seleção seriam apresentados ao novo treinador, ele disse para o Rivelino que não jogaria mais. Por fim, lembrou que eles da seleção comentavam que, diante dos resultados obtidos, “não teria para ninguém”. Seu tempo de fala foi de 53 segundos (53").

Outro campeão de 70 entrevistado, Clodoaldo teve um minuto e cinco segundos (1'05"), onde falou que o gol que fez no primeiro tempo da final de 70 foi importante para que os jogadores voltassem ao segundo tempo com mais ânimo, sem temer que acontecesse a mesma coisa que em 1950. Falou ainda sobre as jogadas que resultaram no último gol da final, fechando a goleada de 4 a 1.

Serginho Chulapa, ex-jogador da seleção, falou da maneira de jogar da seleção de 1982, muito adiantada. Disse também que em 1994 o Brasil não jogou bem e foi campeão, concluindo que alguma coisa faltou para que eles ganhassem em 82. Sobre a Copa de 2014, disse estar confiante na vitória do Brasil. Seu tempo de fala foi de 36 segundos (36").

Narrador da rádio nacional e com 35 segundos de fala, André Luiz Mendes falou da convicção que as pessoas tinham que o Brasil seria campeão na Copa de 82 e disse que hoje temos bons jogadores, mas que eles não são ídolos como os da época. Disse ainda que é

impossível não sentir emoção narrando os jogos do Brasil na Copa do Mundo.

Zico, ex-jogador da seleção, teve 20 segundos (20") e falou da preparação que Felipão e Parreira estavam fazendo com os jogadores para a copa de 2014. Em um mesmo evento Júnior, também ex-jogador da seleção, lembra o bom resultado da Copa das Confederações de 2013 e disse que os jogares e o clima são bons. Seu tempo de fala foi de 16 segundos (16").

Já no segundo bloco, o assessor especial do ministério do esporte, Joel Benin, disse que o Brasil construiu várias sedes para a Copa de 2014 porque o evento deveria ser nacional e não concentrado em uma região e falou que a população vai ser beneficiada com a Copa uma vez que os investimentos ficarão para ela depois do evento. Seu tempo de fala foi de 43 segundos (43").

Carlyle Zamith, analista de sistemas, disse acreditar que a Arena da Amazônia vai sim ser bem utilizada depois da Copa do Mundo e citou o exemplo do Teatro Amazonas, que na época de sua construção foi muito criticado e hoje é um cartão postal e uma referência nacional. Seu tempo de fala foi de 20 segundos (20").

Pedro Peres, preparador físico do Fast Club, teve 13 segundos (13") e falou do desgaste físico que os jogadores das seleções terão ao jogar em Manaus, devido ao calor e umidade. Sobre o mesmo assunto, Carlos Roca, preparador físico do Nacional, teve cinco segundos (5") e disse que quem quiser ser campeão mundial terá que sofrer um pouco no calor.

Susan Clarke, professora de inglês britânica que mora em Manaus, comentou que os estrangeiros não conhecem bem o Brasil e contou que na Copa, iria torcer para o Brasil, mesmo que fosse contra a Inglaterra. Seu tempo de fala foi de 27 segundos (27").

Mário Porcaro, dono de restaurante, contou que mora há anos em Manaus e que nunca viu nenhum animal silvestre pelas ruas, que isso é uma coisa que os estrangeiros inventaram e que a cidade se preparou bem para receber a Copa do Mundo. Ele teve um tempo de 32 segundos (32"), onde falou de algumas mudanças de estrutura que a cidade sofreu para receber o mundial, como na banda larga e aeroporto.

Com um tempo de cinco segundos (5"), a estudante Lorrainy Oliveira falou da expectativa para a Copa, dizendo que seria surpreendente. Já o professor Leandro Marques teve nove segundos (9") e disse que na Copa seria ainda melhor, devido à presença de turistas e imprensa do mundo todo. Marilene de Oliveira, psicóloga, teve 15 segundos (15") e reclamou da falta de acessibilidade até chegar ao estádio, dizendo que estava difícil para os cadeirantes. Os três entrevistados estavam em um evento teste de abertura da Arena da Amazônia.

Já na inauguração do Itaquerão, em São Paulo, Daniel Santos, torcedor do Corinthians, disse que o brasileiro sempre dá um jeitinho e que no final, vai dar tudo certo, referindo-se à entrega dos estádios, que estavam atrasadas. Seu tempo foi de cinco segundos (5").

Aldo Rebelo, ministro do esporte, falou de alguns fatores que levaram aos atrasos das obras dos estádios, lembrando dos acidentes e das mortes em função deles. Disse também que os ingressos dos novos estádios estão mais caros porque sua manutenção é mais cara e falou da proposta de implementação de subsídios cruzados, para não excluir a população mais pobre. O ministro teve um tempo de um minuto e 10 segundos (1'10").

Na inauguração da Arena Fonte Nova, o mecânico Jorge Luís, que teve sete segundos (7"), disse que a arena anterior não era boa, tanto que caiu e que a nova está ótima, de primeiro mundo. Também com sete segundos (7"), Fábio Cavalcanti, motorista, falou que a arena é tudo para os baianos. O funcionário público José Francisco teve cinco segundos de fala (5") e disse que o novo estádio é modernidade e conforto.

Secretário estadual da copa na Bahia, Ney Campello falou do legado das obras da Copa para depois do evento, dizendo que os aeroportos, metrô e demais construções e reformas ficarão para o usufruto da população. Sua fala durou aproximadamente 21 segundos (21").

Danilo Cajazeiras, representante do comitê popular da Copa, disse que seria preciso mais de 100 anos para repor o investimento feito no estádio Mané Garrincha. Questiona quem seria beneficiado com a Copa, dizendo que o esporte está virando um circo, cada vez mais elitizado e critica algumas obras e projetos inacabados. Falou ainda do legado social da Copa, uma vez que vários movimentos acabaram se articulando. No total, seu tempo foi de 50 segundos (50").

O professor Frederico Matheus teve 12 segundos de fala (12") e afirmou esperar que os gastos com o estádio possam ser ressarcidos com eventos, não só de futebol, como outros esportes e também shows, para que ele não vire um 'elefante branco". Já o servidor público Pedro Paulo falou, em seis segundos (6"), sobre o aumento do preço dos ingressos, dizendo que está muito caro para o salário do povo brasileiro. Fábio Sá, também servidor público, teve quatro segundos (4") e, sobre sua compra de ingressos para a Copa, disse que tem que aproveitar, já que não é sempre que tem Copa aqui. Érika Aredes, jornalista, falou em quatro segundos (4") que mesmo que não seja para jogos do Brasil, está conseguindo curtir um pouco a Copa, referindo-se aos ingressos que comprou. Já o jornalista César Rezende disse, em quatro segundos de fala (4") que a Copa é importante para mostrarmos que sabemos fazer

um evento de grande nível e o colombiano Herlan delgado, administrador de empresas, falou, em 10 segundos (10"), sobre o grande número de pessoas de seu país que comprou ingresso, dizendo que eles são apaixonados por futebol.

Ítalo Mendes, assessor do ministério do turismo, falou sobre a expectativa de gastos dos turistas aqui no Brasil com a Copa do Mundo e das vantagens que as obras e investimentos trazem para o setor, mesmo com alguns atrasos e projetos inacabados. Seu tempo foi de 30 segundos (30").

No terceiro bloco, o Ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, comentou sobre os protestos contra a Copa, falando do direito de se fazerem manifestações e dos abusos provenientes destas, que não poderiam ser permitidos. Seu tempo de fala foi de 24 segundos (24").

Ainda sobre os protestos, o campeão mundial de 94 e 2002, Cafu, disse que as manifestações poderiam afetar a imagem do Brasil e sugeriu que as pessoas lutassem pelos seus direitos depois da Copa. Cafu teve 15 segundos de fala (15").

Paulo Gini é colecionador e falou do início de sua coleção de camisas de futebol, contando um pouco da história de algumas delas. Disse ainda que está a procura de uma camisa da copa de 1938. Paulo teve aproximadamente 27 segundos de fala (27").

Leonardo Espósito, publicitário, teve sete segundos de fala (7") e disse que as pessoas deveriam festejar e procurar ter uma Copa legal. A comerciante Elias Karkar teve 10 segundos (10") e falou da expectativa de vendas de artigos para a Copa do Mundo, como camisas da seleção. Também comerciante, Meirielen Zaquer teve 11 segundo (11")s e contou que lá em sua loja as camisas são mais baratas e que geralmente se reúne na casa de amigos para assistir aos jogos. Don Moraes, vendedor, teve cinco segundos (5") e disse que tem camisas para todos os gostos e bolsos. Com oito segundos de fala (8"), a professora Denise Braguin Nascimento falou sobre suas compras para a Copa, como cornetas e afins. Marília Albert, aposentada, falou em 18 segundos (18") dos hábitos de sua família na Copa e dos gastos com as compras. Já a comerciante Vanessa Oliveira, que teve oito segundos (8"), falou do preço médio de alguns produtos para a Copa e diz que com 20 reais, já dá para sair "equipado" para a Copa. Todos esses entrevistados estavam na rua 25 de março, seja trabalhado ou fazendo compras.

Sobre os álbuns de figurinhas da Copa, Sérgio Parisoto, gerente de vendas, teve 15 segundos (15") e contou que monta álbuns da Copa do Mundo desde 94 e que hoje, mais pessoas têm esse hábito. O projetista Fernando Fuentes teve seis segundos (6") e disse que a última figurinha é sempre a mais difícil de se conseguir. Já Francisca de Maria, estilista,

comentou em 15 segundos (15") que a empresa que faz o álbum de figurinha da Copa poderia dar alguns prêmios, como bolas e ingressos para os jogos e Camila Batista, que teve um tempo de cinco segundos (5"), disse que desde criança faz álbum da Copa, que já é tradição. Esses entrevistados estavam na Avenida Paulista, em um ponto de troca de figurinhas.

Eduardo Lucas, funcionário público, falou da tradição dos moradores de enfeitar as ruas na Copa, lembrando dos investimentos necessários e da organização, que começa mais de um ano antes e conta com a ajuda de vários moradores do bairro. Seu tempo de fala foi de aproximadamente

19 segundos (19"). Ainda sobre a decoração para a Copa, o artista plástico Aldo Alves, que teve 22 segundos (22"), falou da paixão pelo futebol, que incentiva a enfeitar as ruas.

Marilza Guimarães, enfermeira, falou sobre seu hábito de sempre se vestir de verde e amarelo, mesmo fora da época de Copa do Mundo, disse que as pessoas a conhecem como “Dona Patriota” e contou algumas histórias provenientes de sua maneira de se vestir. Ela teve aproximadamente 45 segundos de fala (45").

Sérgio Díaz, mexicano, é dono de restaurante e contou que não esperava a presença de tantos mexicanos em seu estabelecimento e falou também sobre a frequente derrota do México em oitavas de final. Seu tempo total de fala foi de 18 segundos (18"). Já Juan Pacheco, estudante de administração, disse, em 12 segundos (12"), que o Brasil é quase um freguês do México e que espera que eles ganhem a Copa. Edevide Bega, mestranda em Direito, teve oito segundos (8") e disse que é muito bonito estar em outro país, mas sentir que o México está com ela.

Tabela Síntese 12

Número total de entrevistados	59
Tempo total de fala	25'14"
Média de tempo de fala por entrevistado	26"

Figura 12: tabela síntese 12

5.2 ENTREVISTADOS, PERSONAGENS E PAPEIS DESEMPENHADOS: ELEMENTOS DE DRAMAS COTIDIANOS

Após mostrarmos a maneira como cada entrevistado foi inserido nas edições analisadas, no recorte de um ano do Caminhos da Reportagem, cabe agora ir além das

descrições, buscando entender o sentido dessas inserções. Por trás de cada fonte, cenário, corte e fala, há escolhas, conscientes ou não, dos responsáveis pelo programa e implicações que podem nos ajudar a visualizar e compreender, ao menos parcialmente, o papel que os cidadãos assumem nesse produto do telejornalismo público.

Tomando o “Caminhos da Reportagem” como uma narrativa, é possível afirmar que nela, há personagens que exercem os mais diversos papéis, tal como acontece nas novelas, romances, dentre outros, pois há ali uma história sendo contada, seja pelos repórteres ou pelas pessoas que dão os seus relatos. Dessa forma, conhecer o papel que, narrativamente, o programa atribui às fontes, ainda que de maneira geral, pode permitir que se tenha uma visão de como ele, enquanto programa produzido e veiculado por uma TV pública, busca inserir o cidadão e garantir a eles seus direitos referentes à comunicação e informação.

No livro “Dramaturgia do Telejornalismo”, resultado de sua tese de doutorado, Iluska Coutinho (2012) defende que as narrativas telejornalísticas são construídas de forma a se assemelhar a um drama cotidiano, com personagens construindo uma história. Tomando como uma das bases teóricas esse modelo, buscou-se verificar de que forma esse drama incorpora a fala dos entrevistados e quais os objetivos dessa construção.

Basear parte do trabalho aqui proposto na teoria da Dramaturgia do Telejornalismo, de Coutinho (2012), requer primeiramente, evidenciar algumas diferenças substanciais entre as entrevistas dos falantes em um telejornal diário, que foi o objeto empírico da autora, e aquelas dos falantes de uma grande reportagem. Fatores como produção, edição e principalmente tempo, devem ser considerados, uma vez que, geralmente, os VTs de um telejornal duram poucos minutos e são, muitas vezes, totalmente feitos um pouco antes de irem ao ar. Já nas grandes reportagens, há um tempo maior para escolher cada entrevistado, fazer a entrevista e editá-la.

Como mostrado anteriormente, na descrição de cada entrevistado, alguns programas guardaram elementos comuns aos VTs, como o povo-fala ou entrevistas não agendadas, como as de manifestações, mas na grande maioria dos casos, os entrevistados ouvidos eram especialistas, falando tecnicamente sobre o assunto abordado, muitas vezes munidos de dados e evidências científicas, ou eram personagens, falando de suas experiências pessoais, oferecendo seus relatos.

No primeiro programa analisado, sobre inclusão escolar, dos 31 entrevistados, 17 foram classificados como personagens, que estavam lá para contar suas histórias. Dentre esses, a maioria eram pais de crianças com deficiência ou os próprios portadores de deficiência. De restante, 14 foram classificados como especialistas e um, como sendo político.

Nesse programa, é interessante observar que os próprios deficientes, quando possível, ou seja, quando não eram muito novos e/ou portadores que uma deficiência que os impedia ou dificultava muito foram ouvidos, não deixando a fala apenas com seus pais. Um deles inclusive, Emílio Figueira, foi ouvido antes mesmo de sua mãe, evidenciando assim uma autonomia de seu relato. Em termos de tempo individual, o único portador de deficiência que falou por bem pouco tempo foi Pedro, de 18 anos, portador de Síndrome de Dawn, que falou por seis segundos (6"). Os demais, Bruna, Emílio e Fernandinho, tiveram um tempo de fala proporcional aos outros entrevistados e tiveram protagonismo em suas falas, o que não ocorreu com Pedro, onde sua fala serviu apenas para exemplificar o que sua mãe já havia dito.

Em “Vítimas de conflitos armados na Colômbia”, dos 37 entrevistados, 21 foram classificados como personagens, que em sua maioria contaram histórias de violência e sobrevivência; sete (7) como especialistas; seis (6) como sociedade civil – ONG; dois (2) como fonte ligada ao governo, e um (1) como político. Observou-se, nesse episódio, que alguns personagens foram ouvidos na rua e que nada se falou sobre os esforços do governo em combater a guerrilha, evidenciando que seu foco era mesmo nas histórias das vítimas.

No programa sobre o Cangaço, foram ouvidos 25 entrevistados, dentre os quais 13 eram especialistas; oito (8) personagens; três (3) artistas e um (1) como sociedade civil- ONG. Por se tratar de um programa histórico, recontando histórias de personagens antigos, o número de especialistas, que ajudaram a contar as histórias e explicar alguns fatos, foi maior que o de personagens, aqueles que de alguma forma, tiveram suas histórias cruzadas às dos cangaceiros.

Nesse episódio, muitos entrevistados foram classificados como especialistas por saberem a fundo muitas histórias sobre o tema, sem necessariamente terem uma formação na área. Observou-se também que um dos entrevistados, o escritor Anildomá, contou sua história fazendo às vezes de repórter, como em uma passagem, o que foge dos padrões usuais e demonstra um tom inovador, compatível com as expectativas quanto ao jornalismo na TV pública (COUTINHO, 2013).

No episódio sobre exploração sexual de menores, dos 22 entrevistados ouvidos, oito (8) eram especialistas; sete (7) personagens; quatro (4) sociedade civil-ONG; dois (2) artistas e um político. É importante ressaltar que, pela complexidade e delicadeza do tema abordado, há uma maior dificuldade em ouvir personagens, ainda mais se tratando de menores, o que pode justificar um maior número de especialistas. Outro ponto observado foi que nenhum personagem foi ouvido em sua casa, fato que também pode ser associado ao tema abordado, uma vez que, segundo os relatos, muitas famílias dos menores não conhecem suas histórias,

de abusos sexuais ou prostituição. Além do mais, em uma de suas passagens, o repórter contou que tentou entrar em contato com autoridades locais, como prefeito e delegado, mas eles não quiseram dar entrevistas.

O programa sobre o funk carioca foi um dos mais difíceis quanto a classificar seus entrevistados, pois muitos deles mesclavam-se entre artistas, personagens e especialista, uma vez que eram MCs ou DJs, mas que estavam ali contando suas histórias e também falando sobre o funk. Dessa forma, optou-se por classificar como artistas aqueles mais famosos e reconhecidos, como o DJ Malboro, Fernanda Abreu e MC Marcinho, como personagens, aqueles que falaram principalmente sobre sua própria história dentro do funk e como especialista, aqueles que se ativeram em falar da história do funk. Dessa forma, dos 31 entrevistados, nove (9) foram classificados como personagens; oito (8) como especialistas; cinco (5) como artistas; quatro (4) como populares; quatro (4) como iniciativa privada e um como representante de órgão público.

Durante uma das entrevistas, um promotor de justiça, único entrevistado classificado como integrante de órgão público, falou sobre as meninas do “Bonde das Maravilhas”, citando que quatro delas eram menores e que por isso precisariam de autorização judicial para trabalhar, mas nenhuma das integrantes nem algum representante delas foi ouvido para falar sobre o assunto.

Em “A hora da chegada – como nascem os bebês no Brasil?”, foram ouvidos 32 entrevistados, 18 deles foram especialistas, entre obstetras, enfermeiras, doulas e parteiras; 10 personagens, sendo nove (9) mães, que contaram suas experiências enquanto parturientes e um (1) pai; dois (2) sociedade civil- ONG e dois (2) populares, que estavam em uma manifestação em prol das doulas. Observou-se que não foi ouvido nenhum obstetra que só faz cesárias, apesar da reportagem citar que muitos agem dessa maneira e nem algum representante de planos de saúde, citados como uma dos responsáveis pelo número de cesárias bem maior que o recomendado.

Em “O mundo que não se vê”, foram ouvidas 36 pessoas, sendo a grande maioria, 24, classificada como personagem; seis (6) especialistas; dois (2) da iniciativa privada; dois (2) populares; um (1) artista e um (1) representante de sociedade civil-ONG. O número de personagens desse programa evidencia que ele foi baseado em relatos e histórias de pessoas com deficiência ou seus parentes próximos, como foi o caso de algumas mães de crianças com baixa visão. Observou-se que os personagens com deficiência visual falaram, em sua maioria, sobre suas profissões e atividades, geralmente fora de suas casas, o que pode caracterizar uma não vitimização, dando um tom de esperança à matéria.

O episódio que falou sobre os estrangeiros no Brasil teve um total de 29 entrevistados, sendo 14 personagens; nove (9) populares; três (3) especialistas; dois (2) da iniciativa privada e um (1) de órgão público. Nesse programa, observou-se que Luigi Bavaresco, personagem com o maior número de inserções, muitas vezes fez também o papel de especialista, pois além de contar sua história, falou sobre a crise econômica na Europa e sobre a Itália, seu país de origem. Pode-se destacar também o enfoque positivo do programa ao falar de imigrantes da Europa e Estados Unidos, mostrando apenas personagens bem sucedidos.

O programa sobre a censura, no especial sobre o Golpe Militar, dos 19 entrevistados, 13 eram personagens; cinco (5) especialistas e um (1) artista. Nesse episódio, também pode-se considerar alguns entrevistados como tendo mais de uma classificação possível, uma vez que quase todos os personagens, por terem vivido as histórias contadas, tornam-se também, um pouco especialistas.

Em “Dorival Caymmi – 100 anos”, como o personagem em questão era o próprio homenageado, Dorival Caymmi, nenhum entrevistado foi classificado como personagem. Grosso modo, todos eles, por terem contado histórias da vida e da obra do artista, em algum grau cumpriram o papel de especialistas, mas os que foram creditados pela reportagem como músicos, aqui classificaram-se como artistas. Dessa forma, dos 13 entrevistados, nove (9) eram especialistas; três (3) artistas e uma (1) ONG. A ausência de Nana Caymmi, cantora e filha de Dorival Caymmi, chamou a atenção, uma vez que outros filhos do artista foram ouvidos.

Em “A Pele Negra”, foram ouvidos 23 entrevistados, dentre os quais 16 foram classificados como personagens; seis (6) como especialistas e um (1) como artista. Ricardo Alexino, professor da ECA, na USP, foi classificado como especialista, mas também é um personagem, por ser negro e ter contado uma história pessoal sobre discriminação, mais uma vez evidenciando que essas classificações servem como referência, mas não são fixas e fechadas. Nesse episódio, considerou-se a fala do músico Toquinho um tanto descabida, uma vez que ele não conta nada específico sobre a temática do programa, apenas dizendo impressões pessoais.

“Futebol – memórias, novas arenas e muitas emoções” teve um total de 59 entrevistados, número bem acima da média dos outros programas analisados. Outro diferencial desse episódio deu-se pela maioria de entrevistados, 23, o que corresponde a 38,9% do total, serem classificados como populares, seguidos de 14 personagens; nove (9) especialistas; cinco (5) da iniciativa privada; três (3) do governo; três (3) atletas; um (1) de órgão público e um (1) de sociedade civil-ONG. Apesar de tratar-se de uma grande

reportagem, perfil do “Caminhos da Reportagem”, esse programa foi o que mais se assemelhou, por seu formato, de uma matéria de um telejornal, principalmente a partir do segundo bloco, por falar de um tema factual (a copa do mundo). O primeiro bloco dedicou-se mais a lembrar das copas anteriores e por isso, teve uma edição diferente do restante do programa. Mais uma vez, observou-se que a alguns entrevistados, caberia mais de uma classificação, como no caso de atletas que, na entrevista, falavam como personagens ou especialistas.

Tabela Síntese 14

Classificação	Total de entrevistados
populares	40
personagens	153
especialistas	106
Ligadas ao governo	5
políticos	2
De órgão público	3
De iniciativa privada	13
ONG	21
artistas	11
atletas	3

Figura 14: tabela 14

De modo geral, após analisar cada programa, pode-se chegar a algumas conclusões iniciais sobre o “Caminhos da Reportagem”. Salvo algumas exceções, o programa procura ouvir mais de uma opinião sobre determinado assunto, sempre colocando, na edição, as opiniões conflitantes próximas uma da outra, permitindo que o telespectador perceba as divergências.

Quanto aos locais de fala dos personagens, muito importantes para tentar entender a relevância dada a eles, observou-se que em alguns episódios, como “Funk carioca” e “Rota do Cangaço”, muitos entrevistados foram ouvidos nas ruas, mas acredita-se que o motivo seja principalmente a estética. No caso de alguns funkeiros, as ruas das favelas são também um cenário de seu trabalho e as ruas do sertão, cenário das histórias dos cangaceiros. Além disso, foi possível perceber também que, quando o entrevistado é pobre e mora em uma casa humilde, é comum dar-se especial atenção ao fato, com os personagens apresentando suas casas ou mesmo a câmera mostrando vários detalhes, o que não observou-se em uma casa de

classe média.

Fator importante para essa pesquisa, o tempo de fala dos entrevistados, mencionados no item anterior, pode sofrer algumas alterações, dependendo da edição. Isso porque algumas vezes, as falas são interrompidas por comentários e perguntas rápidas do repórter, bem como intercaladas rapidamente com imagens que a ilustram. Além disso, como nas reportagens é comum aparecer entrevistas longas, observou-se que, além do conteúdo, a velocidade da fala de cada um também interfere em seu tempo total. Tais observações ajudam a entender que, apesar de importante para a pesquisa, o tempo de fala também não é preciso, servindo como parâmetro geral, mas não como número absoluto.

No que se refere ao formato e edição, foi possível perceber algumas coisas incomuns, como o já citado entrevistado atuando como repórter, com uma passagem. Ainda no episódio sobre o cangaço, a repórter emite uma opinião pessoal sobre o tema, dizendo que antes via os cangaceiros como bandidos, mas que ao final da reportagem, acha que eles foram também mocinhos. Já no episódio sobre o centenário de Caymmi, a repórter inicia uma de suas passagens cantando um trecho de uma música, evidenciando o tom informal.

Quanto aos entrevistados, ponto que mais interessa a essa pesquisa, além das observações já citadas, percebeu-se que na maioria dos programas, as falas de alguns são distribuídas ao longo dos três blocos, com várias inserções. Desse modo, evidencia-se um certo destaque àquele entrevistado que apareceu mais vezes, falando de mais de um assunto diferente. Geralmente, esse recurso é utilizado com especialistas, que vão ao longo do programa falando de vários assuntos relacionados ao tema principal, mas também há casos de personagens com múltiplas inserções.

Ao propor a teoria de dramaturgia do telejornalismo, Coutinho criou categorias de papéis desempenhados pelos personagens em diferentes VTs:

Entre os papéis que poderíamos chamar de essenciais ou fundamentais nas narrativas analisadas estão os de: mocinho, vilão, herói, vítima, expert, parceiro/aliado, mediador, concorrentes e ainda o de musa ou troféu em disputa. Há ainda algumas variações destes papéis tipo padrão, que seriam os de vilão implícito; neomocinhos ou vilões regenerados/arrepentidos; fiscais ou defensores; beneficiados/ favorecidos e ainda o personagem misterioso ou radical. (COUTINHO, 2012, p.139)

Mesmo que a proposta dessa pesquisa não seja classificar cada personagem em papéis específicos, conforme fez a autora, é possível fazer um exercício de associação rápida e perceber que, assim como nos VTs, também nas grandes reportagens analisadas aqui, existem papéis desempenhados nos dramas informativos e certamente, a predominância de cada um

vai variar de acordo com a temática do programa. A seguir, faremos um exercício de tentar, para cada categoria criada pela autora, apontar alguns entrevistados analisados em nosso recorte, a fim de perceber quais categorias de entrevistados se encaixa melhor em cada papel.

Mocinhos: a maioria dos entrevistados que classificamos como personagens, podem aqui ser categorizados como mocinhos, uma vez que eles são, quase todas as vezes, protagonistas dentro do contexto de suas falas. Além dos protagonistas, alguns entrevistados classificados como artistas também poderiam ser aqui considerados mocinhos, como é o caso daqueles presentes do episódio sobre o funk carioca, como o DJ Malboro e o MC Marcinho, que são mocinhos por serem figuras populares e carismáticas no universo do funk carioca, contado pela reportagem.

Vilão: em quase todos os episódios analisados, há vilões implícitos, como é o caso dos abusadores, no episódio sobre exploração sexual de menores, os médicos que fazem cesarianas desnecessárias no episódio sobre o nascimento de bebês no Brasil e os censores, no episódio sobre a censura durante a ditadura. Porém, ele pode ser percebido de forma explícita no episódio sobre o conflito armado na Colômbia, na voz de representantes do governo, ao falarem sobre a falta de assistência às vítimas. Apesar de os principais vilões serem os guerrilheiros, o governo também teve esse papel algumas vezes no drama contado.

Herói: esse seja, talvez, o papel mais heterogêneo, em termos de classificação de acordo com os entrevistados observados. Como exemplo de heróis, podemos citar os jogadores campeões do mundo, que foram classificados como personagens, os artistas e personagens que contaram como sobreviveram à censura e à ditadura e as doulas, que dão assistência física e psicológica às gestantes, classificadas como especialistas e praticamente todos os entrevistados classificados como ONGs, que fazem algum tipo de trabalho em prol da sociedade.

Vítima: dentre todos os entrevistados classificados no nosso recorte empírico, apenas os personagens, que são maioria, exercem em alguns momentos, papel de vítima. Dentre eles, podemos destacar a maioria dos personagens do episódio sobre o conflito armado da Colômbia e os do episódio sobre exploração sexual de menores. Além desses, são também vítimas as mães que sofreram violência obstétrica no programa sobre o nascimento de bebês, os negros que sofreram discriminação, citados no programa sobre a pele negra, e os entrevistados do programa sobre censura, só para citar alguns exemplos.

Expert: todos os entrevistados classificados como especialistas, dentro do drama cumprem papéis de expert, pois eles têm um discurso especializado sobre determinado assunto e entram na narrativa para dar explicações e fazer esclarecimentos, bem como

anunciar dados.

Parceiro/aliado: Mais uma vez, todos os entrevistados que cumpriram esse papel na narrativa foram classificados como personagem. Podemos citar o irmão de Bruna, uma adolescente cadeirante que é apresentada no episódio sobre inclusão escolar. Ele fala que defende sua irmã dos colegas na escola. Também nesse episódio, a melhor amiga de Fernandinho, que tem “ossos de vidro”, fala da amizade deles. No episódio sobre a pele negra, aparecem alguns outros parceiros/aliados, como o viúvo e a amiga de uma mulher negra assassinada pela polícia e a viúva e a irmã de pedreiro Amarildo.

Mediador: os repórteres, de maneira geral, assumem algumas vezes o papel de mediadores, buscando os lados envolvidos nas histórias. Em alguns casos, também são mediadores o poder público, ou mesmo a lei, que acaba esclarecendo as dúvidas que causam conflitos. Os exemplos de mediadores presentes em nosso recorte empírico são, portanto especialistas que, em seu discurso, explicam alguma questão que de certa forma, está conflitante entre outros entrevistados.

Concorrente: não foi encontrado nos entrevistados aqui analisados. Não há matérias sobre disputas mais *stricto sensu*, o que retira o lugar de concorrente.

Musa/troféu em disputa: esse é sempre um personagem implícito, nunca entrevistado. No nosso recorte seriam, por exemplo, a liberdade, no programa sobre censura e a justiça, no programa sobre a rota do cangaço.

Depois de estabelecidas essas relações entre as fontes classificadas no nosso recorte e os papéis categorizados pela autora, é possível afirmar que as fontes classificadas como personagens são as que podem, potencialmente, exercer mais papéis dentro da dramaturgia do telejornalismo. Além disso, observou-se que, dependendo da construção da narrativa, do drama contado, cada entrevistado pode exercer mais de um papel.

Tais observações mostram que o conceito de dramaturgia do telejornalismo (Coutinho, 2012) também se aplica a outros programas telejornalísticos que não o telejornal. Contudo, é preciso ressaltar que as metodologias e resultados não podem ser comparados pois aqui, além do produto analisado ser diferente, trata-se de um programa de emissora pública.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: O PAPEL DOS CIDADÃOS NO CAMINHOS DA REPORTAGEM

Ao longo desse trabalho, buscamos procurar entender qual o papel que assumem os cidadãos comuns na narrativa do programa “Caminhos da Reportagem”, a fim de saber como eles são representados e como o programa, por ser de uma TV pública, cumpre as demandas da sociedade por uma comunicação mais inclusiva e cidadã. Para responder às perguntas iniciais e compreender como se dá esse processo de inclusão no programa, mais que apontar resultados advindos dos episódios selecionados, é preciso também observar, de maneira abrangente, vários outros quesitos, também estudados durante essa dissertação. É chegado o momento, portanto, de pensar a democratização da comunicação, as relações de identidade com a mídia, os papéis da TV Pública perante a sociedade, dentre outras questões, relacionando-as diretamente ao que se observou no Caminhos da Reportagem. Só assim, poderemos ter um norte para saber como teoria e prática se encaixam na busca pelas respostas que almejamos.

No capítulo sobre comunicação e identidade, vimos que a mídia busca criar laços com os telespectadores, através de sua programação, para que ele se identifique e se sinta parte da realidade por ela retratada. Se levarmos em conta que é através de mídia, mais especificamente da televisão, que os cidadãos têm contato com o mundo, mesmo que por meio de subjetividades, qual mundo lhes é mostrado por meio do “Caminhos da Reportagem”? Não apenas as pautas, mas também a forma como cada tema é abordado pode apresentar para os telespectadores-cidadãos realidades que, independente de serem parecidas com as suas ou não, o façam refletir sobre o que ocorre na sociedade à sua volta. Muitos temas que apareceram nos episódios selecionados são negligenciados pela grande mídia e o contato com outros tipos de realidades acaba aproximando o público também daquela parcela da sociedade que muitas vezes é marginalizada, ou ao menos, oferta ao telespectador-cidadão perspectivas diferentes sobre um mesmo tema, o que pode ser considerado positivo. O mesmo acontece quando discursos especializados dão lugar a falas de pessoas comuns, que fazem parte da história contada.

Ao falarmos sobre a Televisão Pública e seus papéis perante a sociedade, destacamos que esta, diferente da comercial, deve interpelar mais ao cidadão que ao consumidor, uma vez que seu objetivo, em tese, não é agradar aos seus patrocinadores a qualquer custo, sempre em busca de uma audiência que se converte em lucro e sim, preocupar-se com questões referentes

à inclusão, educação e cidadania. Assim, tomando como base os episódios analisados para essa dissertação, seria possível perceber alguns elementos que dialogam com aqueles desejáveis em uma TV Pública: temas relevantes socialmente, como os episódios sobre violência contra crianças e sobre os negros; abrangência, mostrando várias regiões do país que às vezes são excluídas, como o episódio sobre a copa do mundo que mostrou a região norte e o episódio sobre os cangaceiros, que buscou contar uma história que faz parte de cultura do nordeste; pluralidade de vozes, com a presença de fontes negras e de várias classes sociais, além da inserção de alguns movimentos sociais e ONGs. Contudo, é preciso ter em mente que tais características são muito mais amplas que o simples acolhimento, considerado positivo, pois a presença de uma fonte negra, por exemplo, não faz com que o programa seja plural, e nem a presença de determinada região faz com que ele seja abrangente. A forma com que essas inserções acontecem e a sua frequência também devem ser levadas em conta. Além disso, as características citadas acima poderiam ser encontradas também em programas de uma emissora privada uma vez que, grosso modo, TV Pública e Privada deveriam ter a mesma qualidade e mesmos objetivos, uma vez que toda concessão de radiodifusão é pública.

No capítulo quatro, mostramos brevemente algumas características que são típicas de uma grande reportagem, como uma pesquisa mais extensiva e completa, abordagem multiangular, contextualização e multiplicidade de vozes. Observamos, por meio dos episódios analisados, que essas características estão presentes no Caminhos da Reportagem de forma bem explícita. Em todos os programas, percebemos, por meios dos textos dos repórteres em offs e passagens, um grande volume de informações que dão respaldo ao tema abordado e revelam a pesquisa existente por trás das palavras. Além disso, sempre há mais de um ponto de vista ou viés de pauta sendo trabalhados, bem como muitas fontes e personagens ajudando a contar a história.

O capítulo quatro mostrou também todos os programas que foram ao ar dentro do recorte de um ano de exibição e ali, pudemos ter noção das temáticas trabalhadas e privilegiadas pelo Caminhos da Reportagem. Assim, percebemos que geralmente, os temas escolhidos não são factuais, apesar de terem dentro dele algumas angulações que o sejam, mas sempre têm um viés de interesse público, falando sobre violência, igualdade racial e de gênero, tolerância com as diferenças, questões ligadas à saúde e sobre a história e cultura nacionais. Desse modo, podemos dizer que as pautas escolhidas pelo programa são por si só, inclusivas, o que já é um passo muito importante para que o programa também o seja, dependendo assim, da maneira como os temas são tratados para que chegue ao cidadão, um material capaz de informar, entreter e também ensinar sobre inclusão, respeito e cidadania.

Muitas questões abordadas aqui, foram também lembradas pela equipe do programa, através das entrevistas a ela enviadas. Para essas considerações, cabe portanto buscar avaliar se o que as jornalistas disseram pôde ser observado na prática. A escolha das pautas foi um dos assuntos de maior destaque nas entrevistas respondidas, onde elas disseram privilegiar temas de interesse público, com a presença de parcelas da população que não ganham destaque na grande mídia. Conforme já mencionamos anteriormente, nós de fato observamos tais características nas pautas trabalhadas. Quanto às diferenças de estrutura e angulação existente entre a TV Brasil e as emissoras comerciais, tema que também se destacou nas entrevistas, essa pesquisa não permite estabelecer comparações, uma vez que esse não é nosso foco. Contudo, percebe-se que a equipe do Caminhos da Reportagem é reduzida e que suas reportagens não têm um tom apelativo, muitas vezes observado em outras emissoras. Sobre a escolha das fontes, as jornalistas afirmaram buscar ouvir sempre quem está envolvido no assunto e especialistas, principalmente os da academia. A princípio, podemos afirmar que tais escolhas aparecem nos programas, mas as fontes serão melhor avaliadas posteriormente.

O capítulo empírico desse trabalho é aquele que mais trouxe dados que nos permitem agora, fazer considerações sobre nossa questão central e portanto, merece ser retomado mais detalhadamente. A partir dele, obtivemos informações quantitativas e qualitativas a respeito das fontes presentes no Caminhos da Reportagem. Agora portanto, é o momento de se fazer um exercício de reflexão para ponderarmos o que esses dados podem representar a nível de participação e inclusão do cidadão. É importante frisar que nem sempre encontraremos respostas concretas e muitas vezes, o que teremos são ainda mais perguntas, mas isso de forma alguma é indesejável, uma vez que acreditamos serem as perguntas, muitas vezes, mais esclarecedores que as respostas.

Antes de falarmos propriamente sobre os entrevistados, vamos dedicar um pequeno espaço a outros elementos da narrativa que, ainda que secundariamente, também são de nosso interesse e estão ligados à edição. Observamos que o ritmo da edição sempre acompanha a temática, podendo dar a ela um tom mais animado ou melancólico, mas sem exageros. Não observamos nas edições, elementos que forçassem uma situação, como uma música de fundo muito triste, acompanhados de outros elementos que dessem à cena, mais drama do que aquele já apresentado pelas próprias falas. Isso demonstra um cuidado para que o programa não fique com um tom apelativo e sensacionalista. Na edição das entrevistas, a grande maioria foi dividida ao longo do programa, para que sua fala esteja dentro do contexto daquilo que está sendo discutido no momento. Isso também é útil para que opiniões divergentes apareçam próximas umas às outras, possibilitando que o telespectador as perceba. Por fim, observamos

que a presença ou não do repórter nas entrevistas não é algo padronizado. Além das passagens, em alguns programas ele também aparece fazendo perguntas aos entrevistados e participando mais ativamente da narrativa e em outros, ele quase não aparece. Apesar dessa informação não ser tão relevante dentro da nossa temática, pudemos com ela, perceber que o Caminhos da Reportagem não tem um formato fechado, parecendo estar aberto a experimentações, o que é desejável em um programa realizado por emissora pública.

Passando para a análise dos entrevistados, um dos dados colhidos no capítulo empírico foi o tempo de fala de cada um e assim, foi possível percebermos que houve diferenças nesses tempos, tanto em relação aos entrevistados quanto em relação aos programas. Dentro de um mesmo programa, sempre tem aquela ou aquelas fontes com mais tempo de fala. Geralmente, são as que possuem mais inserções, quase sempre personagens ou especialistas. Nesse sentido, é interessante observar que em quase todos os programas, há fontes que estão presentes durante todo o episódio, nos três blocos, ou em pelo menos dois. Suas falas ajudam a construir a narrativa, seja com histórias pessoais ou com informações sobre o tema abordado. Entre um programa e outro, também observou-se algumas diferenças de tempo médio de fala. A tendência é que em um programa com menos entrevistados, estes acabem tendo mais tempo de fala. Além disso, os offs e passagens também influenciam essa conta, uma vez que nos episódios onde muitas informações foram passadas no texto do repórter, os entrevistados, por consequência, falaram menos. De modo geral observou-se, salvo algumas exceções, como nos “povo-fala”, que os tempos dados aos entrevistados eram suficientes para que elas fizessem sentido de forma mais autônoma, independente do texto do repórter.

Outro dado possibilitado na pesquisa empírica, por meio da construção e leitura das tabelas de análise, diz respeito aos locais de fala dos entrevistados, que são importantes para percebermos qual local mais utilizado para cada tipo de fonte, evidenciando também as preocupações de produção com cada um deles. Assim, o que se verificou foi que as fontes classificadas como personagens ou populares, geralmente foram ouvidas em casa, as classificadas como especialistas foram ouvidas tanto em suas casas quanto em seus locais de trabalho e nas demais, prevaleceram os locais de trabalho. No entanto, há algumas observações a serem feitas: no episódio sobre as vítimas da guerrilha na Colômbia, muitos entrevistados, independente de sua classificação, foram ouvidas na rua. Isso pode significar uma maior dificuldade de produção, por ser em um outro país, como pode também ser uma estratégia para mostrar o local onde estavam, como ocorreu também no episódio sobre os cangaceiros, onde a paisagem do cerrado foi visivelmente privilegiada. Além disso, observou-se que, no caso de especialistas, é muito comum a locação ser em local com muitos livros ao

fundo, como uma biblioteca, seja em suas casas ou no trabalho. O cenário em TV também significa, ainda que essa não seja a intenção racional da equipe, uma busca por legitimar aquela fonte como um estudioso, um intelectual que mereça credibilidade. Do mesmo modo, também observou-se uma tendência em dar destaque às casas dos entrevistados mais pobres, sejam eles populares ou personagens. Isso se deu tanto com o próprio entrevistado apresentando sua casa, quanto com apenas a câmera dando destaque ao local humilde. Isso também pode evidenciar uma busca por narrar audiovisualmente a pobreza e simplicidade da fonte.

Quanto à classificação das fontes, conforme descrito no capítulo anterior, a grande maioria dos programas teve a maior parte de seus entrevistados classificada como personagem, seguida de especialistas. As exceções foram o programa sobre partos no Brasil, que teve mais especialistas; sobre o centenário de Caymmi, que não teve nenhum personagem, por ser o próprio Caymmi o personagem principal e o último analisado, sobre as copas do mundo, que teve mais populares, em função do grande número de “povo-fala”. Dessa forma, podemos concluir que as narrativas do programa são construídas principalmente por aqueles que estão direta ou indiretamente envolvidos de forma mais íntima com o tema, dando seus relatos, respaldados pelos especialistas que dão dados numéricos, históricos e explicações técnicas. As demais fontes acabam fazendo parte de angulações muitas vezes secundárias. É o caso, por exemplo, daquelas classificadas como ONGs, que quando estão presentes nas narrativas, isso ocorre de maneira coadjuvante.

Quando o trabalho se propôs a avaliar o programa “Caminhos da Reportagem”, a fim de perceber e entender o papel dado aos cidadãos em sua narrativa, seu objetivo era, mais que obter uma resposta, refletir sobre a maneira como as fontes são inseridas, qual a relevância de sua presença para o programa. Esses cidadãos, que representam os telespectadores, as pessoas comuns que assistem ao programa, têm um protagonismo no programa ou são apenas secundários, servindo de ilustração para o que é dito por especialistas, autoridades ou pelo próprio repórter? Até aqui, pôde-se perceber que sim, a maioria dos cidadãos comuns presentes nos episódios assumiram um certo protagonismo, representados como donos de suas histórias, ainda que por pouco tempo. É claro que nem todos tiveram o mesmo papel, assim como ocorre com todas as demais fontes.

No fundo, havia implícita uma desconfiança de que, tal como ocorre muitas vezes em telejornais diários, as pessoas comuns inseridas nas matérias não teriam muita voz, sendo sufocadas por offs e discursos especializados. Por fim, não foi o que ocorreu e tal fato, que também poderia ser justificada pela diferença de formatos, se deu muito mais pelas pautas e

tratamento dado a elas. Falar de negros sem ouvir os negros, de cegos sem ouvir os cegos ou de cangaceiros sem ouvir quem teve contato direto com eles, não se justificaria, ou não renderia uma reportagem de mais de 50 minutos.

Sobre o papel desempenhado pelo “Caminhos da Reportagem” enquanto telejornalismo público, é notório que ele se destaca por primar pelo interesse público e buscar trazer as pessoas para mais perto da realidade brasileira. Contudo, deve-se ter a consciência que ainda há muito o que avançar, como procurar cada vez mais desprender-se dos padrões muitas vezes impostos pela grande mídia e assim, apreender o outro verdadeiramente, sem as barreiras das lentes das câmeras nem os preconceitos estabelecidos por um padrão que já é sabido, não atende à demanda de uma sociedade que precisa ser melhor representada. Muito mais que colocar a cara do Brasil na tevê, é preciso ouvir o que o brasileiro comum tem a dizer, permitindo, ainda que de uma forma muito sutil, que cada cidadão do outro lado da tela possa ser representado, ou no plural, como se defende em televisão pública.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, João Batista. **O povo fala: um cineasta na área de jornalismo da TV brasileira.** São Paulo: Senac, 2002.

BHABHA, Homi K. **Dissemination: time, narrative and the margins of the modern nation.** In: _____ (org.). *Nation and narration.* London/ New York, Routledge, 1990.

BRASIL, Antonio; ARNT, Hérís. **Telejornalismo online em debate.** Rio de Janeiro: Epapers, 2002.

BRASIL. **Constituição(1988).Constituição** da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado, 1998.

_____. Decreto-Lei no 236, de 28 fevereiro de 1967. Complementa e modifica a Lei número 4.117 de 27 de agosto de 1962. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/Del0236.htm>. Acesso em: 15 de janeiro de 2013.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer.** São Paulo: Editora de Universidade de São Paulo, 1996.

BUCCI, Eugênio. **É possível fazer televisão pública no Brasil?**São Paulo, Novos Estudos, 2010.

Caminhos da Reportagem, Disponível em: <http://tvbrasil.ebc.com.br/caminhosdareportagem>. Acesso em dezembro de 20014.

CANCLINI, Nestor G. **Diferentes, desiguales y desconectados:**Mapas de la interculturalidad. Barcelona: Gedisa Editorial, 2004.

CARRATO, Ângela. **Uma história da TV Pública brasileira.** Tese de doutorado apresentada à UnB, 2013.

COUTINHO, Iluska. **Telejornalismo como serviço público no Brasil: reflexões sobre o exercício do direito à comunicação no Jornal Nacional/ TV Globo** Artigo apresentado no XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom 2009. Disponível em:<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0777-1.pdf> . Acesso em 20 de junho de 2013.

COUTINHO, Iluska. **Dramaturgia do telejornalismo:** a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora-MG. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

DA MATTA, Roberto. “O ofício do etnólogo ou de como ter anthropological blues”. In: **A aventura sociológica.** Edson Nunes (org.) RJ: Zahar, 1978.

DUARTE, Elizabeth Bastos Duarte. **Televisão: ensaios metodológicos.** Porto Alegre: Sulina, 2004.

EDO, C. (2009). **La noticia en Internet: cibermedios, blogs y entornos comunicativos emergentes**. Disponível em: http://www.bocc.uff.br/pag/edo-concha-Internet-como-soporteinformativo_informativo.pdf, acesso em 20 de junho de 2013.

ESTEVES, J. P. (2007) – **Os novos media na perspectiva da democracia deliberativa: sobre redes e tecnologias de informação e comunicação**. In PIRES, E. B., org. – *Espaços públicos, poder e comunicação*. Porto: Edições Afrontamento. p. 209-224.

FORT, Mônica Cristine. **Televisão Educativa: a responsabilidade pública e as preferências do espectador**. São Paulo: Annablume, 2005.

GODINHO, Jacinto. **As Origens da Reportagem – Televisão**. Lisboa: Livros Horizonte, 2011.

GOMES, I. M. M. G. (org.). **Gêneros televisivos e modos de endereçamento no telejornalismo**. Salvador: EDUFBA, 2011.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: Investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 2ª edição, 2003.

HALL, Stuart. Quem precisa da Identidade? In: SILVA, Tomás Tadeu (Org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

JACKS, Nilda. “Recepção televisiva: o que dizem as pesquisas acadêmicas na década de 1990?” In: **Televisão: entre o mercado e a academia** / Elizabeth Bastos Duarte e Maria Lília de Castro (orgs.). Porto Alegre: Editora Sulina, 2006.

LAGO, Cláudia. **Ensinaamentos antropológicos: a possibilidade de apreensão do Outro no Jornalismo**. Compós, 2009.

LEAL FILHO, Laurindo. “TV Pública.” In: BUCCI, Eugênio (org.). **A TV aos 50: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

LOPEZ, Xosé (2007). **Gestión de las vías de participación en el ciberperiodismo. Estudios sobre el Mensaje Periodístico**. Vol 13, 2007.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 9ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira: Cultura Brasileira e indústria cultural**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PINTO, Manuel. **Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo**. Comunicação e Sociedade, Minho, n. 2, 2003.

QUADROS, C.; QUADROS, I.; MASSIP, P. **Webjornalismo: da forma ao sentido**. Compós, 2009.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006

TEIXEIRA, Mônica. **Telejornalismo: o dia-a-dia do mundo**. In: revista *Tela Viva*, junho de 2000.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

TV Brasil. Disponível em: <http://www.tvbrasil.org.br/sobreatv/> . Acesso em: 18 de novembro de 2012.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão**. São Paulo: Ed. Ática, 1996.

APÊNDICES

APÊNDICE A - TABELAS DE ANÁLISE

Inclusão escolar: uma equação complexa	Arquivo 1
Vítimas de conflitos armados na Colômbia	Arquivo 2
A rota do cangaço	Arquivo 3
Exploração sexual de menores: entre a culpa e a inocência	Arquivo 4
Contagante e polêmico: o Funk carioca	Arquivo 5
A hora da chegada – como nascem os bebês no Brasil?	Arquivo 6
O mundo que não se vê	Arquivo 7
O Brasil dos estrangeiros	Arquivo 8
50 anos do Golpe Militar - censura	Arquivo 9
Dorival Caymmi – 100 anos	Arquivo 10
A pele negra	Arquivo 11
Futebol – memórias, novas arenas e muitas emoções	Arquivo 12

APÊNDICE B – ENTREVISTAS COM A EQUIPE DO CAMINHOS DA REPORTAGEM

Entrevista Cintia	Arquivo 13
Entrevista Carina	Arquivo 14
Entrevista Ana Maria	Arquivo 15
Entrevista Débora	Arquivo 16

ANEXOS

Algumas mensagens recebidas pela equipe do programa Caminhos da Reportagem via Ouvidoria, e-mail e Facebook	Arquivo 17
---	------------